

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS

MYLENA FRAZÃO DA CRUZ

NOS ENTORNOS DO DISCURSO: CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO ESPOSA NO
MANUAL DA ESPOSA PÓS-MODERNA

São Luís
2023

MYLENA FRAZÃO DA CRUZ

**NOS ENTORNOS DO DISCURSO: CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO ESPOSA NO
*MANUAL DA ESPOSA PÓS-MODERNA***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PGLetras) da Universidade Federal do Maranhão, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ilza Galvão Cutrim.

Linha de pesquisa: Estudos de Linguagem e Práticas Discursivas

São Luís
2023

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

da Cruz, Mylena Frazão.

Nos entornos do discurso : constituição do sujeito
esposa no Manual da esposa pós-moderna / Mylena Frazão da
Cruz. - 2023.

127 f.

Orientador(a): Ilza do Socorro Galvão Cutrim.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em
Letras/cch, Universidade Federal do Maranhão, São Luís,
2023.

1. Discurso. 2. Mulher-esposa pós-moderna. 3.
Sujeito. I. Cutrim, Ilza do Socorro Galvão. II. Título.

MYLENA FRAZÃO DA CRUZ

**NOS ENTORNOS DO DISCURSO: CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO ESPOSA NO
MANUAL DA ESPOSA PÓS-MODERNA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PGLetras) da Universidade Federal do Maranhão, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ilza Galvão Cutrim.

Linha de pesquisa: Estudos de Linguagem e Práticas Discursivas

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Profa. Dra. Ilza Galvão Cutrim
Universidade Federal do Maranhão

Membro externo: Profa. Dra. Roselene de Fátima Coito
Universidade Estadual de Maringá

Membro interno: Profa. Dra. Mônica da Silva Cruz
Universidade Federal do Maranhão

Suplente: Prof. Dr. José Dino Costa Cavalcante
Universidade Federal do Maranhão

São Luís
2023

Mãe, este projeto de vida é seu.

AGRADECIMENTOS

Agradecer certamente é a parte mais fácil, porque há tanto pelo qual me sentir grata em tempos tão difíceis quantos estes.

Agradeço a Deus por ter cuidado da minha família, dos meus amigos e de mim; por ter permitido que continuássemos aqui.

Agradeço aos meus pais, Claudenir e Nagibe, por cuidarem de mim tão bem, por terem me auxiliado a me tornar quem sou, por respeitarem minhas escolhas, por me inspirarem constantemente. Se eu pudesse escolher, ainda escolheria vocês.

Agradeço às minhas irmãs, Mylla e Maysa, por estarem ao meu lado, literal e figurativamente. Eu me orgulho tanto de vocês. Vocês me inspiram.

Agradeço aos meus sobrinhos, Lara, Nagibe Neto, Maria Luiza e Lorenzo, por serem o motivo dos meus sorrisos mais espontâneos. Minha vida foi se enchendo de cor à medida que vocês chegavam. Obrigada por todo colorido, até pelo futuro branco dos cabelos. Eu amo tanto vocês, do tamanho de uma baleia – mentira, bem mais.

Agradeço aos meus avôs paternos, Luzia e Carlindo, pelo amor expresso de tantas maneiras. Obrigada por papai.

Agradeço aos meus avôs maternos, Maria Francisca e José Domingos, *in memoriam*, por terem me dado a minha mãe. Que suas almas estejam bem.

Agradeço à Layane Sousa por todos os memes, figurinhas e *links* compartilhados que me fizeram rir, que me fizeram bem. Obrigada por compartilhar comigo as mesmas paixões, por ser amiga, por ser irmã. Sou grata por sua vida.

Agradeço à Adrianne Carvalho pelas muitas conversas sobre qualquer coisa, sobre nada, sobre tudo. Obrigada até pelos momentos de silêncio. Sua amizade me conforta.

Agradeço à Carla Lima pelas músicas tristes, por sempre assistir as séries que indico, por confiar na gente e pela genuína preocupação.

Agradeço à Eliza Frazão por quase duas décadas de amizade, por sempre me contar histórias divertidas, por ainda rirmos juntas e por ser 10 centímetros mais baixa do que eu. Você sabe, eu adoro isso.

Agradeço a Mateus Pontes pelo amor, pela preocupação, pelos gatinhos, pelas tartarugas e pelos ursos, por tanta coisa... eu sou tão grata a todos os caminhos, a todas as escolhas, a todas as pontes e a todos os Pontes que me levaram até você.

Agradeço também aos meus bons amigos Rayan Rubens – como é bom te sentir perto, mesmo você estando tão longe –, Mateus Carvalho – meu amigo, meu cunhado, meu irmão –, José Lucas Borges – você é tão legal quanto é alto – e Cristiano Matos – você deveria ser menos mal-humorado, seu sorriso é bonito. Vocês sabem, não é? Adoro vocês e tal. Obrigada por me fazerem rir, por rirem comigo. Vocês são homens legais.

Agradeço também ao professor Thiago Soares, à professora Roselene Coito e à professora Mônica Cruz pelas sugestões que auxiliaram para o desenvolvimento deste trabalho. À professora Mônica, agradeço sobretudo pelo incentivo constante. Admiração e respeito sempre.

E, por fim, agradeço à professora Ilza Cutrim, minha querida orientadora. Ainda lembro de quando a conheci, a senhora me inspira desde o meu primeiro ano na UFMA. Obrigada pela paciência, por ter acreditado em mim, por ter me guiado ao longo de todos esses anos – do PIBIC até aqui. Todo o meu carinho, admiração e respeito.

Tantas coisas, em sua linguagem, já lhes escaparam: elas não querem que lhes escape, além do mais, o que dizem, esse pequeno fragmento do discurso – fala ou escrita, pouco importa – cuja frágil e incerta existência deve levar sua vida mais longe e por mais tempo.
(Michel Foucault)

*Queria te dizer que esse amor todo por você/
Ele é irônico/ É só irônico. (Clarice Falcão)*

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo verificar como o sujeito esposa pós-moderna é discursivizado no *zine Manual da esposa pós-moderna*, publicado em outubro de 2019 pela cartunista e jornalista Bruna Maia que até a data de publicação do material assinava somente @estarmorta. Para tanto, orientando-nos pelas regularidades discursivas, construímos quatro séries enunciativas (FOUCAULT, 2008) para direcionar nossa leitura da segunda parte dessa materialidade – nosso foco de análise –, já que alguns desses enunciados guardam semelhanças entre si. As séries são: rainha do lar; bela e saudável; sexualmente resolvida e zero ciumenta e empoderada. Ancoramos nossas discussões nos Estudos Discursivos Foucaultianos a partir de seu método arqueogenealógico. Enquanto a arqueologia pretende descrever o discurso para mostrar como o saber nele aparece regulado, a genealogia busca mostrar como, nas práticas discursivas, há uma relação entre saber e poder. Ademais dos Estudos Discursivos Foucaultianos, e tendo em vista a natureza interdisciplinar desse campo de conhecimento, para realizar os objetivos dessa dissertação, Chaves (2004), Esperandio (2007), Giddens (1993) e Lago (2009) nos ajudam na discussão sobre relacionamentos na pós-modernidade/contemporaneidade e acerca do conceito de mulher/esposa. Concluimos que o sujeito esposa pós-moderna é constituído numa relação intrínseca entre sujeito, história e sociedade, isso porque, em uma perspectiva discursiva, é impossível dissociar o sujeito dos fatores internos e externos que os constituem, ou seja, não dá para pensar o processo de formação do sujeito esposa pós-moderna, inscrito no *zine*, sem levar em conta a prática e o *lôcus* que sustentam as discursividades que o produz. Consideramos que o arquivo se repete em uma (des)continuidade do que é ser mulher esposa pós-moderna. As EPMs constituem-se enquanto tais inseridas em teias de relações de saber-poder, regimes de verdade e modos de governo bastante complexos, que não apenas as normatizam, mas produzem saberes e modos de agir sobre si mesmas o que faz deste *corpus* uma técnica de constituição ética dos sujeitos.

Palavras-chave: mulher-esposa pós-moderna; sujeito; discurso; arquivo; *zine*.

RESUMÉN

Esta investigación tiene como objetivo verificar cómo el sujeto esposa posmoderna es discutido en el *zine Manual da mulher pós-moderna*, publicado en octubre de 2019 por la dibujante y periodista Bruna Maia, quien hasta la fecha de publicación del material firmó solo @estarmorta. Para eso, guiados por regularidades discursivas, construimos cuatro series enunciativas (FOUCAULT, 2008) para orientar nuestra lectura de la segunda parte de esta materialidad – nuestro foco de análisis –, ya que algunos de estos enunciados tienen similitudes entre sí. Las series son: reina del hogar; hermoso y saludable; sexualmente resuelta y cero celosa y empoderada. Anclamos nuestras discusiones en los Estudios Discursivos Foucaultianos desde su método arqueogenalógico. Mientras que la arqueología pretende describir el discurso para mostrar cómo el conocimiento aparece regulado en él, la genealogía busca mostrar cómo, en las prácticas discursivas, existe una relación entre saber y poder. Además de los Estudios Discursivos Foucaultianos, y considerando el carácter interdisciplinario de este campo del saber, Chaves (2004), Esperandio (2007), Giddens (1993) y Lago (2009) nos ayudan en la discusión sobre las relaciones en posmodernidad/contemporaneidad y sobre el concepto de mujer/esposa. Concluimos que el sujeto esposa posmoderno se constituye en una relación intrínseca entre sujeto, historia y sociedad, pues, en una perspectiva discursiva, es imposible disociar al sujeto de los factores internos y externos que los constituyen, es decir, no es posible pensar cuál es el proceso de formación del sujeto posmoderno esposa, inscrito en el *zine*, sin tener en cuenta la práctica y el *lócus* que sustentan las discursividades que la producen. Creemos que estas afirmaciones, cuyo soporte es el *zine*, producen efectos de continuidad y discontinuidad. Las EPMs se constituyen como tales insertas en entramados de relaciones saber-poder, regímenes de verdad y modos de gobierno bastante complejos, que no sólo las regulan, sino que producen saberes y formas de actuar sobre sí mismas, lo que hace de este *corpus* una técnica de constitución ética de los sujetos.

Palabras clave: mujer-esposa posmoderna; sujeto; discurso; archivo; *zine*.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	A terra é redonda	41
Figura 2	Até que o print... ..	43
Figura 3	Aleitamento materno: discurso 1	47
Figura 4	Aleitamento materno: discurso 2	47
Figura 5	O casamento sob um olhar positivo e negativo	50
Figura 6	Os que não querem casar	51
Figura 7	O arquivo em funcionamento	54
Figura 8	Parte I	77
Figura 9	Descrevendo o HF 1	79
Figura 10	Descrevendo o HF 2	80
Figura 11	Descrevendo o HF 3	81
Figura 12	Capa do MEPM	84
Figura 13	A esposa pós-moderna perfeita	87
Figura 14	Do lar e sua manutenção	89
Figura 15	Das contas e da comida	91
Figura 16	Da beleza	93
Figura 17	Da psiquê	95
Figura 18	Do sexo e da liberdade afetiva	96
Figura 19	Das redes sociais	103
Figura 20	Status de relacionamento	104
Figura 21	Existir nas redes sociais	105
Figura 22	Do papo e da interação social	106
Figura 23	Do término	110
Figura 24	Palavras finais	112

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Obras que fundamentam a Arqueologia	31
Quadro 2	As quatro características do enunciado	39
Quadro 3	Elementos que caracterizadores de uma FD	48
Quadro 4	Os pontos que determinam uma formação de estratégias	52
Quadro 5	Consequências da sociedade de consumo nas relações	64
Quadro 6	Modos de objetivação/subjetivação	67
Quadro 7	A organização do MEPM	86
Quadro 8	Séries enunciativas no MEPM	87

LISTA DE SIGLAS

AD	Análise do Discurso
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
EPM	Esposa pós-moderna
FD	Formação Discursiva
HF	Homem feminista
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IC	Iniciação Científica
MEPM	Manual da esposa pós-moderna
MPB	Música popular brasileira

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	15
2. ESTUDOS DISCURSIVOS FOUCAULTIANOS: teoria e método	29
2.1 Os estudos foucaultianos	29
2.1.1 Arqueologia	30
2.1.2 Genealogia	32
2.1.3 O método arqueogenealógico	33
2.2 Considerações teóricas sobre o método	37
2.2.1 Enunciado	37
2.2.2 Discurso	44
2.2.3 Formação discursiva	46
2.2.4 Arquivo	52
3. O SUJEITO PÓS-MODERNO	55
3.1 Considerações iniciais: a pós-modernidade e os relacionamentos pós-modernos	55
3.2 Constituição do sujeito moderno em práticas (não) discursivas e práticas divisoras	66
3.2.1 Práticas (não) discursivas	68
3.2.2 Práticas divisoras	69
4. MANUAL DA ESPOSA PÓS-MODERNA: constituição do sujeito	72
4.1 Feminismo: uma breve discussão	72
4.2 A esposa pós-moderna no zine MEPM.....	84
4.2.1 Rainha do lar: Do Lar e sua Manutenção, Das Contas e da Comida	86
4.2.2 Bela e saudável: Da Beleza e Da Psiquê	93
4.2.3 Sexualmente resolvida e zero ciumenta: Do sexo e da liberdade afetiva, Das redes sociais.....	96
4.2.4 Empoderada: Do papo e da interação social, Do término, Palavras Finais	106
CONSIDERAÇÕES FINAIS	114
REFERÊNCIAS	117
ANEXOS	122

1. INTRODUÇÃO

As sociedades estabelecem, em cada época, normas de condutas que são impostas aos indivíduos para docilizar seus corpos. Como ter um corpo segundo os padrões de beleza vigentes, o que vestir de acordo com a idade, como agir diante de determinado grupo, como andar, falar, comer à mesa são normas de civilidade que, ao longo da história, têm disciplinado nossos corpos.

A sociedade, seus costumes e normas foi parte da nossa pesquisa de Iniciação Científica (IC), desenvolvida no período 2017-2018 e 2018-2019 e financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Ao longo desse período como bolsista, pesquisamos os saberes que a imprensa ludovicense produziu sobre a mulher da elite de São Luís entre meados do século XIX e início do século XX. Os objetivos específicos desse trabalho consistiram em apresentar uma genealogia sobre as mudanças sociais/comportamentais ocorridas na cidade de São Luís a partir de meados do século XIX e início do século XX que buscavam refletir um modelo de civilidade; verificar de que forma as mudanças econômicas ocorridas influenciaram o comportamento feminino e se adequavam a um ideal de civilidade; identificar que práticas discursivas definiram as condições de exercício da função enunciativa sobre o ser civilizado em jornais e revistas, na São Luís de meados do século XIX e início do século XX e que saberes produziram sobre a mulher.

Como resultado, constatamos que os discursos produzidos, discursivamente, sobre a mulher ludovicense não se deslocam das condições históricas de sua produção. A imprensa ludovicense daquela época produziu sobre essa mulher enunciados que se adequavam a um ideal de bem vestir-se, de bem portar-se (o que implicava em boas maneiras: como manter uma postura adequada no exercício da maternidade, no exercício de ser esposa), buscando um *status* que correspondesse às formatações de civilidade exigidas para a época.

Jornais e revistas, códigos de posturas, manuais de etiqueta foram instrumentos criados pela sociedade para adequar o comportamento das pessoas, em particular da mulher, a uma ordem que pregava a moralidade, a delicadeza, a polidez, a civilidade.

Em 1939, o sociólogo alemão Norbet Elias publicou *O processo civilizador: uma história de costumes* (1994), obra que inaugura sua teoria sobre o processo civilizador. Tal teoria é considerada por muitos estudiosos uma referência quando se pretende tratar de manuais ou tratados de conduta. Elias faz uma minuciosa investigação acerca da leitura prescritivista do comportamento ganhando destaque e relevância por tratar-se também de uma análise de caráter histórico e social. Essa leitura prescritivista, materializada em pinturas, literatura, documentos

históricos e, especialmente, em livros de boas maneiras e tratados de conduta são os manuais de etiqueta.

Havia já na Europa uma tradição dessa leitura, iniciada com a obra *De civilitate morum puerilium* (Da civilidade em crianças), de Erasmo de Rotterdan, publicada em 1530. Nessa sociedade, os manuais possuíam uma enorme importância. Eles eram considerados vetores de sistemas de valores porque consolidavam formas e códigos morais e sociais que continham conselhos, regras precisas e orientações de conduta pessoal, moral e social que ensinavam os indivíduos a cuidar de si em espaço público e privado.

Os manuais de etiqueta ou conduta regiam os comportamentos dos indivíduos tanto em ambientes privados quanto em ambientes públicos e funcionavam como reguladores da vida social, determinando como as pessoas deviam se portar em diversas situações. Esses manuais eram comuns na Europa, desde o século XVI. Começaram a se difundir no Brasil a partir do século XIX, com a chegada da corte portuguesa, acontecimento que provoca grande mudança na economia, na cultura, no comportamento da elite brasileira e que propõe um projeto de modernização do país.

Com a chegada da corte portuguesa, a sociedade brasileira viveria um novo momento. E a literatura produzida pelos manuais de etiqueta e conduta foi assumindo um lugar de suma importância.

Tornaram-se referências *O Tratado de Civilidade e Etiqueta*, de 1895, de autoria da Condessa Gencé e o *Código do Bom Tom*, de 1845, de autoria do Cônego J. I. Roquette. Boa parte desses manuais eram direcionados às mulheres, às mães de família, e circularam, sobretudo no ambiente doméstico, já que era função da mulher, dona de casa e mãe de família, zelar pela administração do lar (MOYZES, 2017, p. 1201).

Atualmente, quando falamos em manual, é comum pensarmos, primeiro, em um guia de instruções para uso de algum aparelho eletrônico, por exemplo, em vez de um guia comportamental. Mas ainda hoje esse tipo de publicação recebe atenção, mesmo que com diferentes temáticas, tais como etiqueta no trabalho, etiqueta para com o meio ambiente, etiqueta nas redes sociais, etiqueta sexual etc., e pertencem a um arquivo sobre “bom comportamento”, conforme demonstram obras como *Na sala com Danuza* (1992); *Pequeno manual de etiqueta sexual*, de Rosângela Petta (1996); *Etiqueta de bolso: um guia de boas maneiras de A a Z*, de Celia Ribeiro (2014); *Alô, chics!*, de Glória Kalil (2014); *Etiqueta moderna: o manual das novas boas maneiras*, de Vasco Ribeiro (2019); *Etiqueta profissional: não fique mais desempregado*, de Romaly de Carvalho (2020). Todos esses manuais propõem regras de boas maneiras visando a uma docilização dos corpos.

Em se tratando de normas de docilização do corpo da mulher, elas se apresentam como estratégias sociais que nos levam a perceber que o corpo da mulher é um lugar de exercício do poder. Para refletir sobre esse lugar, “é preciso pensar as descontinuidades, cotejar o discurso em sua irrupção de acontecimentos” (FOUCAULT, 1986).

Se observarmos alguns acontecimentos que contribuíram para a formação de um arquivo sobre a criação, veremos o lugar atribuído à Eva, a primeira mulher no mito judaico-cristão. Eva foi formada a partir da costela de Adão¹ para ser sua ajudadora, sua adjutora. Essa mulher era idônea e adequada para o primeiro homem até que foi tentada pela serpente e comeu o fruto proibido, recebendo de Deus as seguintes palavras: “Multiplicarei grandemente a tua dor, e a tua concepção; com dor darás à luz filhos; e o teu desejo será para o teu marido, e *ele te dominará*”² (GÊNESIS, 3:16, grifo nosso). Ainda que não tenha sido denominada *esposa*, Eva tinha como marido Adão, e devido ao seu pecado, seria, a partir daquele momento, dominada por ele.

A palavra *esposa* é citada no livro sagrado do cristianismo ora para se referir à esposa de um importante homem hebreu ou em versículos como: “Aquele que encontra uma esposa, acha o bem, e alcança a benevolência do Senhor.” (PROVÉRBIOS³, 18:22).

Ao longo do Antigo Testamento, é produzida uma vontade de verdade (FOUCAULT, 2014) sobre a mulher esposa, sobre o que se deveria esperar de uma esposa. Sara, esposa de Abraão, modelo de esposa forte e submissa, obedeceu às ordens de seu marido sem questionar. Rebeca, nora de Sara, esposa de Isaac, aceitou se casar com um homem que não conhecia. As irmãs Lia e Raquel se casaram com o neto de Sara, Jacó, e competiram por ele, numa disputa para ver quem daria a ele filhos homens, que representavam o melhor aos olhos da família bíblica (GÊNESIS 30:1).

A história entre Lia e Raquel ilustra a competição entre esposas que viviam em uma sociedade que valorizava a mulher casada e mãe. Sobre a maternidade, vale ressaltar que ela se configurou, ao longo da história, como a única função apreciada socialmente, desde os tempos remotos da humanidade até meados do século XX. Ser mãe significava pertencer a uma classe especial, ter uma posição de aparente prestígio (BORSA; FEIL, 2008).

Algumas práticas que perduraram por muito tempo na sociedade ocidental (e que ainda perduram no oriente [e mesmo no ocidente]), encontram-se primeiro na Bíblia – como vimos –

¹ No primeiro capítulo de Gênesis, é sugerido que Deus criou Adão e Eva ao mesmo tempo, mas no segundo capítulo uma nova versão da criação humana é encontrada. Eva teria sido criada depois e a partir de Adão.

² **BÍBLIA SAGRADA.** Tradução de João Ferreira de Almeida. Editora Horebe: São Paulo, 2011. p. 37.

³ Provérbios fazem parte dos Livros Sapienciais da Bíblia, que dão instruções para o bem viver.

e na Grécia e Roma Antigas, como o dote, o contrato de casamento feito entre o pai da noiva e o futuro marido desta, a obediência ao marido assegurada pela lei, a impossibilidade do divórcio – se solicitado pela mulher – a poligamia, a mulher tida como propriedade de seu marido, ainda que esta última prática tenha sofrido modificações em Roma, se comparadas à Grécia:

[...] Na Grécia antiga, uma jovem mulher era propriedade de seu pai até que se casasse e fosse “dada” ao seu marido. Vestígios desta idéia ainda podem ser vistos nos dias de hoje nos casamentos ocidentais, quando o condutor da cerimônia pergunta “quem está oferecendo esta mulher?” e o pai da noiva responde “eu”. Uma mulher “candidata” ao casamento era uma mercadoria humana a ser transferida da casa do pai a de seu marido, onde assumiria o nome dele e estaria sob seu controle. [...] Com o passar dos anos, a noção de consentimento da noiva ganhou peso legal e social no mundo romano. Teoricamente, ela poderia se “dar” por livre e espontânea vontade, se tivesse a aprovação do pai (YALOM, 2002, p. 66).

Salientamos essa passagem porque concordamos com Yalom (2002), para quem a religião e as práticas legais e sociais das antigas civilizações, como a grega e a romana, forneceram o modelo para o futuro tratamento das mulheres casadas no Ocidente.

No Brasil, os valores patriarcais que remontam ao período colonial vigoraram por muito tempo quando o assunto era família e matrimônio, pois “pressupunham a ideia de submissão de todos (parentes e/ou dependentes) que estivessem sob o poder do *pater famílias*” (SCOTT, 2013, p. 9).

Nessa ordem patriarcal, a mulher deveria obedecer ao pai e quando casada – de forma monogâmica e indissolúvel –, o poder sobre ela estaria nas mãos do seu marido, tendo em vista o indiscutível domínio masculino. Projetos individuais e manifestações de desejos e sentimentos particulares perdiam espaço diante da soberania do grupo familiar e, de modo particular, diante da soberania do patriarca.

Sob essa égide, o amor conjugal não era meta nem ideal. O sexo tinha como fim primeiro a procriação, o desejo e o prazer eram vetados às mulheres, o que não acontecia aos maridos já que vigorava uma dupla moral que lhes permitia exercer sua sexualidade como bem entendessem, inclusive fora do casamento.

No século XX, esses valores começam a mudar, ainda que a subalternidade e dependência do denominado “sexo frágil” em relação ao “sexo forte” na família se mantivessem por um longo tempo, “disfarçados sob um verniz de modernidade” (SCOTT, 2013, p. 9). Acontecimentos como a Belle Époque brasileira apresentaram novos conceitos nas belas-artes, cultura e, também, na moda. O período que marca a Belle Époque no Brasil (final do século XIX até a segunda metade do século XX), é marcado por mudanças no campo do saber artístico, cultural, político, e pelo esforço das elites em se modernizar. Foi também um período em que o país experimentou um intenso desenvolvimento tecnológico, arquitetônico e urbano.

O esforço em busca da modernização vinha dos cidadãos que buscavam construir uma sociedade “moderna e higiênica”, inspirada em moldes europeus, sobretudo dos franceses e ingleses. Foi a cidade do Rio de Janeiro, capital da corte até 1889, e com a Proclamação da República, capital do novo regime governamental, que coube difundir as modificações às demais províncias; foi dela que irradiou a modernidade brasileira.

Há nesse período uma busca pela civilidade, pelo refinamento, pelo bom gosto, do bom tom, da decência, da respeitabilidade, do controle próprio, da cultura da boa educação formada nos moldes europeus, prestigiando os costumes burgueses.

Sobre esse período, Azevedo e Ferreira Júnior (2019, p. 40) afirmam

A Belle Époque brasileira se configurava por uma tentativa extra-arte de ser a Paris dos trópicos, principalmente na capital federal, Rio de Janeiro, que importava tudo, desde os maneirismos até “da manteiga às volúpias trazidas pelas cocotes francesas que tão graciosamente ornamentavam as maisons closes, os cabarés e as lojas de moda da Rua do Ouvidor”. (grifos dos autores)

As mudanças ocorridas na Belle Époque inauguram novas vontades de verdade, como a de um novo modelo de família. Nele a liberdade de escolha dos futuros cônjuges é mais respeitada, o que dá vez ao amor romântico.

Sobre o amor romântico,

[...] pelo menos em termos ideais, ganhou maior relevância dentro do casamento reconhecido pelo Estado e pela Igreja. O próprio discurso de médicos e higienistas (inspirados em ideias já consagradas na Europa) chegava a criticar a separação entre “sexo e amor”, advogando a integração de ambos no matrimônio como a forma mais saudável e moralmente recomendável de relacionamento (SCOTT, 2013, p. 9).

Surge então uma “nova família”, formada inicialmente por um casal casado por amor, cuja “vida familiar ideal era agora aquela do ‘lar doce lar’, em que os membros da família encontravam em casa a ‘proteção’, o ‘aconchego’ e a ‘higiene’ que contrastavam com as ‘aguras’ e a ‘poluição’ do mundo exterior” (SCOTT, 2013, p. 9)

Dessa nova família poderia se esperar uma nova mulher, mais livre em suas escolhas⁴. No entanto os papéis a ela destinados já estavam determinados, cabendo-lhe as funções sociais que tinham por base o tripé filha, esposa e mãe. Essa mulher precisava ser uma mãe dedicada que daria atenção especial aos cuidados dos filhos, sendo responsável pela formação moral das crianças. Ela também deveria ser uma esposa afetiva, ainda submissa, mas não totalmente sem

⁴ Segundo Scott (2013, p. 11), “Esses valores, contudo, não adquiriram a mesma importância na vida de todos os brasileiros e suas famílias. Nem todos quiseram ou puderam adaptar-se aos modos burgueses. Em uma sociedade profundamente diversa e desigual, hierarquizada a partir de elementos socioeconômicos e étnicos (com base, sobretudo, na “cor da pele” – herança do escravismo), não é de espantar que, ao se comparar famílias de áreas mais urbanizadas com as de áreas predominantemente rurais, as compostas por negros, brancos ou mestiços, as imigrantes e as locais, as ricas e as pobres, houvesse grandes diferenças. Entretanto, embora não tenha sido abraçado (pelo menos com a mesma intensidade) por toda a população, o ideal de família que as novas classes dominantes, com seus modos burgueses, estimulavam tornou-se o novo parâmetro.”

voz. Não precisaria trabalhar, estaria voltada inteiramente aos afazeres do lar, ao espaço privado; o espaço público, por sua vez, seria o domínio do homem, sendo ele o único provedor da família.

Esse olhar sobre o papel homem/mulher teve sua base no determinismo biológico, inaugurado pelo discurso médico, que impôs uma diferença entre os dois (homem e mulher), estabeleceu as funções de cada um, formulando um projeto de reorganização da sociedade, tendo em vista a crença na missão civilizadora. O projeto de intervenção médica produziu textos de caráter normativo sobre a família, o casamento e a mulher, constituindo um saber sobre a sexualidade, a infância e o corpo feminino.

A mulher, ou melhor, a “questão da mulher”, como normalmente se dizia, aparece vinculada à natureza. Os temas frequentemente debatidos sobre ela, em trabalhos científicos, destacavam gravidez e parto, amamentação, puerpério, puberdade, órgãos e funções reprodutivas, menstruação e masturbação. Já o homem estava identificado com a cultura, e a produção científica sobre ele não chegava à metade da produção científica sobre a mulher⁵. Os discursos sobre a mulher a objetivavam como inferior ao homem em sua capacidade mental e física, e a ele deveria se subordinar. A sociedade vai sendo, assim, marcada por traços de diferença entre homens e mulheres.

O arquivo sobre a mulher perfaz um caminho entre a tradição e o esquecimento. Esperava-se que a mulher fosse uma mãe dedicada aos cuidados e à educação dos filhos, à sua formação moral, uma esposa afetuosa, submissa ao marido, mas não mais completamente sem voz. Ainda assim, seria desobrigada de qualquer trabalho “produtivo”; ela se dedicaria inteiramente aos afazeres do lar – espaço feminino por excelência – ao passo que o espaço público seria de domínio dos homens. O homem, por sua vez, deveria ser o único provedor da família.

Mais de meio século depois, nas décadas de 1960, 1970 e 1980, houve uma série de acontecimentos que produziram o fenômeno de reinvenção da mulher. Destacamos o aumento da participação feminina no mercado de trabalho e a luta das mulheres por crescimento e reconhecimento profissional, aumento no número de acesso à educação formal, a conquista de decidir *se* e *quando* ser mãe com a disponibilização de métodos contraceptivos mais eficientes, a instituição do divórcio, a possibilidade de estabelecer outros relacionamentos afetivos socialmente reconhecidos.

⁵ Segundo Rohden (2012), entre 1833 e 1940, de um total de 1593 teses, 1345 se referiam à mulher e somente 248 ao homem.

Todavia, no que concerne ao casamento, a igualdade entre homens e mulheres só foi alcançada, juridicamente, na Constituição de 1988, com a subsequente incorporação dessa mudança em 1992, com o novo Código Civil.

Ainda persistem diferenças sociais entre homens e mulheres, mas atualmente estamos diante de modelos familiares em que muitos parceiros mantêm uma relação mais igualitária, na medida em que, por exemplo, ambos podem contribuir financeiramente para a manutenção do lar. Essa mudança possibilitou um certo poder às mulheres porque conferiu a algumas delas independência financeira e menor grau de subordinação. Nesse aspecto, podemos dizer que as famílias apoiadas nas antigas bases hierárquicas deram lugar, mesmo que não totalmente, a uma família mais democrática, tanto no que diz respeito à relação entre homem e mulher, como também no que diz respeito ao relacionamento entre pais e filhos, e, especialmente, à valorização das filhas (SCOTT, 2013, p. 13).

É válido mencionar que, segundo o IBGE⁶, os brasileiros estão se casando cada vez menos. Em 2019 foram registrados 1.024.676 casamentos civis, o que representa uma redução de 2,7% em relação ao ano anterior. Essa redução vem ocorrendo desde a década de 1980. Os casais optam por viver em uniões informais e sem vínculo legal. Mas o número de separações também tem aumentado pois mesmo com o aumento no número de uniões, em geral elas duram menos.

Essas transformações que ocorreram no casamento e na família podem indicar que “interesses e projetos individuais assumem hoje lugar fundamental também na vida das mulheres, que se veem em funções que extrapolam o espaço da família” (SCOTT, 2013, p. 15). Assim, apesar de muitas mulheres ainda permanecerem no ciclo filha-esposa-mãe, outras tantas romperam com esse ciclo e se inseriram em uma ordem discursiva (FOUCAULT, 2014) da mudança. São mulheres que estudam, trabalham, casam, separam. As mudanças foram ocorrendo graças a movimentos como os feministas⁷, que têm um papel importante na produção de uma nova vontade de verdade sobre a mulher, e reclamam para elas liberdade, igualdade de direitos como voto, igualdade jurídica, econômica e social, atenção às diferenças, a fim de desnaturalizar sua condição subserviente e de inferioridade.

Por outro lado, a vontade de verdade sobre as mulheres, na condição de subserviência, donas de casa que querem agradar o marido, marca a tradição e se (re)atualiza na

⁶ Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/29646-registro-civil-2019-numero-de-registros-de-casamentos-diminui-2-7-em-relacao-a-2018>>. Acesso em: 30 ago. 2021.

⁷ Usamos movimentos feministas no plural diante de vários movimentos feministas como o das feministas radicais, negras, socialistas, pós-estruturalistas, liberais etc.

contemporaneidade. O movimento #tradwives (esposas tradicionais) é um exemplo. Ele foi descrito por sua fundadora, Alena Kate Pettitt, como “Donas de casa da nossa geração que estão felizes em se submeter, cuidar da casa e mimar o marido como se fosse 1959”. Esse movimento vem ocupando espaço na internet em grupos de *Facebook* com nomes como *Mujeres de Valores Tradicionales* e *hashtags* como #tradlife, #tradwife e #vintagehousewife⁸.

As mulheres fundadoras do *tradwives* estão em maioria no Reino Unido e nos Estados Unidos, países de origem do movimento, mas estão também em outros países como Japão, Alemanha e Brasil.

O #tradwives oferece oficinas sobre feminilidade e estilo de vida e segue princípios do livro *A mulher fascinante*, publicado em 1963, por Helen Andelin. O livro se tornou a Bíblia do movimento pelos conselhos matrimoniais e propostas de um estilo de vida tradicional. Mas no mesmo ano de sua publicação, um outro livro foi publicado – *A Mística Feminina* – e apresenta-se como um contradiscurso às ideias pregadas em *A mulher fascinante*. Escrito por Betty Friedan, o livro *A Mística Feminina* problematiza a opressão imposta às mulheres e coloca em pauta os problemas de depressão e insatisfação vividos no seio do ambiente doméstico. Ele retoma os discursos da imprensa e da literatura que promoveram, no período de 1920 e 1930, uma vontade de verdade em que a mulher era independente e autônoma. Nesse mesmo período, é criado o desenho *Betty Boop*, personagem icônica que mostra uma mulher dançarina, solteira, independente.

Uma outra pauta posta em discurso pela psicóloga e feminista Betty Friedan é a condição da mulher durante a Segunda Guerra. Enquanto os homens estavam no campo de batalha, as mulheres foram convocadas para trabalharem em estaleiros e fábricas na produção de armas, munições e suprimentos. Nesse período, cartazes como o de uma mulher trabalhadora – *Rosie, a rebitadeira* – mostrando sua força sob a mensagem de “We Can Do It”, em português *Somos capazes*, ganham espaço na mídia. Destaca-se, ainda, a criação da personagem *Mulher Maravilha*⁹.

Em 2018, Dixie Andelin Forsyth, a filha da autora de *A mulher fascinante*, relançou o livro *Fascinating Womanhood for the Timeless Woman* (Feminilidade Fascinante para a mulher

⁸ VILLODRES, M. L. “Marido sempre em primeiro lugar”, renasce na Internet a dona de casa submissa e abnegada. **El País**. 2020. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/smoda/2020-02-10/marido-sempre-em-primeiro-lugar-renasce-na-internet-a-dona-de-casa-submissa-e-abnegada.html>>. Acesso em: 23 jul. 2022.

⁹ Conferir: OGAWA, V. #TRADWIVES – Esposas tradicionais no topo das discussões da internet. **Folha de Londrina**. 2020. Disponível em: <<https://www.folhadelondrina.com.br/folha-mais/tradwives-esposas-tradicionais-no-topo-das-discussoes-na-internet-2981194e.html>>. Acesso em: 23 jul. 2022.

Atemporal)¹⁰. Herdeira dos princípios pregados pela mãe, Forsyth hoje é Presidente da *Fascinante Feminilidade* que oferece às mulheres cursos que incluem instruções sobre como se vestir de forma alinhada, instruções de como se comportar para atrair e segurar um homem.

Esses breves exemplos nos possibilitam observar que a formação e transformação de um arquivo sobre a mulher faz parte de uma rede de textualidades, em um movimento de continuidades e descontinuidades, que promovem lembranças e esquecimentos. Assim, “entre a tradição e o esquecimento, faz aparecerem as regras de uma prática que permite aos enunciados subsistirem e, ao mesmo tempo, se modificarem regularmente” (FOUCAULT, 1986, p. 50).

Na descontinuidade dos acontecimentos que promoveram um papel, um lugar para a mulher casada, e recorrendo a um domínio de memória, tomamos como *corpus* de análise de nossa pesquisa o *zine Manual da Esposa Pós-Moderna* (doravante MEPM), publicado em outubro de 2019 pela cartunista e jornalista Bruna Maia. Seguindo uma perspectiva arqueológica, interrogamos o já dito no nível de sua existência, a função enunciativa que nele se exerce e que apresenta a ironia como um procedimento discursivo que aciona arquivos sobre a mulher e se dá em um jogo que recorre à tradição sobre quem é essa esposa para uma elite, a formação discursiva a que pertence, o sistema geral de arquivo de que faz parte. Em outras palavras, nos interessa saber como a *mulher-esposa* é constituída no arranjo discursivo no *Manual da Esposa Pós-Moderna*. Para tanto, analisamos os discursos sobre a *mulher esposa pós-moderna* como práticas especificadas no elemento do arquivo (FOUCAULT, 2020), em uma dispersão temporal que põe o sujeito e o discurso em relação com a história e permite a este ser repetido, esquecido, transformado, apagado.

O MEPM é dividido em duas partes: Parte I – Escolhendo seu Homem Feminista (HF) e Parte II – Tornando-se a esposa pós-moderna (EPM) perfeita para seu homem feminista (HF). A parte II, que tomamos como elemento central de nossas análises, é subdividida em nove tópicos: Da Psiquê; Da Beleza; Do Lar e sua Manutenção; Das Contas e da Comida; Do Papo e da Interação Social; Do Sexo e da Liberdade Afetiva; Das Redes Sociais; Do Término e Palavras Finais. Orientando-nos pelas regularidades discursivas, construímos quatro séries enunciativas (FOUCAULT, 2008) para direcionar nossa leitura da segunda parte dessa materialidade, já que alguns desses enunciados guardam semelhanças entre si.

A primeira série, intitulada *Rainha do lar*, contém onze enunciados, sendo seis não-verbais e cinco verbais. A regularidade que nos permite reunir esses enunciados nessa série

¹⁰ <http://brasil.elpais.com/smoda/2020-02-10/marido-sempre-em-primeiro-lugar-renasce-na-internet-a-dona-de-casa-submissa-e-abnegada.html>

enunciativa está no componente verbal, pois neles são dadas as orientações de como a mulher pós-moderna deve se comportar e cuidar do *seu lar*. E também no componente não-verbal: nos três enunciados, a esposa pós-moderna é mostrada realizando tarefas domésticas.

A segunda série enunciativa, intitulada *Bela e saudável*, possui oito enunciados, quatro não-verbais e quatro verbais, que orientam como a esposa pós-moderna deve cuidar de sua saúde física e mental, da sua beleza e de como deve mostrá-la para o mundo.

A terceira série enunciativa, intitulada *Sexualmente resolvida e zero ciumenta*, possui dez enunciados, sendo cinco não-verbais e cinco verbais. A regularidade que nos permite reunir esses enunciados nessa série enunciativa está no fato de eles abordarem como deve se dar o comportamento sexual da mulher pós-moderna, como ela deve agir, o que deve esperar e como deve lidar com o ciúme.

A última série enunciativa, intitulada *Empoderada*, possui cinco enunciados verbais e sete não-verbais. Sua regularidade está no fato de abordarem como ela deve mostrar-se *empoderada* durante o relacionamento – para o Homem Feminista, para os amigos dele – e após um possível término. Acrescentamos a essa série também as Palavras Finais do *fanzine*, visto que também possuem um teor de empoderamento.

A seguir, apresentamos as quatro séries enunciativas que compõem o nosso *corpus*:

I – Rainha do lar



Fonte: Maia (2019)

II – Bela e saudável



Fonte: Maia (2019)

III – Sexualmente resolvida e zero ciumenta



Fonte: Maia (2019)

IV – Empoderada



Fonte: Maia (2019)

Pretendemos responder ao seguinte questionamento: Como o sujeito mulher-esposa pós-moderna é discursivizado no zine *Manual da esposa pós-moderna*? Ademais, nos guiam os seguintes objetivos:

Objetivo Geral: analisar como o sujeito mulher-esposa pós-moderna é discursivizado no zine *Manual da esposa pós-moderna*.

Como Objetivos Específicos, propomos:

- Identificar alguns acontecimentos que possibilitaram a construção de um arquivo do sujeito mulher-esposa pós-moderna;
- Analisar que mulher-esposa pós-moderna é “produzida” no zine e qual sua relação com o “homem feminista” presente nesse material;
- Analisar a ironia como procedimento discursivo da função enunciativa, a formação discursiva a que pertence, o sistema geral de arquivo de que faz parte.

Esta pesquisa, de natureza qualitativa e bibliográfica, se orienta pelos preceitos teórico-metodológicos dos Estudos Discursivos foucaultianos. Nesse sentido, adotamos o conceito de *discurso*, conforme proposto em *A Arqueologia do Saber*, de Michel Foucault (2008), segundo o qual deve ser entendido como elemento que institui o saber, o poder, a verdade, o sujeito. Mobilizamos também a noção de arquivo, compreendido como “a lei do que pode ser dito, o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares” (FOUCAULT, 2008, p. 147). O arquivo, sendo da ordem do acontecimento, que possibilita a irrupção de enunciados, e das coisas ditas, que não se acumulam de forma indefinida e nem se

agrupam em uma linearidade, nem desaparecem ao acaso. Elas se agrupam segundo regularidades específicas. Baseadas nessas regularidades que construímos as séries enunciativas que visamos analisar.

Destarte, tomamos o método arqueogenealógico de Foucault que “objetiva primordialmente dissolver a noção de que os discursos constituem uma manifestação autônoma dos sujeitos ou instituições e busca compreendê-los como resultantes de uma rede de relações de poder, de engendramento de saberes que os deslocam de qualquer concepção natural” (SILVA JÚNIOR; CRUZ, 2020, p. 114).

Ademais dos Estudos Discursivos foucaultianos, e tendo em vista a natureza interdisciplinar desse campo de conhecimento, para realizar os objetivos dessa dissertação, Chaves (2004), Esperandio (2007), Giddens (1993) e Lago (2009) nos ajudam na discussão sobre relacionamentos na pós-modernidade/contemporaneidade e mulher/esposa.

Para alcançarmos nossos objetivos, este trabalho está assim organizado: Capítulo I, em que discutiremos nossa principal base teórica: os Estudos discursivos foucaultianos, e mobilizamos as noções de enunciado, discurso, formação discursiva e arquivo.

No Capítulo II, trataremos de outra noção tomada de Foucault: o sujeito. Ademais, faremos um breve histórico da noção de pós-modernidade, discutindo como se dão os relacionamentos nessa temporalidade. Nesse capítulo, também discutimos as noções foucaultianas de práticas (não) discursivas e práticas divisoras que nos auxiliarão na compreensão de nosso objeto de análise.

O Capítulo III reserva-se à análise do *corpus*, que, como já dito, é composto de duas partes, sendo que a segunda organizamos em quatro séries enunciativas, compostas por enunciados que mantêm certa regularidade entre si.

Nas Considerações Finais desta pesquisa, buscamos demonstrar que o nosso *corpus* de análise, o MEPM, se junta a uma série de enunciados que constituem um arquivo que normatizam como uma mulher-esposa deve se comportar. Assim, esses enunciados instituem práticas de objetivação e subjetivação do sujeito mulher-esposa, visto que ele se constitui tanto na relação consigo mesmo, quanto nas relações de saber-poder inscritas nas práticas discursivas que circulam na sociedade, especialmente nas relações interdiscursivas inscritas no interior de práticas discursivas como manuais, códigos de comportamento e até na internet.

Feitas as considerações iniciais que nos são solicitadas pela ordem discursiva na qual estamos inseridos, há uma vontade de saber que nos impulsiona a continuar nossas discussões. Para tanto, o primeiro passo é delimitar o campo de investigação no qual nos situamos, e as

categorias teórico-analíticas mobilizadas para perseguir nosso objeto. É isso que faremos no capítulo a seguir.

2. ESTUDOS DISCURSIVOS FOUCAULTIANOS: teoria e método

Neste capítulo, apresentamos a fundamentação teórica deste trabalho, que tem como principal nome o filósofo francês Michel Foucault (1926-1984). A partir da arqueogenealogia, mobilizamos as noções de enunciado, discurso, formação discursiva e arquivo que nos auxiliarão na compreensão e análise do *corpus*. Destarte, faremos desse percurso teórico o suporte sobre o qual nos apoiaremos para alcançar nossos objetivos.

2.1 Os estudos foucaultianos

A obra de Michel Foucault não se inscreve em um campo fechado, específico e nem, tampouco, se mostra um conjunto acabado. “É, antes, um conjunto de problematizações históricas que envolvem, entre inúmeros aspectos, o sujeito e o discurso”. (FERNANDES, 2011, p.1). Suas reflexões perpassam diversos ramos do conhecimento como a História, a Linguística e o Direito, causando pequenas explosões por onde passava, como ele mesmo pontua: “Eu sou um pirotécnico. Fabrico alguma coisa que serve, finalmente, para um cerco, uma guerra, uma destruição. Não sou a favor da destruição, mas sou a favor de que se possa passar, de que se possa avançar, de que se possa fazer caírem os muros”. (FOUCAULT, 2006, p. 69)

As contribuições do pensamento de Foucault para os estudos discursivos da linguagem, o que se convencionou chamar de Análise do Discurso de matiz foucaultiana, contemplam o ser-saber; ser-poder e ser-si.

No construto teórico sobre o ser-saber, Foucault “pesquisou os diferentes modos de investigação que procuram aceder ao estatuto de ciência e que produzem, como efeito, a objetivação do sujeito” (GREGOLIN, 2006, p. 55). Sua atenção esteve voltada para a história da loucura, da medicina e determinados campos do saber que trataram dos temas da vida, da linguagem e do trabalho. Desse período arqueológico, as principais obras são *As Palavras e as Coisas* (1966) e *A Arqueologia do Saber* (1969).

Nas teorizações sobre o ser-poder, ele estudou a objetivação do sujeito naquilo que designa de práticas divergentes. O sujeito, quer dividido no interior dele mesmo, quer dividido dos outros por meio de técnicas disciplinares. Há aqui a análise das articulações entre poderes e saberes, a partir de uma genealogia do poder que busca estudar a articulação do corpo com a história, a ação dos mecanismos de poder sobre o corpo, o adestramento do gesto, a regulamentação do comportamento. As principais obras são *A Ordem do Discurso* (1970), *Vigiar e Punir* (1975), *História da Sexualidade I: a vontade de saber* (1976).

Já na construção teórica sobre o ser-si, Foucault problematizou as práticas de objetivação/subjetivação, a partir de técnicas de si, da biopolítica, da governamentalidade (governo de si e governo da população) e dos jogos de verdade, além da experiência com a sexualidade enquanto dispositivo de poder e a constituição histórica de uma ética e estética de si (GREGOLIN, 2006). As principais obras são *História da Sexualidade II: o uso dos prazeres* (1983), *História da Sexualidade III: o cuidado de si* (1984) e *História da Sexualidade IV: as confissões da carne* (2020).

Discorreremos, a seguir, mais detalhadamente, sobre a arqueologia e a genealogia e sobre o método que surge do encontro delas.

2.1.1 Arqueologia

A obra *A Arqueologia do Saber* surge não só da necessidade de Foucault em responder a diversos questionamentos e críticas acerca de suas obras anteriores, como também para mostrar de onde ele falava; para demarcar o espaço que torna possíveis suas pesquisas e outras talvez que ele jamais iria concluir; em suma, como diz o próprio Foucault, “para dar significação à palavra arqueologia que eu havia deixado vazia” (FOUCAULT, 1986, s/p). Nesse livro, ele estudou os modos de investigação que, ao tentarem atingir o *status* de ciência, objetivaram o sujeito. Foucault mostrou-se interessado na constituição e transformação dos saberes na sociedade, na descrição de discursos, entendidos como conjuntos, ao mesmo tempo, familiares e enigmáticos que se tornam conhecidos, na temporalidade, como a medicina, a economia política ou a biologia. Para realizar essa descrição, observa as coisas ditas, que ele chama de arquivo, em seus níveis de especificidade, suas condições de aparecimento, suas formas de acúmulo e encadeamento, suas regras de transformação e suas descontinuidades.

Para Deleuze (2017), *A Arqueologia do Saber* se apresenta como uma teoria dos enunciados, sendo também uma disciplina de arquivos que combina o visível e o enunciável. Nesse sentido, o regime do ver é uma condição de tudo o que faz uma época, e o regime do dizer é a condição de todas as ideias de uma época. Com efeito, interessa a Foucault analisar como se dá visibilidade aos comportamentos e enunciabilidade às ideias.

Interessa, também, “investigar os saberes que embasam a cultura ocidental” (GREGOLIN, 2004, p. 55).

Em outras palavras, a descrição arqueológica dos discursos se desdobra na dimensão de uma história geral; ela procura descobrir todo o domínio das instituições dos processos econômicos, das relações sociais nas quais pode articular-se uma formação discursiva; ela tenta mostrar como a autonomia do discurso e sua especificidade não lhe dão, por isso, um *status* de pura idealidade e de total independência histórica; o

que ela quer revelar é o nível singular em que a história pode dar lugar a tipos definidos de discurso que têm, eles próprios, seu tipo de historicidade que estão relacionados com todo um conjunto de historicidades diversas. (FOUCAULT, 2020, p. 201)

“A arqueologia é a disciplina dos arquivos”, e os arquivos, sem dúvida, têm alguma coisa a ver com a história, pois remetem às formações históricas; o arquivo é sempre o arquivo de uma formação (DELEUZE, 2017, p. 11). A arqueologia tem por função tentar compreender as condições históricas e sociais que possibilitaram a irrupção de acontecimentos discursivos.

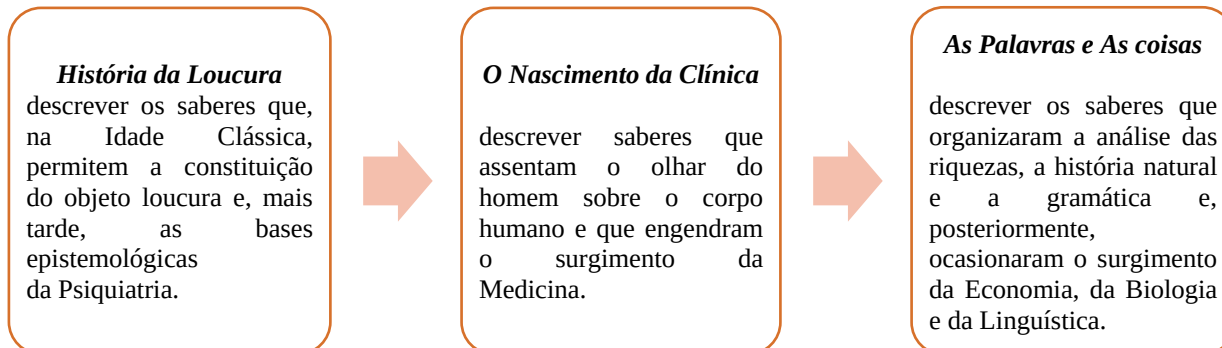
Foucault (1986, p. 57) destaca que [...] gostaria de mostrar, por meio de exemplos precisos, que, analisando os próprios discursos, vemos se desfazerem os laços aparentemente tão fortes entre as palavras e as coisas, e destacar-se um conjunto de regras, próprias da prática discursiva.

Voss e Navarro (2011, p. 55) esclarecem

O que o filósofo quer mostrar é que, na articulação entre o homem, a vida, a linguagem e o trabalho, há certas **regularidades** naquilo que ajusta o olhar sobre as coisas. Dentre tudo aquilo que invade a existência humana, sempre há algo que se mantém regular, apesar de não unitário ou homogêneo. (grifo nosso)

Nas obras que fundamentam essa fase de Foucault, ele buscou:

Quadro 1 – Obras que fundamentam a Arqueologia



Fonte: Compilação da autora (2021).

Aparentemente, essas obras parecem um esforço do filósofo para descrever disciplinas, como a Psiquiatria, a Medicina etc. Mas n’A *Arqueologia do Saber* – sua tese metodológica, como denominam Voss e Navarro (2009) – Foucault evidencia sua aversão à história disciplinar e conseqüentemente à história das continuidades. O que ele deseja é

[...] mostrar que a circulação dos saberes não se restringe a uma ordem causal absoluta e também que os saberes estão estreitamente ligados às outras diversas instituições da sociedade, formando um grande feixe de relações. A proposta arqueológica consiste justamente em escavar as camadas de enunciados que se desempenham em uma rede em meio a um arquivo e tentar depreender daí um funcionamento regular que dê visibilidade à existência de uma formação discursiva. (VOSS; NAVARRO, 2009, p. 56)

Nessa proposta, regularidade substitui as noções de continuidade, influência e evolução. Assim, o filósofo dispensa o estudo dos discursos que visam compor determinados saberes numa ordem cronológica, como se a História se apresentasse de forma evolutiva. De forma substitutiva, Foucault (2020) propôs uma relação entre saber, discurso e historicidade dos processos discursivos, com base no conceito de prática discursiva, “examinando as regras históricas que permitiram às práticas produzirem certos enunciados, validando-os ou invalidando-os como úteis” (MARQUES, 2018, p. 24).

As noções de continuidade, influência e evolução têm, para Foucault, cada uma a sua maneira, a propensão de agrupar em conjuntos unitários os discursos dos homens, e por isso, constituem-se como unidades do discurso:

[...] a supressão sistemática [...] [dessas] unidades inteiramente aceitas permite, inicialmente, restituir ao enunciado sua singularidade de acontecimento e mostrar que a descontinuidade não é somente um desses grandes acidentes que produzem uma falha na geologia da história, mas já no simples fato do enunciado; faz-se, assim, com que ele surja em sua irrupção histórica; o que se tenta observar é essa incisão que ele constitui, essa irreduzível – e muito frequentemente minúscula – emergência (FOUCAULT, 2020, p. 34).

A arqueologia foucaultiana considera que os objetos e os sujeitos se constituem a partir da discursivização que é feita sobre eles. Esses discursos – provêm do entrelaçamento de enunciados que estão dispersos na história em uma descontinuidade – produzem saberes que passam a circular sob o *status* de verdade. O método arqueológico preocupa-se em destacar as regularidades no interior das dispersões que compõem o discurso e que se apresentam para constituir os saberes e verdades em circulação.

2.1.2 Genealogia

Na genealogia, o autor buscou responder aos seguintes questionamentos: “como nos constituímos como sujeitos de nosso saber; como nos constituímos como sujeitos que exercem ou sofrem relações de poder; como nos constituímos como sujeitos morais de nossas ações” (FOUCAULT, 2000a, p. 350 apud MENEZES DE SOUSA, 2019, p.142).

Foucault buscou relacionar a existência de saberes ao poder, ou seja, a proveniência histórica da “formação da vontade de verdade que dota os discursos de poder” (ARAÚJO, 2001, p. 195 apud MARQUES, 2018, p. 30), pois, para o filósofo, aquilo que é tomado como verdadeiro em uma época está ligado ao sistema do poder.

Sobre isso, Foucault (2018, p. 251) afirma:

[...] creio ter descoberto o que no fundo procurava: as relações que podem existir entre poder e saber. Desde o momento em que se pode analisar o saber em termos de região, de domínio, de implantação, de deslocamento, de transferência, pode-se

apreender o processo pelo qual o saber funciona como um poder e reproduz os seus efeitos. Existe uma administração do saber, uma política do saber, relações de poder que passam pelo saber e que naturalmente, quando se quer descrevê-las, remetem àquelas formas de dominação a que se referem noções como campo, posição, região, território.

No percurso teórico genealógico, Foucault propõe uma escrita da história avessa à pesquisa das origens. Pensar o processo histórico é pensar em algo em construção, em rupturas, em descontinuidade. A História proposta por Foucault seria então o resultado de lutas entre os discursos e suas relações de saber-poder ao longo do tempo.

Questionado sobre essa abordagem genealógica, Foucault (2018, p. 43) afirma:

Isto que eu chamaria de genealogia, isto é, uma forma de história que dê conta da constituição dos saberes, dos discursos, dos domínios de objeto etc., sem ter que se referir a um sujeito, seja ele transcendente com relação ao campo de acontecimentos, seja perseguindo sua identidade vazia ao longo da história.

O empreendimento genealógico busca compreender que “configurações econômicas, sociais, institucionais permitiram aos objetos do conhecimento emergirem enquanto regimes temáticos a partir de uma preocupação histórica” (MARQUES, 2018, p. 31). Segundo tal empreendimento, não haveria saber neutro, pois os saberes teriam profunda ligação com redes não discursivas que dotam as formulações de cientificidade.

Assim, a genealogia foucaultiana não se interessa pela origem do discurso, pois considera inexistente um princípio único e pontual, atrelado a um sujeito, por isso ele afirma que “É preciso se livrar do sujeito constituinte, livrar-se do próprio sujeito (FOUCAULT, 2018, p. 43)” e passar a se considerar uma multiplicidade e descontinuidade de acontecimentos em dispersão.

2.1.3 O método arqueogenealógico

Como já pontuamos, na denominada perspectiva arqueológica – ser-saber – o foco de Foucault estava no

[...] sujeito como produtor de saber, analisando as condições de possibilidade em que ocorreu a produção dos discursos em jogos de verdade, em diferentes épocas, constituindo as ciências humanas e revelando o aparecimento de singularidades não necessárias, os acontecimentos. (STÖHER, 2014, p. 19)

O método arqueológico procura compreender como os saberes são constituídos, privilegiando as interrelações discursivas e a sua articulação com as instituições para responder como eles – os saberes – apareciam e se transformavam (FOUCAULT, 2018, p. 11).

Ainda que etimologicamente a palavra “arqueologia” venha do grego “arkhé” e “logos” – que significam, respectivamente, “antes, o que veio primeiro, velho”, e “tratado, estudo” –, seu sentido, no âmbito dos Estudos Discursivos foucaultianos, deve ser restringido, pois

Esse termo não incita à busca de nenhum começo; não associa a análise a nenhuma exploração ou sondagem geológica. Ele designa o tema geral de uma descrição que interroga o já dito no nível de sua existência; da função enunciativa que nele se exerce, da formação discursiva a que pertence, do sistema geral de arquivo de que faz parte. A arqueologia descreve os discursos como práticas especificadas no elemento do arquivo (FOUCAULT, 2020, p. 161).

Segundo Gonçalves (2009, p. 12), “a grande função desse método é tentar compreender as condições históricas e sociais que possibilitaram a irrupção de acontecimentos discursivos”. Essa irrupção de acontecimentos discursivos alinha-se com as discussões propostas pela Nova História¹¹ que, diferentemente da História Tradicional (ou Global), compreende que a história não deve ser tratada como acontecimentos organizados linearmente em longos períodos.

A noção de Nova História (ou História Serial) advém dos filósofos franceses do século XX, como Pierre Nora e Jacques Le Goff, que ao se ocuparem em analisar documentos da História Tradicional, perceberam que outros eram deixados de lado, à margem pelos historiadores. Esses historiadores buscavam

[...] reconstituir a forma de conjunto de uma civilização, o princípio de uma sociedade, a significação comum a todos os fenômenos de um período”, como se houvesse uma lei que explicasse a coesão de dado período, “uma única e mesma forma de historicidade [que] prevaleça sobre as estruturas econômicas” (FOUCAULT, 1972a, p. 17).

A Nova História, por sua vez, nos coloca diante da ideia de que não vivemos uma única temporalidade. Diante dessa perspectiva, Foucault preconiza que o discurso seja observado, inicialmente, em sua dimensão nuclear, ou seja, que seja avaliado na forma dos enunciados que o materializam. O “analista deve observar quais sujeitos falam no discurso, a quais instituições eles se filiam, qual a articulação dos discursos com a história, sem, contudo, indagar ‘a’ verdade, já que nessa perspectiva a verdade é sempre relativa.” (SILVA JÚNIOR; CRUZ, 2020, p. 112)

Sobre esse método, Gregolin (2006, p. 71-72) comenta:

O método arqueológico envolve a escavação, a restauração e a exposição de discursos, a fim de enxergar a positividade do saber em um determinado momento histórico. Ele se constitui na busca de elementos que possam ser articulados entre si e que fornecem um panorama coerente das condições de produção de um saber em certa época. Analisando a extensa rede que constitui as positividades do saber, a arqueologia procura não as ideias, mas os próprios discursos enquanto práticas descontínuas que obedecem a certas regras; centrando-se nas práticas discursivas, Foucault pensa o método arqueológico não como uma “doxologia”, isto é, a análise “não vai, em progressão lenta do campo confuso da opinião à singularidade do sistema ou à

¹¹ Nova História é a corrente historiográfica correspondente à terceira fase da chamada Escola dos Annales, considerada um movimento de mudança em relação ao paradigma tradicional.

estabilidade definitiva da ciência” (FOUCAULT, 1969 [1986, p. 160]), mas investiga as diferentes modalidades de discurso que circulam em certa época. (grifo da autora)

E acrescenta:

A arqueologia foucaultiana opta por romper o fio da continuidade (tão cara aos historiadores tradicionais) e assume, deliberadamente, as brechas, descobrindo o descontínuo. A análise arqueológica busca o emaranhado de fatos discursivos anteriores a um acontecimento que, ao mesmo tempo, o explicam e o determinam. (GREGOLIN, 2006, p. 77)

O método arqueológico, portanto, volta-se para explicações sobre os saberes, envolvendo sobretudo questões relativas à ordem do dizer, às relações interdiscursivas, de onde os sujeitos, relações de poder e produção de práticas são observados.

Na ampliação de seus estudos, Foucault se dá conta do alcance do discurso em práticas não discursivas, o que lhe exigiu uma ampliação do método arqueológico. Assim, o filósofo pensou em maneiras de proceder às suas análises, tendo em vista a produção do saber pelo poder, chamando essa etapa dos seus estudos de genealogia.

A genealogia – ser-poder –, enquanto concepção teórico-metodológica, tem por objetivo investigar minuciosamente a história, além de ser, segundo Carvalho (2009, p. 13), “uma crítica radical à chamada história tradicional cujos procedimentos fundamentam-se em princípios metafísicos e teleológicos que primam pela busca da origem”. Se a arqueologia procura responder *como* os saberes surgiam e se transformavam, a genealogia objetiva responder o *porquê*, buscando assim

[...] explicar o aparecimento de saberes a partir de condições de possibilidades externas aos próprios saberes, ou melhor, imanentes a eles – pois não se trata de considerá-los como efeito resultante –, os situam como elementos de um dispositivo de natureza essencialmente estratégica. É essa análise do *porquê* dos saberes – análise que pretende explicar sua existência e suas transformações situando-as como peça de *relações de poder* ou incluindo-os em um dispositivo político – que [...] Foucault chamará genealogia. (MACHADO, 2018 in: FOUCAULT, 2018, p. 11-12, grifo nosso)

A passagem da arqueologia para a genealogia que ocorre no pensamento de Foucault nos anos 70, como pontua Oksala (2001, p. 62), não marcou o abandono do uso da historiografia como método filosófico, em que se contestava de “maneira radical a especulação da metafísica ociosa”. A mudança para a genealogia marca a mudança no foco de seu questionamento.

Ele se voltou [...] para o estudo da conexão entre relações de poder e a formação do conhecimento científico. A principal asserção de sua genealogia é que as regras que regulam as práticas científicas estão sempre associadas às relações de poder da sociedade em questão. Domínios de saber e relações de poder estão intrinsecamente relacionados, e esse entrelaçamento fundamental é o que Foucault chama de o híbrido *poder/saber*. (OKSALA, 2011, p. 63, grifo da autora)

Ou seja, a genealogia foucaultiana interessa-se em relacionar a existência de saberes ao poder, isto é, a proveniência histórica da formação da vontade de verdade que dota os discursos

de poder, pois o que é verdadeiro em uma época tem vinculação direta com as relações de poder em voga na época.

Foucault utiliza o termo “relações de poder” por não existir em suas pesquisas uma teoria geral do poder, porque para o filósofo francês o poder “não é um objeto natural, uma coisa; é uma prática social, e como tal, constituída historicamente” (FOUCAULT, 2018, p. 12 apud MACHADO, 2018). Assim, a análise genealógica sugere que os poderes não estão alocados em nenhum ponto específico da sociedade. Em síntese, o poder não existe, o que existe são práticas ou relações de poder.

O empreendimento arqueológico visa localizar no curso descontínuo da História práticas discursivas nas quais “o homem é objeto do conhecimento (objetivação do sujeito). É um movimento de descrição, livre da ideia de que há em toda produção linguageira um indivíduo livre e responsável por esculpir os objetos dos quais fala” (MARQUES, 2018, p. 31), enquanto no empreendimento genealógico “busca-se compreender quais configurações econômicas, sociais, institucionais permitiram aos objetos do conhecimento emergirem enquanto regimes temáticos a partir de uma preocupação histórica” (MARQUES, 2018, p. 31).

Portanto, o objetivo do arqueólogo é investigar as práticas discursivas que formam o saber de uma época, o funcionamento dos discursos, já o do genealogista busca diagnosticar e compreender o modo como o poder se exerce nos processos de subjetivação estudando as (micro) relações de poder e seus efeitos, em diferentes dispositivos. Alinhados, esses empreendimentos e esses objetivos, temos o método arqueogenealógico que nos permite analisar os efeitos de poder vinculados a uma rede de saberes que produzem sujeitos constituídos por práticas discursivas e por elas subjetivadas permanentemente (informação verbal)¹².

Finalmente, interessa destacar o seguinte:

Em língua portuguesa, esta definição [método arqueogenealógico] foi usada pela primeira vez em 1993, pelo pesquisador português da área de comunicação Antônio Fernando Cascais, com o objetivo de especificar os deslocamentos metodológicos propostos por Foucault depois de sua fase arqueológica. Pela própria complexidade de suas formulações, sempre críticas a binarismos, não podemos ver uma dicotomia entre estas duas perspectivas, e embora se estabeleçam deslocamentos, há também entre elas uma relação de complementaridade (NEVES; GREGOLIN, 2021, p. 10).

Dito isso, quando contemplamos os objetivos desta dissertação, que se assentam na problemática de saberes e poderes em torno da *esposa* no curso de um passado e presente (pós-moderno!?) descontínuos entre si, percebemos que o método arqueogenealógico proposto por

¹² Comentários realizados pela Profa. Dra. Maria Regina Baracuhy Leite (da Universidade Federal da Paraíba) durante o minicurso virtual “Discurso, sujeito e memória na construção midiática sobre a pandemia da covid-19”, em agosto de 2020.

Foucault é o mais adequado, pois sua caixa de ferramentas nos dá possibilidade de analisar como esse sujeito esposa pós-moderna é constituído discursivamente pelo MEPM.

2.2 Considerações teóricas sobre o método

Nos Estudos Discursivos Foucaultianos, teoria e método não são pontos distantes, pois os conceitos teóricos são também analíticos e tais conceitos estão intimamente relacionados, eles se complementam e se entrelaçam. Assim, para esclarecermos um de seus postulados é comum nos valermos de outros.

Diante disso, nosso trabalho partirá do disperso em direção à regularidade, efetuando uma operação com discursos que revelem vontade de verdade para “localizar, nas práticas discursivas, as definições do exercício dos enunciados e, então, poder agrupá-los em séries que formarão os discursos e que nos indicarão os domínios das formações discursivas” (VOSS, 2011, p. 61), remetendo a um arquivo que rege o aparecimento do enunciado na ordem do saber.

Dito isso, faremos o detalhamento nesta seção sobre os conceitos teórico-analíticos que tomamos emprestados desse campo de estudos para alcançarmos nossa proposta de análise.

2.2.1 Enunciado

Em sua *A Arqueologia do Saber*, mais precisamente no capítulo 3 – *Definir o enunciado* –, Foucault (2008) afirma que o enunciado tem um modo singular de existência, e o apresenta por meio de negativas (o que o enunciado *não é*) e pela análise da relação entre enunciado e língua. Segundo o filósofo, o enunciado é a unidade elementar do discurso e “não é, pois, uma estrutura (isto é, um conjunto de relações entre elementos variáveis, autorizando assim um número talvez infinito de modelos concretos)” (FOUCAULT, 2020, p. 105).

Para distinguir o enunciado de uma estrutura, Foucault o diferencia da frase, da proposição e do ato de linguagem (*speech act*), pois esses, cada qual com as suas especificidades, são estruturas linguísticas, lógicas e/ou analíticas. Ademais, o enunciado se distingue desses três conceitos porque:

- a) ao contrário da proposição, o enunciado está no plano do discurso e, por isso, não pode ser submetido às provas de verdadeiro/falso. Por isso, diferentemente da proposição lógica, para os enunciados não há formulações equivalentes (por exemplo, “ninguém ouviu” é diferente de “é verdade que ninguém ouviu” quando os encontramos em um romance. Trata-se de uma mesma estrutura proposicional, mas com caracteres enunciativos bastante distintos);
- b) ao contrário da frase, o enunciado não está, necessariamente, submetido a uma estrutura linguística canônica (como, em português, sujeito-verbo-predicado), isto é, não se encontra um enunciado encontrando-se os constituintes da frase. Um quadro classificatório das espécies botânicas é constituído de enunciados que não são “frases”; uma árvore genealógica; um livro contábil; a fórmula algébrica;

um gráfico, uma pirâmide... todos têm leis de uso e regras de construção que são diferentes daquelas das frases. Por isso, não parece possível definir enunciado pelos caracteres gramaticais da frase (1986, p. 93);

- c) o enunciado, parece, à primeira vista, mais próximo do que se chama os *speech acts* (atos de linguagem). No entanto, diferentemente das pesquisas pragmáticas da filosofia analítica inglesa, [Foucault não propõe] procurar o ato material (falar e/ou escrever); ou a intenção do indivíduo que está realizando o ato (convencer; persuadir etc.) ou o resultado obtido (se foi “feliz” ou não). O que [ele procura] é *descrever a operação que foi efetuada em sua emergência – não o que ocorreu antes, em termos de intenção, ou o que ocorreu depois, em termos de “eficácia” – mas sim o que se produziu pelo próprio fato de ter sido enunciado – e precisamente neste enunciado (e nenhum outro) em circunstâncias bem determinadas* (1986, p. 94) (GREGOLIN, 2004, p. 24-25)

Como já mencionamos, Foucault (2008) também traça uma relação entre enunciado e língua. Segundo ele, enunciado e língua não estão no mesmo nível de existência. As letras de uma máquina de escrever não constituem enunciados, mas se forem dispostas em uma página, seguindo regras do sistema da língua, tornam-se enunciados. Assim, “a língua é um sistema de construção para enunciados possíveis” (GREGOLIN, 2004, p. 26).

Todavia, para as análises empreendidas por Foucault, não interessa esse campo de virtualidades das formas linguísticas, porque “não basta tampouco qualquer realização material de elementos linguísticos, ou qualquer emergência de signos no tempo e no espaço, para que um enunciado apareça e passe a existir”. (FOUCAULT, 2020, p. 104).

Diante disso, o filósofo concebe enunciado como:

uma *função* de existência que pertence, exclusivamente, aos signos, e a partir da qual se pode decidir, em seguida, pela análise ou pela intuição, se eles “fazem sentido” ou não, segundo que regra se sucedem ou se justapõem, de que são signos, e que espécie de ato se encontra realizado por sua formulação (oral ou escrita). [...] ele [o enunciado] não é em si mesmo uma unidade, mas sim uma *função* que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis e que faz com que apareçam, com conteúdos concretos, no tempo e no espaço. (FOUCAULT, 2020, p. 105, grifos nossos)

A *função* que destacamos no excerto acima é exatamente o que vai diferenciar o enunciado de uma frase, de uma proposição e de um ato de linguagem ou vai tornar essas estruturas enunciados. Assim, a função enunciativa, se relaciona com “o fato de ele [o enunciado] ser produzido por um sujeito, em um lugar institucional, determinado por regras sócio-históricas que definem e possibilitam que ele seja enunciado” (GREGOLIN, 2004, p. 26). Dessa forma, entende-se que o enunciado é um conjunto de signos em função enunciativa.

Foucault (2008) afirma que a função enunciativa se relaciona a quatro características inerentes ao enunciado, a partir das quais se pode determinar a existência de um enunciado em uma dada materialidade. São elas:

Quadro 2 – As quatro características do enunciado



Fonte: A autora (2021)

O *referencial* corresponde às condições de possibilidade que determinam as regras de existência do enunciado que estão relacionadas às leis de possibilidade dentro de um conjunto de domínios e o espaço onde as relações são estabelecidas. Nesse sentido, o

[...] referencial do enunciado forma o lugar, a condição, o campo de emergência, a instância de diferenciação dos indivíduos ou dos objetos, dos estados de coisas e das relações que são postas em jogo pelo próprio enunciado; define as possibilidades de aparecimento e de delimitação do que dá à frase seu sentido, à proposição seu valor de verdade. É esse conjunto que caracteriza o nível enunciativo da formulação, por oposição a seu nível gramatical e a seu nível lógico: através da relação com esses diversos domínios de possibilidade. (FOUCAULT, 2020, p. 110-11)

Outra característica da função enunciativa é a sua relação com o *campo associado*. O enunciado, segundo essa característica, liga-se a série de enunciados que o precederam e aos quais faz referência, atualizando-os, e, em simultâneo, associa-se a enunciados que o sucedem e que lhe abrem a um futuro.

Qualquer enunciado se encontra assim especificado: não há enunciado em geral, enunciado livre, neutro e independente; mas sempre um enunciado fazendo parte de uma série ou de um conjunto, desempenhando um papel no meio dos outros, neles se apoiando e deles se distinguindo: ele se integra sempre em um jogo enunciativo, onde tem sua participação, por ligeira e ínfima que seja. (FOUCAULT, 2008, p. 112)

Ainda sobre essa característica, Souza e Cutrim (2013, p. 49) afirmam: “O enunciado não é determinado por um sujeito que fala, pois antecede o próprio ato da elocução. É através do domínio de memória que os enunciados se sucedem, se ordenam, na medida em que se afirmam ou se opõem.”

Foucault (2008) pontua também a *existência material* do enunciado, o que corresponde a necessidade de que o enunciado possua uma materialidade que lhe determine um tempo e um espaço, sua individualização, possibilitando, assim, a observação de sua transformação, pois não teríamos como lidar com enunciados que não tivessem sido efetivamente proferidos em uma superfície ou “tomado corpo em um elemento sensível e se não tivesse deixado marca em uma memória ou em um espaço.” (FOUCAULT, 2020, p. 121). A materialidade, portanto, não é apenas um “suplemento” para o enunciado, ela lhe é parte constituinte.

Salienta-se também a não repetibilidade da enunciação. Como pontua Foucault (2008, p. 116), “A enunciação é um acontecimento que não se repete; tem uma singularidade situada

e datada”, ou seja, a cada vez ela terá características próprias “têm sua individualidade espaço-temporal”. Assim,

[...] o enunciado, ao mesmo tempo que surge em sua materialidade, aparece com um status, entra em redes, se coloca em campos de utilização, se oferece a transferências e a modificações possíveis, se integra em operações e em estratégias onde sua identidade se mantém ou se apaga. Assim, o enunciado circula, serve, se esquia, permite ou impede a realização de um desejo, é dócil ou rebelde a interesses, entra na ordem das contestações e das lutas, torna-se tema de apropriação ou de rivalidade (FOUCAULT, 2020, p. 128).

Em sua entrevista *fictícia* com Foucault, Gregolin (2004, p. 31) questiona sobre a composição da materialidade do enunciado:

O enunciado é sempre apresentado em uma espessura material que o constitui. Ele é caracterizado por seu *status* material e sua identidade é sensível a uma modificação desse *status*, dependendo do gênero de texto em que está inserido. A materialidade é constitutiva do enunciado: ele precisa ter uma substância, um suporte, um lugar, uma data. Além disso, é necessário que essa materialidade possa ser manipulada pelos enunciadore e, por isso, há *um regime de materialidade repetível* (1986, p. 117) definida por certas instituições, como a literatura, a ciência, o jurídico etc. Essa repetibilidade material define antes as possibilidades de reinscrição e de transcrição (mas também limiares e limites) do que individualidades limitadas e perecíveis (grifos da autora).

A mencionada *identidade do enunciado* estaria submetida aos limites que lhe são impostos pelo lugar que ocupa entre outros enunciados. No exemplo “A terra é redonda”, tal enunciado é diferente antes e depois do astrônomo Nicolau Copérnico, responsável pela teoria heliocêntrica. Sobre esse enunciado,

[...] apesar de o sentido das palavras não ter mudado, modificou-se a relação dessa afirmação com outras proposições. O mesmo conjunto de elementos verbais é inserido em um *campo de estabilização* que permite, apesar de todas as diferenças de enunciação, repeti-los em sua identidade e fazer surgir um novo enunciado (1986, p. 119). Ao mesmo tempo, institui-se um *campo de utilização*, que permite a sua constância, a manutenção de sua identidade através dos acontecimentos singulares das enunciações. (GREGOLIN, 2004, p. 31)

Tal afirmação pode ser validada utilizando o mesmo enunciado que desde 2019 foi associado aos “comunistas” (A terra é redonda), enquanto o enunciado “A terra é plana” esteve associado a pessoas simpatizantes do governo de Jair Bolsonaro, no Brasil, denominados “bolsominions”, como podemos ver no *tweet*¹³ abaixo:

Figura 1 – A terra é redonda

¹³ZF, Gledson. “Governo Bolsonaro não acredita em veneno...” **Twitter**. S/l. 18 jan. 2019. Disponível em: <<https://twitter.com/artesgled/status/1086336965300097024>>. Acesso em: 16 ago. 2021.



Fonte: Gledson DF (2021)

A última característica do enunciado é sua relação com o sujeito. Na entrevista de Gregolin (2004, p. 27) a Foucault, ela pergunta: “Você poderia falar um pouco da relação do sujeito com o enunciado?” e “ele” responde:

O sujeito do enunciado não pode ser reduzido aos elementos gramaticais. Veja, por exemplo, que, em uma formulação verbal, mesmo quando não aparece gramaticalmente a primeira pessoa, há sujeito. Do mesmo modo, a relação do enunciado com o sujeito que o enuncia não é a mesma se um conjunto de signos estiver em uma conversa ou em um romance (por exemplo, “deite-me mais cedo ontem” pode ser dito por um sujeito qualquer e pode aparecer num livro de Proust como *Em busca do tempo perdido*). (GREGOLIN, 2004, p. 27)

Para o filósofo, o sujeito também não deve ser confundido com um autor, enquanto indivíduo real capaz de produzir frases, pois a noção de autor está relacionada à ideia de origem, ligando-se, portanto, a uma intencionalidade que permite um ordenamento das palavras. Assim, “o *autor*, enquanto elemento emissor, não é idêntico ao sujeito do enunciado porque as leis de possibilidade que determinam o enunciado são anteriores à enunciação”. (SOUSA; CUTRIM, 2013, p. 49, grifo dos autores).

A posição sujeito é, como o nome sugere, uma posição que é definida como um lugar determinado por “condições de individualização do sujeito”, o que significa dizer que um único e mesmo indivíduo “pode ocupar, alternadamente, em uma série de enunciados, diferentes posições e assumir o papel de diferentes sujeitos”. (FOUCAULT, 2020, p. 113). Essa posição ou lugar é

[...] determinado e vazio que pode ser efetivamente ocupado por indivíduos diferentes; mas esse lugar, em vez de ser definido de uma vez por todas e de se manter uniforme ao longo de um texto, de um livro ou de uma obra, varia - ou melhor, é variável o bastante para poder continuar, idêntico a si mesmo, através de várias frases, bem como para se modificar a cada uma. (FOUCAULT, 2020, p. 115)

Diante dessas características, Foucault (2020) concebe enunciado

como função enunciativa que define textos como acontecimentos discursivos produzidos por um sujeito, em um lugar institucional, determinado por regras sócio-históricas que definem e possibilitam a emergência dos discursos na sociedade. (FOUCAULT, 2020, p. 115)

E ainda acrescenta:

Os enunciados [...] são inseparáveis de um espaço de raridade, no qual se distribuem segundo um princípio de parcimônia ou, mesmo, de déficit. Não há possível nem virtual no domínio dos enunciados; nele tudo é real, e nele toda realidade está manifesta: importa apenas o que foi formulado, ali, em dado momento, e com tais lacunas, tais brancos. (DELEUZE, 2005, p. 15)

Para uma melhor compreensão, tomamos o enunciado situado na abertura da Parte I do *zine*:

“A esposa pós-moderna (EPM) deve frisar que está muito bem, obrigada, sozinha. Contudo ela só estará completa quando tiver um HF para chamar de seu. Por isso, escolher bem o HF é de fundamental importância. É preciso levar em consideração não apenas a aparência e o estilo, mas também a personalidade. Nas páginas a seguir você vai aprender a reconhecer o HF dos seus sonhos” (MAIA/ @estarmorta, 2019, p. 3).

Identificamos que seu referente trata de uma mulher que vive na pós-modernidade e que está bem sozinha, mas que estará completa quando tiver determinado homem ao seu lado, o qual constitui um discurso feminista e próprio do nosso tempo, ao passo que constitui também um discurso tradicional que afirma que a mulher precisa de um homem ao seu lado. O referencial faz referência a algo que identificamos (FISHER, 2001).

Já a posição sujeito é ocupada por alguém que se sente no direito de orientar/ ditar como uma esposa pós-moderna tem que se comportar, quem deve escolher como companheiro. Assim, o sujeito do discurso pode ser compreendido como uma posição assumida frente a um determinado discurso (FISHER, 2013).

Tal enunciado correlaciona-se, considerando a terceira característica da função enunciativa, a um discurso feminista, religioso, prescritivista. O que significa que todo enunciado reatualiza outros enunciados de uma forma ou de outra. Foucault (2008, p. 112) afirma que “não há enunciado que não suponha outros; não há nenhum que não tenha, em torno de si, um campo de coexistências, efeitos de série e de sucessão, uma distribuição de funções e de papéis”, sendo isso uma das principais distinções entre o enunciado e as frases e proposições, já que as últimas podem ser reconhecidas mesmo quando isoladas.

A última regra da função enunciativa é a materialidade do enunciado, ou seja, suas formas concretas de existência material. Estas podem ser textos, livros, revistas, no caso do *corpus* que aqui analisamos, um *zine*. A materialidade é constitutiva do próprio enunciado: o enunciado precisa ter uma substância, um suporte, um lugar e uma data. Quando tais características são modificadas, o próprio enunciado se modifica. Foucault (2008) pontua ainda

que embora a materialidade, o suporte, possa ser repetível, o enunciado em si não é, ele só repete em condições estritas, atualizando-se e produzindo novos sentidos.

Ao conceber o enunciado como uma função, a partir das características anteriormente abordadas, Foucault (2008) expõe que alguns princípios devem ser considerados para que uma descrição da função enunciativa seja de fato realizada, são eles: a *raridade*, a *exterioridade*, o *acúmulo* e a *positividade*. Tomamos o enunciado verbal e não verbal que vem antes da Parte I do zine:

Figura 2 – Até que o print...



Fonte: Maia (2019)

No que concerne à *raridade*, a análise dos enunciados e das FDs busca estabelecer uma lei de raridade cujo princípio é de que nem tudo é sempre dito e o que é dito nem sempre reverbera em demasia. Dito isso, “a análise enunciativa deve radiografar a posição singular que o enunciado ocupa no interior de um regime de dispersão (SILVA, 2017, p. 60 *apud* OLIVEIRA, 2022, p. 35)”. Tomando o enunciado acima, Figura 02, se faz necessário problematizar seu aparecimento atrelado a uma rede de outros enunciados possíveis, buscando perceber por que este e não outro surgiu em seu lugar, já que para que um enunciado venha a existir, outros precisam ser negados.

Já à *exterioridade* se relaciona ao fato de que “o enunciado precisa ser concebido no conjunto das coisas ditas, das relações, no intuito de apreender sua própria irrupção no lugar e no momento em que se produziu, para reencontrar sua incidência de acontecimento”. (SILVA, 2017, p. 60 *apud* OLIVEIRA, 2022, p. 36). Dessa forma, não importa tanto quem fala, mas sim o fato de que o que é dito não se diz em qualquer lugar e de qualquer modo, sendo sempre necessário considerar o jogo de sua exterioridade. Desse modo, o aparecimento do enunciado destacado anteriormente relaciona-se às condições sócio-históricas que permitem hoje, antes de tudo, o divórcio e o *print* (redução de *print screen*, traduzindo “captura de tela”), carregam uma história.

O terceiro princípio é o *acúmulo* que trata das transformações que o enunciado pode sofrer no decorrer do tempo, podendo ser retomado, esquecido ou conservado. No caso da Figura 02, podemos observar que sua construção retoma um outro enunciado “Até que a morte nos separe” comum em votos de casamento e alude ao versículo bíblico “Assim não são mais dois, mas uma só carne. Portanto, o que Deus ajuntou não separe o homem.” (MATEUS, 19:6)¹⁴. Mas há uma atualização, pois a palavra *morte* é substituída por *print de chifre*. Não é mais a morte que poderá causar a separação de um casal, mas a prova de que houve traição ou adultério por parte de um deles. Esse enunciado insere-se em um domínio de memória religioso sobre o casamento, ao passo que se insere também em um domínio de memória digital e pós-moderno, em que o aparelho celular é tido como prova de (in)fidelidade.

O último princípio, o da *positividade*, considera todos os anteriores, definindo a unidade do enunciado por meio do tempo e relacionando-o com o arquivo de um determinado momento sócio-histórico. (SILVA, 2017 *apud* OLIVEIRA, 2022). Assim, a positividade desempenha o papel do que Foucault (2008) denominou de *a priori histórico*, que seria a condição de realidade para os enunciados, a qual deve “dar conta do fato de que o discurso não tem apenas um sentido ou uma verdade, mas uma história, e uma história específica que não o reconduz às leis de um devir estranho” (FOUCAULT, 2008, p. 144). Ao voltar-se para o enunciado o *a priori* ainda dá conta de sua dispersão “em todas as falhas abertas por sua não-coerência, em sua superposição e substituição recíproca, em sua simultaneidade que não pode ser unificada e em sua sucessão que não é dedutível” (FOUCAULT, 2008, p. 144).

O enunciado “Até que o *print de chifre* os separe” ancora-se na positividade de outros discursos como, por exemplo, no discurso religioso, no tecnológico e no discurso pós-moderno.

2.2.2 Discurso

Foucault (2008) define discurso como um conjunto de enunciados apoiados sob a mesma formação discursiva. Mussalim (2011, p. 131 *apud* MARQUES, 2018, p. 40) acrescenta a essa concepção que o discurso é “constituído por um número limitado de enunciados para os quais se pode definir um conjunto de condições de existência”, por isso, ele “é, de parte a parte, histórico – fragmento de história, unidade e descontinuidade na própria história, que coloca o

¹⁴ **BÍBLIA SAGRADA**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Editora Horebe: São Paulo, 2011. p. 1210.

problema de seus próprios limites, de seus cortes, de suas transformações, dos modos específicos de sua temporalidade” (FOUCAULT, 2020, p. 143).

O entrelaçamento entre as categorias analíticas concebidas por Foucault se evidencia na noção de discurso, esse, já mencionado, *conjunto limitado de enunciados*, que, em suas formas de dispersão e regularidade, são formados a partir de práticas discursivas específicas que pertencem a uma mesma formação discursiva. Ressalta-se que “[...] é no interior das práticas discursivas que emerge a função enunciativa, esta vista como um acontecimento em condições concretas de existência no tempo e no espaço, impossível de ser esgotada pela língua ou pela busca do sentido e significado das palavras” (GODOI, 2015, p. 63).

Dessa forma, a noção de discurso está atrelada a de *prática discursiva*, pois para Foucault (2005, p. 55), o discurso é um conjunto de enunciados que, além de designar, produz as coisas. Sobre a noção de prática discursiva, Foucault diz que

Não podemos confundi-la com a operação expressiva pela qual um indivíduo formula uma ideia, um desejo, uma imagem; nem com a atividade racional que pode ser acionada em um sistema de inferência; nem com a "competência" de um sujeito falante, quando constrói frases gramaticais; é um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa. (FOUCAULT, 2020, p. 143-144)

Esse conceito ordena como os discursos são fabricados em meio a dispersão dos acontecimentos. As práticas discursivas não são apenas os lugares de onde os discursos podem brotar, elas submetem-se aos lugares institucionais que determinam a produção do que vai ser dito e como o produto dessa prática vai circular. O que significa dizer que

[...] a instituição responsável pela formulação do enunciado também é responsável pela produção de sentidos, pois há nela uma vontade de naturalizar um discurso. Para isso, as instituições são capazes de excluir ou incluir sentidos nos discursos que veiculam. Isso significa que as vontades de verdade que veiculam também não estão alheias aos regimes de poder em voga em dada época. (MARQUES, 2018, p. 43)

Sob esse prisma, as práticas discursivas representam os limites da constituição de um saber, pois “não há saber sem uma prática discursiva definida, e toda prática discursiva pode definir-se pelo saber que ela forma” (FOUCAULT, 2020, p. 220). Assim, “as práticas discursivas definem-se pelas regras específicas que permitiram a elas enunciar sobre determinados objetos e formatá-los ao sabor da História, organizando-se no interior de um arquivo, que as permitem passar para o anonimato” (MARQUES, 2018, p. 43).

2.2.3 Formação discursiva

Como já pontuamos, no percurso teórico de Foucault um conceito se entrelaça a outro que se entrelaça a outro. A noção de *formação discursiva* é uma espécie de passo a mais nesse percurso que sucede a noção de enunciado e, em simultâneo, a complementa.

O enunciado é dialeticamente constituído pela singularidade e pela repetição; sua análise deve, obrigatoriamente, considerar a dispersão e a regularidade dos sentidos produzidos pelo fato de sua realização. Por essa razão,

[...] descrever um conjunto de enunciados no que ele tem de singular, paradoxalmente, é descrever a dispersão desses sentidos, detectando uma regularidade, uma ordem em seu aparecimento sucessivo, correlações, posições, funcionamentos, transformação [...] (GREGOLIN, 2006, p. 90)

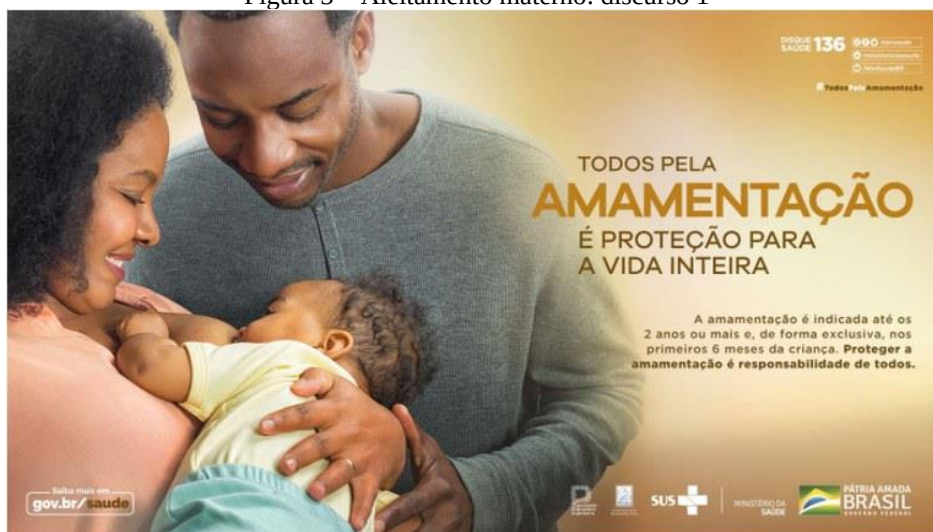
Pensando, então, os enunciados como formas de repartição e sistemas de dispersão ou ainda “nesse feixe de correlações que reenviam enunciados dispersos uns aos outros, diferenciando-os de outros conjuntos de enunciados” (MARQUES, 2018, p. 41) que Foucault deriva o conceito de formação discursiva (doravante FD):

Sempre que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições, funcionamentos, transformações) diremos, por convecção, que se trata de uma formação discursiva (FOUCAULT, 2004, p. 43).

Para chegar até a sua elaboração do conceito de formação discursiva, Michel Foucault procurou entender aquilo que dava unidade ao discurso. Em sua busca por essa compreensão, ele observou que não era possível enxergar homogeneidade nem na materialidade do livro, e nem tampouco na autoria, isso porque o discurso é algo que permeia os livros, os documentos, as falas em público e as conversas cotidianas de uma dada época, além disso, a característica específica do discurso não está nas palavras ditas, nem nas causas externas a elas e muito menos às causas internas (como se fosse um fato psicológico).

Assim, é possível observar que uma FD nunca é homogênea, mas incessantemente atravessada de elementos que advêm de outras FD's. É impossível enxergar uma FD como um bloco fechado de sentidos; ela deve ser vista em um espaço discursivo em que uma se relaciona à outra(s) nas suas relações de vizinhança. Pensemos, a título de exemplo, no discurso do aleitamento materno que se materializa em um conjunto de enunciados dispersos que tem a mulher por referente, dispostos em livros, revistas, entrevistas, panfletos, vídeos etc. Há uma regularidade naquilo que é dito, e em simultâneo há zonas de convergência com outros discursos, como, por exemplo, o discurso médico, produtor de saberes sobre os benefícios do aleitamento materno para os bebês, como a campanha do Ministério da Saúde (2022), Figura 03, que incentiva o aleitamento materno no Brasil, tendo, inclusive, o mês de agosto dedicado à luta pela amamentação:

Figura 3 – Aleitamento materno: discurso 1



Fonte: Ministério da Saúde (2022)¹⁵

Em contrapartida, há um discurso conservador que vê com maus olhos ou até como um tabu o aleitamento materno em público. A exemplo citamos o relato da mãe Arine Miranda dado ao jornal *Correio Brasiliense*¹⁶ em 31 de agosto de 2021: *“Eu estava bem vestida e ainda coloquei uma fralda na cabeça da criança, mesmo assim, uma mulher me abordou e disse que eu estava constrangendo ela e o marido. E ainda disse que ia chamar a polícia pra mim”*.

Além do discurso conservador e relacionado a ele, a quem veja o aleitamento materno em público de forma sexualizada, como ocorreu com a atriz brasileira Isis Valverde, quando uma foto sua amamentando seu filho foi postada em 9 de dezembro de 2019 no *Instagram* (Figura 04). Tal imagem fez com que o veículo de fofoca *TV Foco* publicasse em seu perfil no *Twitter* a chamada abaixo:

Figura 4 – Aleitamento materno: discurso 2

¹⁵ GOV.BR. **Campanha incentiva o aleitamento materno no Brasil**. Disponível em: <<https://www.gov.br/pt-br/noticias/saude-e-vigilancia-sanitaria/2021/07/campanha-incentiva-o-aleitamento-materno-no-brasil>>. Acesso em: 30 out. 2022.

¹⁶ LEITE, H. Agosto Dourado: **Por que amamentar em público ainda é um tabu**. Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2021/08/4946760-agosto-dourado-por-que-amamentar-em-publico-ainda-e-um-tabu.html>>. Acesso em: 01 nov. 2022.



Fonte: Hypheness (2019)¹⁷

Essa característica da(s) FD('s) é que possibilita a transformação dos discursos, isto é, o contato das FD's em determinado tempo-espço permite que surjam novos discursos. Dessa forma, a FD é “o princípio de dispersão e de repartição” (FOUCAULT, 2004, p. 122).

Ao propor uma análise enunciativa, Foucault (2008) afirma que para encontrarmos as regularidades dos enunciados precisamos descrever o funcionamento de quatro elementos que caracterizam a formação discursiva e dão unidade ao discurso. São eles:

Quadro 3 – Elementos que caracterizadores de uma FD



Fonte: A autora (2022)

O primeiro dos elementos – a regra de formação de objetos –, refere-se à existência de um determinado objeto no discurso. Para encontrá-lo, é preciso: delimitar as suas superfícies de emergência: onde surge para depois ser diferenciado; descrever as instâncias de delimitação, ou seja, as instâncias sociais autorizadas a falar dele e por fim analisar as grades de especificação, os sistemas pelos quais um mesmo objeto é separado, reagrupado, e classificado nas diferentes instâncias que falam dele. Consideramos o *zine* a superfície de emergência do nosso objeto de análise. Nela, há diferentes grades de especificação sobre o que é um homem

¹⁷ GOMES, C. **Isis Valverde critica sexualização de foto amamentando filho: ‘Não vou me calar’**. Disponível em: <<https://www.hypeness.com.br/2019/12/isis-valverde-critica-sexualizacao-de-foto-amamentando-filho-nao-vou-me-calar/#:~:text=%E2%80%9CUma%20foto%20minha%20amamentando%20meu,Sigamos%E2%80%9D%2C%20escreveu.>>>. Acesso em: 30 de out. 2022.

feminista (Parte I) e o que é uma esposa pós-moderna (Parte II). Algumas de suas instâncias de delimitação são a sociedade, a igreja, a medicina, a literatura.

O segundo elemento elencado por Foucault (2008) é a regra de formação das modalidades enunciativas, que permite encontrar o lugar de onde vêm as formas de enunciados, o *status* do sujeito que enuncia, os lugares institucionais de onde o sujeito obtém o seu discurso e onde se legitima e encontra seu ponto de aplicação.

Segundo Foucault (1986), seria necessário encontrar a lei que rege as diversas enunciações e o lugar de onde vêm as formas de enunciados, como eles se encadeiam, que determinismo há entre uns e outros enunciados. Para a verificação da procedência dos enunciados seria necessário identificar:

Quem fala? Quem, no conjunto de todos os sujeitos falantes, tem boas razões para ter esta espécie de linguagem? Quem é seu titular? Quem recebe dela sua singularidade, seus encantos, e de quem, em troca, recebe, se não sua garantia, pelo menos a presunção de que é verdadeira? Qual é o *status* dos indivíduos que têm – e apenas eles – o direito regulamentar ou tradicional, juridicamente definido ou espontaneamente aceito, de proferir semelhante discurso? (FOUCAULT, 1986, p. 56).

Qual o *status* do sujeito que enuncia e os lugares institucionais de onde ele obtém o seu discurso, onde se legitima e encontra seu ponto de aplicação, pergunta-se Foucault. O *status* do sujeito sofre modificação e se define dependendo da situação que ele ocupa diante de domínios ou grupos de objetos. São situações perceptivas (o sujeito questiona, observa, se posiciona em relação aos fenômenos que observa), que se somam às que ele pode ocupar na rede de informações.

Na análise proposta, as diversas modalidades de enunciação, em lugar de remeterem à síntese ou à função unificante de *um* sujeito, manifestam sua dispersão nos diversos *status*, nos diversos lugares, nas diversas posições que pode ocupar ou receber quando exerce um discurso, na descontinuidade dos planos de onde fala (FOUCAULT, 1986 p. 61).

Entendemos que os livros religiosos, os códigos de conduta, os manuais comportamentais e de etiqueta constituem parte dos elementos que possibilitaram a emergência de um discurso que enuncia como uma esposa deve ser. E ainda que não tanto quanto para o sexo oposto (a mulher), há também um discurso que enuncia como o homem deve ser, e, mais recentemente, como o homem *feminista* deve ser. Assim, membros da igreja, autores e autoras de distintos campos do saber, como a medicina, o feminismo tem o *status* para falar desse objeto.

O elemento três é a regra de formação dos conceitos, que permite investigar as relações entre as famílias de conceitos. No que concerne ao nosso objeto de pesquisa, interessa-nos

somente as formas de sucessão e de coexistência dos enunciados. Sobre este último, Sousa (2015, p. 65) afirma:

Quanto à descrição das formas de coexistência entre os enunciados, esta ocorre pela análise do campo de presença, constituído por enunciados já formulados e que são retomados como verdade, discutidos, julgados, rejeitados ou excluídos; do campo de concomitância, constituído por enunciados referentes a domínios de objetos diferentes e pertencentes a tipos de discursos diversos, mas que mantêm relação, seja para servir de modelo um para o outro, seja porque um é instância superior ao qual o outro está submetido; e do domínio de memória, constituído por enunciados que não são mais discutidos, mas em relação aos quais se estabelecem deslocamentos, continuidades ou descontinuidades.

Em relação às formas de coexistências dos enunciados sobre ser esposa, no seu campo de presença temos enunciados que investem na divulgação de aspectos positivos ligados ao casamento, à vida a dois, ao papel da esposa e também enunciados que mostram o lado negativo do matrimônio e das atribuições que uma mulher possui numa união assim (Figura 5), e há até os que são contra o casamento (Figura 6). Há rejeição, ao mesmo tempo em que os dois lados (o positivo e o negativo sobre o casamento) são tomados como verdades, o que demonstra um campo de concomitância entre ambos.

Figura 5 – O casamento sob um olhar positivo e negativo



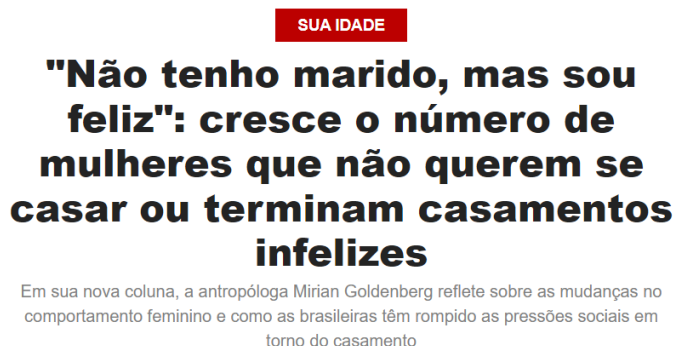
Fonte: humornanet.com (on-line)¹⁸

A imagem acima (Figura 5) é um meme que circula há algum tempo na Internet e é composta por um diálogo entre um homem (ELE) e uma mulher (ELA) que pode ser lida tanto de cima para baixo, quanto de baixo para cima. Quando lida de cima para baixo, o casal ainda não é casado e demonstra não querer estar distante um do outro. Mas quando é lida de baixo

¹⁸ Disponível em: <<https://humornanet.com/antes-e-depois-do-casamento-2>>. Acesso em: 30 jan. 2023.

para cima, o contrário acontece: eles querem distância um do outro; não há afeto verbal nem físico.

Figura 6 – Os que não querem casar



Fonte: Vogue.globo.com (2022, online)¹⁹

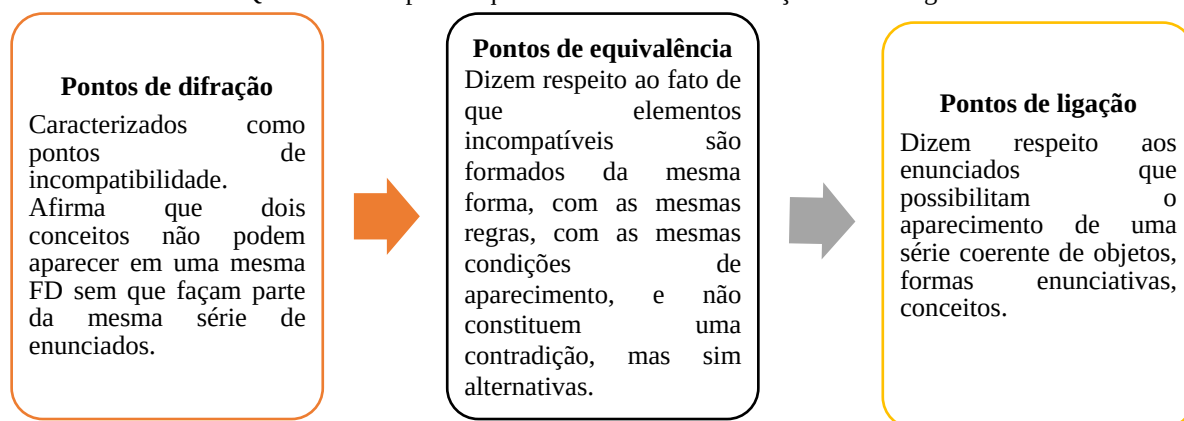
A imagem acima (Figura 06) é um *print* do título de uma matéria da *Vogue* publicada em 25 de janeiro de 2022. Na matéria, a antropóloga Miriam Goldenberg discorre sobre o seu processo de pesquisa para a escrita da obra *A Outra: Um Estudo Antropológico Sobre a Identidade da Amante do Homem Casado*, lançada em 1990. A autora afirma que conheceu várias mulheres que diziam ser casadas, mas não são felizes, e percebeu um crescente número de mulheres que não desejam se casar, passando a ouvir a frase “Não tenho um marido, mas sou feliz”. (GOLDENBERG, 2022, *on-line*).

As Figura 05 e 06 capturam o funcionamento discursivo de uma vontade de verdade (FOUCAULT, 2009) sobre a prática do casamento para com os sujeitos homens e mulheres, sobretudo as mulheres, cruzando o domínio da história, da mídia e da produção de sentidos na sociedade midiática e tecnológica, ao mesmo tempo em que dá condições para a emergência de enunciados que promovam modos de resistência frente as relações de saber-poder postas pela sociedade, pela religião entre outros saberes.

O quarto e último elemento é a regra de formação de estratégias, isto é, a distribuição na história de temas e teorias caracterizadas por enunciados provenientes de certo domínio discursivo. Foucault (2008) afirma que os discursos se organizam em objetos, conceitos e tipos de enunciação, que formam temas ou teorias, chamadas de “estratégias”, e questiona como eles se distribuem na história. Nessa análise, o autor diz que se deve determinar: os pontos de difração possíveis do discurso, os pontos de equivalência e os pontos de ligação de uma sistematização.

¹⁹ Disponível em: <<https://vogue.globo.com/sua-idade/noticia/2022/01/nao-tenho-marido-mas-sou-feliz-cresce-o-numero-de-mulheres-que-nao-querem-se-casar-ou-terminam-casamentos-infelizes.html>>. Acesso em: 30 jan. 2023.

Quadro 4 – Os pontos que determinam uma formação de estratégias



Fonte: Compilação da autora (2022 apud SOUSA, 2015)

Segundo os pontos de difração da formação das estratégias, não poderíamos colocar enunciados a favor do casamento e do papel da mulher como esposa na mesma série de enunciados que são contra essa instituição e contra a mulher exercendo tal papel. Tais enunciados estão inseridos em um domínio de memória ao qual o discurso contra o casamento e/ou contra a mulher exercendo as mesmas funções que *sempre* exerceu estabelece um deslocamento. Se levarmos em conta os pontos de equivalência da formação das estratégias, consideramos ser possível dizer que no MEPM, cuja autoria é atribuída a uma feminista, a modalização do sujeito esposa pós-moderna como uma mulher submissa ao homem feminista é possível graças ao recurso da ironia.

2.2.4 Arquivo

Nos anos 80, as reflexões da AD estavam voltadas para a leitura do arquivo, noção considerada a mais ampla da proposta de análise de Foucault (GREGOLIN, 2004), sendo que ela é englobadora dos discursos e noção diametralmente oposta à de enunciado, ainda que este seja o acontecimento raro daquele (MAZZOLA, 2010).

Se buscarmos um sentido dicionarizado, encontraríamos, entre similares, a seguinte definição para a *arquivo*: “conjunto de documentos escritos, fotográficos, microfilmados etc. mantidos sob a guarda de uma entidade pública ou privada.”. Essa ideia de “manter; guardar” é contrária a concepção de Foucault, como evidencia o seguinte excerto:

Não entendo por esse termo a soma de todos os textos que uma cultura guardou em seu poder, como documentos de seu próprio passado, ou como testemunho de sua identidade mantida; não entendo, tampouco, as instituições que, em determinada sociedade, permitem registrar e conservar os discursos de que se quer ter lembrança e manter a livre disposição. Trata-se antes, e ao contrário, do que faz com que tantas coisas ditas por tantos homens, há tantos milênios, não tenham surgido apenas segundo leis do pensamento, ou apenas segundo o jogo das circunstâncias, que não

sejam simplesmente a sinalização, no nível das *performances verbais*, do que se pôde desenrolar na ordem do espírito ou na ordem das coisas; mas que tenham aparecido graças a todo um jogo de relações que caracterizam particularmente o nível discursivo; quem em lugar de serem figuras adventícias e como que inseridas, um pouco ao acaso, em processos mudos, nasçam segundo regularidades específicas. (FOUCAULT, 2020, p. 157-158)

Depois de delimitar o que ele não é, Foucault (2020, p. 158) conceitua arquivo como

[...] de início, a lei do que pode ser dito, o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares. Mas o arquivo é, também, o que faz com que todas as coisas ditas não se acumulem indefinidamente em uma massa amorfa, não se inscrevam, tampouco, em uma linearidade sem ruptura e não desapareçam ao simples acaso de acidentes externos, mas que se agrupem em figuras distintas, se componham umas com as outras segundo relações múltiplas, se mantenham ou se esfumem segundo regularidades específicas; ele é o que faz com que não recuem no mesmo ritmo que o tempo, mas que as que brilham muito forte como estrelas próximas venham até nós, na verdade de muito longe, quando outras contemporâneas já estão extremamente pálidas.

Para se realizar um trabalho com o arquivo, segundo Revel (2005), é necessária a recuperação do arquivo geral da época escolhida, ou seja, “todos os traços discursivos suscetíveis a permitir a reconstituição do conjunto das regras que, num momento dado, definem ao mesmo tempo os limites e as formas da dizibilidade, da conservação, da memória, da reativação e da apropriação” (MARQUES, 2018, p. 44).

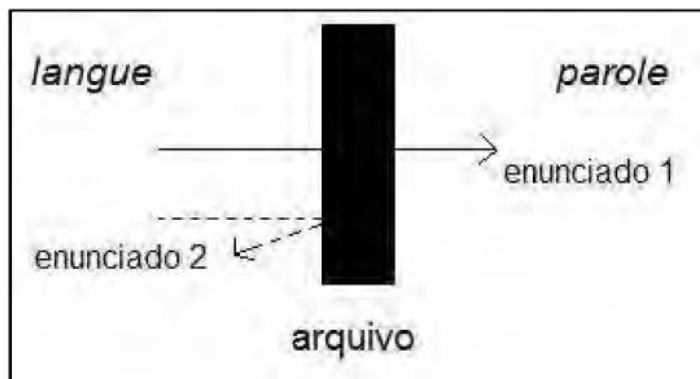
Ao discutir limites e formas que vão caracterizar o arquivo, Foucault (2010, p. 10) se vale de perguntas retóricas. Para os limites e formas da dizibilidade, ele propõe a pergunta: “de que é possível falar? O que foi constituído como domínio de discurso?”; para os limites e formas da conservação: “quais são os enunciados destinados a passar sem vestígio? Quais os que são destinados, ao contrário, a entrar na memória dos homens?”; para os limites e formas da memória (como ela aparece nas diferentes FD’s): “quais são os enunciados que cada uma reconhece válidos ou discutíveis, ou definitivamente invalidados?”; os limites e formas da reativação: “quais são os [discursos das épocas anteriores ou das culturas estrangeiras] que remetemos, que valorizamos, que importamos, que tentamos reconstituir?”; e para os limites e formas da apropriação: “quais os indivíduos, quais grupos, quais classes têm acesso a tal tipo de discurso? Como é institucionalizada a relação do discurso com aquele que o detém, com aquele que o recebe?”.

Os limites e formas auxiliam na compreensão do arquivo foucaultiano, e são considerados como a “lei do que pode ser dito”:

[...] percebe-se que, de um lado, existem as possibilidades da língua, isto é, o conjunto de coisas que podem ser formuladas a partir de combinações; de outro, o que pode e deve realmente ser dito. O arquivo, dessa forma, age como um filtro (sistema de regras) que permite a determinados enunciados “acontecerem”, e que interdita outros tantos. Ele, então, constitui uma instância colocada entre a *langue* e a *parole*. (MAZZOLA, 2010, p. 105)

A título de ilustração, apresentamos um esquema proposto por Mazzola (2010) em sua tese:

Figura 7 – O arquivo em funcionamento



Fonte: Mazzola (2010)

Segundo esse esquema, o arquivo funciona como filtro ou peneira do que pode ser dito, pois enquanto o *enunciado 1* acontece, sendo dotado, segundo Mazzola (2010, p. 105), de uma existência singular, o *enunciado 2* é filtrado, peneirado, barrado “pelo sistema de funcionamento do arquivo, mesmo que esse enunciado esteja dentro das possibilidades de formulação do sistema da língua, virtualmente.” Assim, o *enunciado 2* fica do lado da *langue* (língua) com seu potencial ilusório onde tudo é passível de ser dito a partir de uma combinação infinita de regras; já o *enunciado 1* encontra-se no lado da *parole*, do que é efetivamente dito.

Além dos conceitos apresentados neste capítulo, é preciso mobilizar outro que envolve o sujeito e a modernidade, de que trataremos a seguir.

3. O SUJEITO PÓS-MODERNO

Neste capítulo, discutiremos a noção de *pós-modernidade* e como se dão os relacionamentos amorosos nessa temporalidade. Partiremos da concepção de pós-modernidade para buscar compreender como algumas de suas características estruturam as vivências amorosas. Basearemos essas discussões em Chaves (2004), Esperandio (2007), Giddens (1993) e Lago (2009).

Ademais, aprofundar-nos-emos nas teorizações de Foucault que visam discutir a constituição do sujeito moderno a partir dos modos de objetivação para que possamos compreender como o sujeito *esposa pós-moderna* é constituído em nosso *corpus* de análise. Para discutir essa constituição do sujeito, mobilizaremos a noção de *modos de objetivação/subjetivação* proposta por Foucault (2004), que entende a constituição do homem ocidental por meio de práticas objetivadoras, que delineiam o sujeito e seu comportamento e práticas subjetivadoras, pelas quais o sujeito inscreve sua subjetividade.

3.1 Considerações iniciais: a pós-modernidade e os relacionamentos pós-modernos

Em entrevista concedida a Fernando Schüller e Mário Mazzilli, publicada no canal *Fronteiras do Pensamento*, em 12 de outubro de 2015, o sociólogo polonês Zygmunt Bauman discorre sobre o seguinte:

Ehrenberg²⁰ afirmou que, em sua opinião, a revolução pós-moderna começou numa quarta-feira à noite, num outono da década de 1980, quando uma certa Vivienne, uma mulher comum, na presença de 6 milhões de telespectadores, declarou nunca ter tido um orgasmo durante seu casamento, porque seu marido, Michel, sofre de ejaculação precoce.

Começo da revolução, começo da revolução.

Por que começo da revolução? Porque, repentinamente, na ágora, as pessoas começaram a confessar coisas que eram a personificação da privacidade, a personificação da intimidade, que você somente contaria, se você for católico, ao padre, no confessionário ou aos seus amigos realmente muito chegados ou realmente muito íntimos. Mas você não iria à praça pública anunciar para todos.

Então, a ágora foi conquistada, não pelos regimes totalitários, mas exatamente pela privacidade, por coisas que anteriormente eram privadas. (BAUMAN, 2015, *online*²¹)

Sendo ou não ficção, e desconsiderando a noção de “começo” da revolução pós-moderna, o caso envolvendo Vivienne e Michel continua sendo uma metáfora bastante pertinente e elucidativa para nossa análise. Pertinente pois uma mulher casada teria sido o

²⁰ Bauman se refere ao sociólogo francês Alain Ehrenberg.

²¹ ZYGMUNT BAUMAN – O QUE É PÓS-MODERNIDADE? Produção: Telos Cultural e Mango films. Roteiro: Zygmunt Bauman. Fronteiras do Pensamento. BRA, 2015. (2min), son, color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=aCdUuQycl6Q>>. Acesso em: 29 set. 2021.

estopim da revolução pós-moderna ao confessar, publicamente, um assunto que era “a personificação da intimidade”; elucidativa pois mostra que, com essa revolução, já não há divisão entre as esferas pública e privada, porque assuntos que antes ficavam restritos a uma dessas esferas agora se movem entre elas; há também uma liberdade para dizer que não se tinha anteriormente e há muitos para ouvir (em uma ágora).

Essa metáfora de Ehrenberg, citada por Bauman, é uma das muitas formas de se conceber a pós-modernidade. No entanto, a primeira abordagem *filosófica*²² da pós-modernidade ocorreu em 1979, com Jean-François Lyotard que “[...] considerou a chegada da pós-modernidade ligada ao surgimento de uma sociedade pós-industrial, na qual o conhecimento tornara-se a principal força econômica da produção, tratando a pós-modernidade como uma mudança geral na condição humana (THOMÉ, 2006, p. 1).

Em sua obra *A condição pós-moderna*, Lyotard (1979) anuncia o fim de todas as grandes narrativas. Analisa o modo como uma sucessão de transformações quantitativas pequenas pode determinar um salto qualitativo, uma mudança de época. E, também, segundo Sanfelice (2001, p. 4 apud THOMÉ, 2006, p. 2), “aquela cuja morte ele procurava garantir acima de tudo era, claro, a do socialismo clássico, mas também incluiu a redenção cristã, o progresso iluminista, o espírito hegeliano, a unidade romântica, o racismo nazista e o equilíbrio econômico”.

A título de exemplificação, citamos outras concepções de pós-modernidade, como a de Michel Maffesoli (1999 apud ESPERANDIO, 2007), que propõe como uma de suas principais características o emocional tomando o lugar – privilegiado – que outrora era do racional. Nessa sua concepção, a pós-modernidade não tem um fundamento econômico. Tal concepção diverge daquela apresentada por Fredric Jameson (2000 apud ESPERANDIO, 2007), que sustenta o capitalismo tardio como sendo a lógica cultural que funda a pós-modernidade.

Além desses teóricos, Terry Eagleton (1998) defende que depois do atentado terrorista de 11 de setembro de 2001, inauguramos a era do *pós-pós-modernismo*. Há também quem negue o pós-modernismo, como Jürgen Habermas, ao defender o ponto de vista segundo o qual o projeto racionalista da modernidade ainda não se completou. Segundo Esperandio (2007, p. 6), há

[...] os que assumem que existe uma mudança significativa na configuração social e percebem a necessidade, mesmo não admitindo, que estamos em um contexto que pode ser chamado de pós-moderno, de pelo menos assumir que nos deparamos com uma modernidade a tal ponto diferente que precisa ser adjetivada, como faz, por exemplo, Bauman com sua concepção de “modernidade líquida”. (ESPERANDIO, 2007, p. 6)

²² Adjetivo dado pelo historiador e sociólogo inglês Perry Anderson (1999 apud THOMÉ, 2006).

Para Bauman, a pós-modernidade não significaria necessariamente o fim da modernidade ou de seus problemas e projetos sociais. Compreendendo a modernidade²³ como um período histórico da civilização ocidental, ele teoriza sobre a impossibilidade de demarcar fronteiras nítidas entre épocas e entende a pós-modernidade como "a modernidade que atinge a maioria, a modernidade olhando-se à distância e não de dentro [...]" (BAUMAN, 1999, p. 288)

Esses distintos posicionamentos demonstram a complexidade que essa temática possui, cujas interpretações, como sugere Esperandio (2007, p. 7), “têm tudo a ver com o lugar de onde se parte para compreender o tema”.

Para nossa discussão, tomamos como aporte a tese de Jacqueline Cavalcanti Chaves (2003) intitulada *Contextuais e pragmáticos: os relacionamentos amorosos na pós-modernidade*, que se baseia nas perspectivas propostas por Bauman (1999), Eagleton (1998), Mancebo (2002) e Lipovetsky (1983).

Três aspectos saltam aos olhos de Chaves (2003) na sua leitura sobre a pós-modernidade: a descentralização do sujeito moderno e a construção de identidades múltiplas, a ideia de presente perpétuo e mudança constante e a hipervalorização da liberdade individual. Sendo esses talvez os pilares da pós-modernidade.

Sobre o primeiro dos aspectos, a autora pontua:

A noção de descentralização ou deslocamento do sujeito moderno diz respeito à perda de um sentido de si estável e remete à experiência da dúvida e da incerteza. As classificações e fronteiras que separavam grandes categorias, tais como classe, gênero, sexualidade, raça e nacionalidade, e davam ao sujeito uma localização sólida como indivíduo social estão sendo fragmentadas pelas mudanças políticas, econômicas, sociais e culturais em curso. (CHAVES, 2003, p. 25)

Assim, na medida em que uma sociedade flexível se instala, há um abalo na concepção de sujeito uno e centrado, uma das metas da modernidade, que buscava “[...] a fixação de um sujeito que expurgasse a contingência, ambigüidade e dúvida, e percorresse o seu trajeto de forma ordeira, racional e disciplinada” (CHAVES, 2003, p. 25).

A autora lista, baseada em Hall (2001), alguns teóricos que contribuíram para essa descentralização do sujeito, tais como Sigmund Freud com sua descoberta do inconsciente; Jacques Lacan e sua noção de um “eu” inteiro unificado construído na relação com o outro; Ferdinand de Saussure com sua noção de que a língua preexiste a nós, é um sistema social e não individual; Jacques Derrida e sua concepção de palavras mutimoduladas. Para ele, significados são sempre possíveis, embora o sujeito procure um fechamento, uma identidade

²³ Chaves (2003, p. 11), compreende modernidade como “um período histórico iniciado no século XVII na Europa Ocidental”.

para elas. Mesmo que ele tente criar mundos fixos e estáveis, significados suplementares, diferentes, sempre surgirão e subverterão sua tentativa.

O último teórico que ela lista é Michel Foucault, sobre o qual ela afirma:

O trabalho de Michel Foucault também contribuiu para o deslocamento do sujeito. Através do estudo dos poderes disciplinares e sua preocupação com o controle, primeiramente da espécie humana e de populações inteiras, depois, do indivíduo e de seu corpo, Foucault mostra como, embora o poder disciplinar venha de instituições coletivas, o sujeito individual é cada vez mais isolado, vigiado e individualizado (CHAVES, 2003, p. 27).

Além desses teóricos, ela lista outro desencadeador para essa descentralização do sujeito: o feminismo, tanto como uma crítica teórica quanto um movimento social. O feminismo questionou a distinção entre o "dentro" e o "fora" assim como o "privado" e o "público"; criou uma discussão política e social sobre variados temas, tais como a família, a sexualidade e a divisão doméstica do trabalho, e sobre a forma como os sujeitos são formados e produzidos, isto é, o feminismo "politizou a subjetividade, a identidade e o processo de identificação (como homens/mulheres, mães/pais, filhos/filhas)" (CHAVES, 2003, p. 27).

Sobre as ponderações feitas, a autora conclui:

As implicações conceituais e intelectuais produzidas pelos discursos feministas e pelos demais aqui citados como desencadeadores da descentralização do sujeito moderno não são aceitas por muitos e suscitam várias controvérsias, no entanto, hoje é difícil negar o modo como elas forjaram outras maneiras para se conceituar sujeito e pensar sobre a questão da identidade. (CHAVES, 2003, p. 27)

O segundo aspecto salientado por Chaves (2003) diz respeito às noções de presente perpétuo e mudança constante que, ao seu ver, se relaciona ao primeiro aspecto mencionado:

A descentralização do sujeito moderno diz respeito à perda de um sentido de si estável, a vivência de identidades múltiplas, e está relacionada a uma conjuntura política, econômica e cultural que valoriza a inovação constante, a experimentação, o imediatismo, o curto prazo, o contexto contemporâneo, que acredita em uma pouca significância da *longue durée*. (CHAVES, 2003, p. 33)

A expressão *longue durée* (em português, *longa duração* ou *longo prazo*) é vista com maus-olhos na pós-modernidade, porque “[...] emperra o fluxo do movimento e a mudança constante, a construção de planos” (CHAVES, 2003, p. 33). Assim, não é permitido ao indivíduo a realização de atividades e/ou planos que despendam muito tempo e esforço; buscar um aperfeiçoamento estaria fora de cogitação, ainda que vá contra as demandas do mercado de trabalho.

Neste sentido, a *longue durée* é compreendida como desidratante, isto é, produz perda de oportunidades, atraso na realização de metas diversas, esmaecimento do prazer que é atrelado à novidade.

Em oposição a essa noção, tem-se o *aqui-e-agora* e a ênfase em um tempo sempre presente. Jameson (1993 *apud* Chaves, 2003) afirma que o indivíduo pós-moderno vive em um presente perpétuo e uma perpétua mudança, pois todo o sistema social foi perdendo, aos poucos, a capacidade de reter seu passado fazendo com que o sentimento da história desaparecesse. Essa “amnésia histórica” seria, segundo o autor, auxiliada pelas mídias que levam ao esgotamento das notícias.

Sobre isso, Chaves (2003, p. 33-34) pontua:

Entendemos que isso acontece devido à quantidade, variedade e velocidade com que elas são transmitidas. Há um excesso informacional que põe em risco a potência/importância das notícias, a sua função de informar, a capacidade do sujeito de discerni-las e a possibilidade dele desencadear uma ação a partir da elaboração delas.

Retornando à ideia de *presente perpétuo* de Jameson (1993), compreendemos, acordando com Chaves (2003), que se não possuímos uma noção clara de passado ou de futuro, o que nos resta é um presente sem profundidade, raso, e eterno, um tempo que seria mais sincrônico do que diacrônico.

Na atual conjuntura, a ideia de linearidade, de tempo linear convive, segundo a autora, “com a perspectiva de uma série de presentes perpétuos que faz com que o indivíduo enfatize e esteja voltado, principalmente, para o contexto e a situação” (CHAVES, 2003, p. 34). Nessa perspectiva, o que temos são acontecimentos presentes que se esgotariam no próprio instante, sem outro propósito que não fosse o de viver por um instante, em simultâneo, outros acontecimentos precisam ser inventados para substituir a existência dos que já se foram, já se esgotaram.

Em consonância com essa discussão, a autora cita Eagleton (1998) que afirma estarmos “o tempo todo perdendo nossas opções históricas pelo simples fato de abrirmos novas”. Esse anseio pela novidade faz com que o indivíduo viva em constante recomeço, abrindo novas possibilidades para todos os aspectos de sua vida, e correndo o risco de se emaranhar neles “e acabar, paradoxalmente, reduzindo o seu horizonte de escolhas ou não conseguindo fazer uma escolha que lhe seja própria” (CHAVES, 2003, p. 35). Ademais, ele prefere estar sempre aberto ou voltado para novas opções do que vivenciá-las por um tempo mais longo ou de modo mais aprofundado. Citamos, a título de exemplificação, a prática do *ficar*, que remete aos anos 80 e consiste em um tipo de relação na qual há troca de carinhos/carícias, mas que, diferentemente do namoro, não tem o compromisso com o outro como um fator fundamental²⁴. As pessoas não

²⁴ Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/sexualidade/ficar.htm>>. Acesso em: 03 ago. 2022.

precisam se conhecer previamente nessa relação e ela não tem uma duração definida, podendo variar entre uma noite ou meses. Uma só pessoa pode ter vários *ficantes*.

Voltando à ideia do anseio pelo novo, tal busca é estimulada pela sociedade de consumo, baseada na satisfação instantânea. “Instantâneo no sentido de deixar o consumidor satisfeito com o bem ou serviço adquirido e, também, no sentido de que sua satisfação termine tão logo o bem ou o serviço tenha sido comprado” (BAUMAN, 2001, p. 89-90).

O consumidor ideal desse tempo é aquele que pode ser instigado com facilidade e que se desinteressa com rapidez. Ou seja, ele precisa ser impaciente, impetuoso e indócil. O que se excita com a sensação nova, ainda não experimentada, mais do que com a aquisição do produto propriamente dito é o consumidor desejado, pós-moderno.

O bom consumidor é aquele que quer ser seduzido e, tão logo usufrua a nova sensação/emoção, sente-se esvaziado e voraz por mais satisfação e movimento. O frenesi vem da novidade, mudança constante, promessa de viver algo inusitado, possibilidade de acumular mais e diferentes sensações. (CHAVES, 2003, p. 36)

Traçando um paralelo entre a modernidade e a pós-modernidade, a autora afirma que:

Enquanto na modernidade homens e mulheres se empenhavam na construção de suas identidades e projetos de vida no desenrolar de um tempo linear, com anterioridade e posterioridade, na pós-modernidade eles estão preocupados principalmente com a realização de um projeto mais imediato, que possa ser alcançado em curto prazo, e que dê resultados e satisfação mais rapidamente. A idéia de um presente contínuo pode ser pensada como um encurtamento ou compressão do tempo que expõe o indivíduo a uma sensação freqüente de ter que correr contra o tempo, de estar perdendo tempo e de o tempo estar passando mais rápido. (CHAVES, 2003, p. 36)

Além das mudanças em torno de como o indivíduo encarava o tempo, a autora elenca algumas transformações espaciais que vêm acontecendo e contribuem para a noção de mudança constante: o processo de globalização ou desterritorialização e a sensação de vastidão. Essa última compreende o fato de que se percebe o mundo menor, mas, em contrapartida, ele é também visto como ilimitado em suas possibilidades (CHAVES, 2003).

O terceiro e último aspecto salientado por Chaves (2003) é a hipervalorização da liberdade individual. Para tanto, a autora apoia-se nas discussões de Eagleton (1998), para quem a noção de liberdade da pós-modernidade é diversa daquela buscada na modernidade, pois enquanto na modernidade a liberdade era refreada, em teoria, pelo menos, pelo respeito à autonomia dos demais indivíduos, na pós-modernidade, a valorização recai sobre a concepção de liberdade *individual* e ela ocupa um lugar prioritário na vida de muitos indivíduos, estando relacionada a duas proposições: a primeira, “viver como bem quiser e ser livre para transitar”, e a segunda, “ter opções e ser livre para escolher” (CHAVES, 2003, p. 42).

Eagleton (1998) salienta que na pós-modernidade corre-se o risco de se perder a tão almejada liberdade justamente porque não há necessariamente um respeito pela autonomia dos demais indivíduos como havia na modernidade.

Na pós-modernidade,

O indivíduo não parece muito preocupado em cercear as suas chances de realização e satisfação, por exemplo, profissional e financeira, em prol da sociedade mais ampla. Ele espera ter a sua liberdade e acredita, ou quer acreditar, que é possível viver sem depender de outros, ou que estes podem ser substituídos sempre que isto for conveniente ou necessário para ele. (CHAVES, 2003, p. 42)

O indivíduo pós-moderno renuncia a antigas referências identitárias, crenças e modelos, que até então orientavam as suas escolhas, para aderir a outras que lhe pareçam mais convenientes e que se aproximem de seus anseios presentes, mesmo que de forma temporária. Isso para que ele possa vivenciar diversas formas de obtenção de prazer, possa se sentir flexível e possa pertencer a um grupo por ele prestigiado.

A liberdade é vista na pós-modernidade como “um bem inequivocamente positivo (EAGLETON, 1998, p. 123). Desta forma, mesmo que as regras e normas se multipliquem, colidam e transformem umas às outras e a autoridade normativa seja múltipla e variável, tudo isso é percebido como algo bom para a sociedade.

No entanto, em acordo com Chaves (2003), acreditamos que essa é uma faca de dois gumes, pois se por um lado isso dá ao indivíduo o dinamismo e a flexibilidade necessários para a construção de formas de vida mais condizentes com o momento atual, por outro, pode dar a esse indivíduo a sensação de estar à deriva e a insegurança diante da ausência de limites que possam restringir uma liberdade excessiva.

Sobre essa dualidade, a autora acrescenta:

De um lado, a possibilidade de viver em um ambiente plural e flexível dá ao indivíduo a sensação de liberdade, de ter diversas opções e poder fazer uma escolha individual, a qual visa o próprio bem-estar. De outro, como salienta Eagleton, o indivíduo que transita em um mundo aleatório, contingente e sem alicerces, não pára [tem] tempo suficiente para que ele possa se dar conta da sua liberdade e usufruir dela no sentido de construir projetos e ter tempo para levá-los adiante. (CHAVES, 2003, p. 43)

Outro ponto negativo que a liberdade, compreendida como “viver como bem quiser”, tem é o fato de ela não ser igual para todos, assim o que ela faz é suscitar as desigualdades, visto que uns podem exercê-la *livremente*, enquanto outros “[...] se veem privados das condições sociais, culturais e econômicas que propiciam o acesso a ela”. (CHAVES, 2003, p. 43)

Logo, para a autora, a busca pela liberdade, ainda que deva ser reconhecida e garantida, se torna injusta, à medida que não respeita a autonomia e os direitos de outrem, quando não

respeita a dignidade e a inteireza destes e os faz meros meios ou instrumentos para a autossatisfação.

Quando colocado dessa forma, configura-se uma tensão entre a liberdade individual e segurança no convívio social. Essa tensão é discutida em *O mal-estar da civilização*, de Freud (1930), e a partir daí por Bauman (1998).

Freud (1930 apud CHAVES, 2003) afirma que para que a sociedade possa se constituir e avançar é necessário que os indivíduos, cada um deles, façam concessões e renunciem a parte de suas felicidades. A felicidade é algo subjetivo em essência e a melhor maneira de alcançá-la dependeria muito da constituição psíquica de cada um. Em sua percepção, a civilização é, em grande parte, a responsável pela infelicidade do indivíduo por impor-lhe sacrifícios, seja em sua sexualidade, seja em sua agressividade. O indivíduo poderia ser mais feliz se abandonasse a civilização e voltasse a viver sem restringir suas formas de satisfação da pulsão.

Mas o indivíduo não pode abandonar a civilização, já que, segundo Freud (1930, p. 137 apud CHAVES, 2003, p. 44), "o homem civilizado trocou uma parcela de suas possibilidades de felicidade por uma parcela de segurança".

Compreende-se então que

[...] os indivíduos aceitam fazer algumas concessões, limitar suas oportunidades de satisfação, mesmo que de modo um tanto contrariado, a fim de poderem viver em grupo, "ajustarem os seus relacionamentos" com os demais, terem alguma estabilidade, confiança e amparo no convívio social. (CHAVES, 2003, p. 44)

A troca de felicidade por segurança social foi escolha do homem moderno, pois na pós-modernidade ocorre de forma diversa, segundo afirma Bauman (1998). Ele adiciona ainda que na pós-modernidade vive-se um momento de "desregulamentação", de flexibilização de normas e regras ditadas pela razão.

Na atualidade, o que se tem é a liberdade individual sendo tomada como referência, valor maior, e, por essa razão, abre-se mão de parte das possibilidades de obter segurança para se obter felicidade individual, ou seja, para se obter prazer, "sempre mais prazer e sempre mais aprazível prazer" (BAUMAN, 1998).

Sobre a ponderação acima, Chaves (2003, p. 45) comenta:

Pensamos que na atualidade o que ocorre não é exatamente uma troca de segurança por felicidade individual, mas sim o desejo de manter a liberdade – para fazer o que bem quiser e como quiser – e a segurança. Embora o indivíduo não queira mais abrir mão das suas satisfações, busque sempre mais prazer, ele não quer também abandonar as possibilidades de ter segurança, deixar de lado o amparo e o conforto que o grupo social possa lhe oferecer. O que ele quer é uma liberdade livre de riscos, o desfrute de sua liberdade e um "final feliz" garantido, resultados assegurados.

Tal comentário nos traz à mente novamente o termo *ficante*, mas atrelado ao adjetivo *fixo*, o “ficante fixo” ou ainda uma variante dessa forma, o “fixante”. Tais termos designam alguém que não é um namorado, mas também não é um “simples” ficante, sendo uma espécie de estágio entre um e outro. Há ainda os que definem tal termo como sendo pessoas que só ficam com uma pessoa, têm apenas um ficante.

Ressaltamos que tais termos já apareceram inclusive na TV. Há, por exemplo, uma cena em que personagens do seriado *Malhação*, na temporada de 2017, episódio 142, os utilizam para tentar estabelecer qual tipo de relacionamento eles têm:

Benê: — [...] É que eu fiquei pensando o que nós somos um do outro, e não cheguei a nenhuma conclusão.
 Guto: — O quê que “cê” acha que a gente é?
 Benê: — Depois de conversar com a Keila, eu percebi que nós temos algumas opções. Nós podemos ser *crush*, ficientes, ficientes fixos ou namorados. Porque nós nos beijamos na boca e amigos não fazem isso.
 Guto: — “Cê” quer ficar com outras pessoas.
 Benê: — Eu? Será? Só se for com o Juca.
 Guto: — “Cê” quer ficar com o Juca, Benê?
 Benê: — E você quer ficar com a Clara?
 Guto: — Não, não quero. Eu “tô” bem com você.
 Benê: — Eu acho que também “tô” bem com você.
 Guto: — Então... “Cê” quer namorar?
 Benê: — Vamos com calma. É que tem coisas que namorados fazem que eu não sei se eu quero fazer.
 Guto: — Tá. Então nós somos... ficientes fixos. Fixantes. [risos] Serve?
 Benê: — Serve. Ficientes... Fixantes.
 Guto: — Fixantes. (MALHAÇÃO. Temporada 25, ep. 142, 2017)²⁵

Esse termo e sua variação demonstram um tipo de relacionamento típico da modernidade, em que existe liberdade, ao mesmo tempo em que existe o desejo por manter também certo nível de segurança. Não há um compromisso, mas existe um alguém com quem ficar.

Nessa esteira, recorremos a Chaves (2003) e suas considerações sobre respeito ao amor e à afetividade na pós-modernidade.

Na *Introdução* de sua tese, Chaves (2003, p. 1) afirma que o amor já suscitou e continua suscitando uma vasta produção artística e teórica, além “[...] de ser acontecimento marcante na vida cotidiana de grande parte dos indivíduos”. A autora pontua que “a noção de amor é sempre construída e datada”, pois o modo como o amor seria tratado e vivido “varia de acordo com aquele que o aborda e com o momento religioso, histórico, político, social e cultural em que se vive”.

A autora acredita que

²⁵ Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/6320587/>>. Acesso em: 18 jul. 2022.

[...] paralelamente ao sentimento amoroso há crenças e julgamentos que fazem com que o amor possa vir a ser transformado. Essa mudança diz respeito tanto ao indivíduo quanto à sociedade em que ele está inserido. Isto significa que ela ocorre em função das expectativas e práticas amorosas e das necessidades dos indivíduos, bem como das condições sociais mais amplas (CHAVES, 2003, p. 8).

Chaves propõe como objetivo de sua tese estudar os relacionamentos amorosos na pós-modernidade, cujo cenário social é “[...] caracterizado, sobretudo, pela instabilidade e pela insegurança propiciados pela ênfase dada à flexibilidade, à pluralidade, ao tempo presente, à mudança e à liberdade individual entendida como viver como bem quiser e ter opções” (CHAVES, 2003, p. 8).

A *pluralidade* é considerada pela autora como uma das características da pós-modernidade. Ela seria resultado da expansão do consumismo, dos avanços das tecnologias e da indústria cultural, da flexibilização da geopolítica, da economia, das formas de produção, e das normas e regras que orientam e regulamentam a vida do indivíduo, e ainda seria resultado da descentralização do sujeito moderno.

A pluralidade coloca o indivíduo de frente a uma multiplicidade de identidades, valores, ideais, costumes e estilos de vida, a qual se por um lado pode fazer com que ele se sinta desorientado, por outro, lhe dá a sensação de ser livre, de ter uma enorme gama de opções a serem escolhidas. Neste contexto plural e flexível, diversas trocas simbólicas podem vir a ser feitas e facilitar a construção de novas expectativas e práticas amorosas. (CHAVES, 2003, p. 4)

A cultura pós-moderna, segundo ela, fomenta valores e atitudes que estão em sintonia com a economia de mercado e com a sociedade de consumo. Diante disso, é possível vislumbrar três consequências desse quadro nas relações sociais e amorosas:

Quadro 5 – Consequências da sociedade de consumo nas relações

1) a desregulamentação, a flexibilização e a flutuação de regras e normas que passam a ser orientadas em função do mercado;

2) a responsabilização imposta sobre o indivíduo pelo seu próprio bem-estar assim como a ênfase dada à realização e supremacia dos interesses individuais; e,

3) a facilitação da construção de relações humanas essencialmente utilitaristas nas quais o outro é colocado no lugar de instrumento ou meio de acesso à auto-satisfação

Fonte: Chaves (2013)

Tais consequências acabam por colocar em marcha um movimento constante no sentido de se buscar sempre experiências novas e diferentes que proporcionem satisfação, de preferência, imediata. Essas constantes mudanças somadas a pluralidade, fazem com que o

indivíduo “[...] se depare a qualquer momento com a experiência da instabilidade e da incerteza e que isso pode fazer com que ele se sinta mais inseguro e vulnerável.” (CHAVES, 2013, p. 4)

Para sair dessa situação, as soluções ou saídas que ele (o indivíduo) encontra são, possivelmente, e na maioria das vezes, precárias, contextuais e situacionais, isto é, “[...] deverão ser alteradas constantemente em função do contexto no qual ele está inserido e de suas necessidades, desejos, experiências e possibilidades reais na situação específica” (CHAVES, 2003, p. 4). Esse indivíduo precisará se manter em *permanente negociação*, isto é, ele terá que negociar consigo mesmo e com os demais, ele “[...] terá de adiar ou modificar algumas expectativas a fim de atender aos seus interesses e às suas necessidades mais prementes ou suas possibilidades concretas”.

No entanto, esse arranjo é problemático, pois há sempre a possibilidade de que ele se torne tenso e conflituoso se cada uma das partes insistir em não ceder, priorizar sempre seu próprio bem-estar, “[...] se olhar com apatia e indiferença para as necessidades e os desejos daqueles que estão a sua volta (CHAVES, 2003, p. 4-5).

Apesar dessa controvérsia quanto à negociação permanente, o indivíduo pós-moderno busca relações emocionais intensas. Mas qual seria a profundidade e qualidade dessas relações? Haveria um resultado satisfatório? Essa conjuntura, faz a autora supor

a existência de uma profundidade rasa e de uma intensidade emocional pontual, efêmera e hedonista. Esse modelo de profundidade e essa qualidade intensiva podem facilitar a flutuação do indivíduo por diversos grupos, o investimento dele em diferentes pessoas sem que, por exemplo, o abandono de uma delas venha a se tornar algo muito doloroso. (CHAVES, 2003, p. 5)

Esse olhar acerca das relações pós-modernas se aproxima da concepção de sujeito pós-moderno, que foi descentralizado, deslocado de sua relação consigo mesmo e com o lugar que ele ocupa(va) no mundo social e cultural, o que acabou por resultar em identidades múltiplas, abertas e inacabadas. Esse indivíduo é orientado para o curto prazo, para o tempo presente, para o agora, que, supostamente, tem pouca relação com o passado e o futuro (CHAVES, 2003).

Diante desse cenário e dessa concepção de sujeito, Chaves (2003, p. 87) levanta o seguinte questionamento:

Perguntamo-nos se é possível ou desejável construir relações afetivas mais duradouras em um contexto de vida que é, predominantemente, instável ou se é do interesse do indivíduo estabelecer vínculos sociais mais intensos, sólidos, compromissados com o outro e com uma permanência (duração) diante da efemeridade e multiplicidade de posições que ele ocupa na vida.

O estabelecimento das relações mais temporárias é uma faca de dois gumes: “[...] pode fazer com que o indivíduo se sinta mais só e desamparado, e se veja obrigado a uma constante negociação com o outro e com ele mesmo visando à continuidade ou quebra do vínculo forjado”

ou pode possibilitar “[...] a constituição de redes, a vivência de novas e diversas formas relacionais que pode, paradoxalmente, minimizar essa solidão e lhe dar segurança e apoio”. (CHAVES, 2003, p. 87)

Um exemplo dessa última possibilidade é o “estar-junto”. Sobre essa relação, a autora pontua:

[...] ao mesmo tempo em que ele é marcado por uma certa superficialidade e fugacidade, também propicia o compartilhamento espontâneo de experiências vividas, sentimentos, desejos e interesses. Além disso, por se caracterizar como um ajuntamento efêmero, no qual os indivíduos não cobram, por exemplo, fidelidade, profundidade de sentimento ou investimento afetivo, o estar-junto facilita o trânsito e o vínculo com outras pessoas e grupos. No estar-junto é possível haver uma animada troca de idéias, um verborrágico falar de si, uma vivência de acontecimentos ou um silêncio no qual o que importa é simplesmente estar e passar o tempo juntos. Percebe-se aí desde uma alegria esfuziante até um tédio e vazio que são melhores suportados com a presença de outros. O fato de não haver cobranças ou de elas serem menos rígidas faz com que o indivíduo se sinta mais livre, menos pressionado, tendo um espaço onde ele não se sente exigido ou constantemente obrigado a mostrar coerência ou a provar o seu sentimento e os seus níveis de desempenho intelectual ou profissional, por exemplo (CHAVES, 2003, p. 87-88).

Diante do cenário pós-moderno com todo o seu cenário, uma das perguntas é: de que maneira a pós-modernidade estrutura as vivências amorosas e propicia diferentes intensidades e graus de profundidade? (CHAVES, 2013) Vale ressaltar que não se pode afirmar que as formas relacionais amorosas de outrora foram totalmente abandonadas para serem substituídas por outras novas e diferentes. No entanto, no campo amoroso houve “re-configurações” de algumas expectativas e práticas tradicionais assim como a construção de outras diversas. Até a forma como o amor é visto e compreendido passou por mudanças.

A autora chega inclusive a afirmar que poderia ser dito que na atualidade o diferencial que existe está na forma como se vivencia o amor, que as práticas são diversas, mas não o amor.

Essa discussão nos leva a refletir sobre como a relação a dois é apresentada no *Manual da esposa pós-moderna*, que ironiza uma relação baseada na proposta do “feito para durar”, considerando que na maioria das vezes as relações não são duradouras.

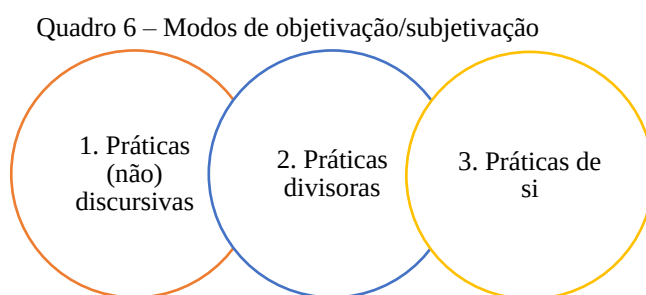
3.2 Constituição do sujeito moderno em práticas (não) discursivas e práticas divisoras

Em *O sujeito e o poder*, texto publicado por Dreyfus e Rabinow (2011), Foucault (2011, p. 231) afirma que o objetivo de seu trabalho foi “criar uma história dos diferentes modos pelos quais, em nossa cultura, os seres humanos tornaram-se sujeitos.” Ele problematiza o sujeito e a subjetividade a partir de indagações como

[...] que forças constroem o sujeito? Quais são as relações de poder que o constroem? Como os saberes modernos produzem sujeitos em vários campos? Como o corpo é produzido? Como se constrói a sexualidade e como a usamos? Enfim, como o sujeito é subjetivado? (FOUCAULT, 2011, p. 231)

Diante de tais questionamentos, Foucault postula que o sujeito é histórico, produzido em sua própria história e pela história que o permeia através da “história da verdade”. Esse sujeito *concreto*, em oposição a um sujeito universal idealizado e abstrato, é formado por procedimentos diversos construídos nas e pelas instâncias sociais, tais como as universidades, as escolas e as igrejas, ou seja, “sobre a base de determinações que lhe são exteriores” (PRADO, 2009, p. 17). Distanciando-se da concepção filosófica de sujeito, como aquele de autoconsciência livre e autoconstruída, Foucault (1985) propõe uma construção de sujeito que se dá por meio de práticas discursivas, assim como de técnicas que agem diretamente sobre ele (PRADO, 2009).

Tomando esse sujeito como efeito de constituição e não como instância fundadora, e pensando nessas instâncias de constituição ou contingências históricas como não idênticas entre si no tempo e no espaço, temos que considerar, pois, a existência de diferentes formas de constituição do sujeito. A essas formas que constituem o sujeito, Foucault denominou de *modos de objetivação/subjetivação*, são elas:



Fonte: A autora (2021)

O primeiro modo – as práticas epistêmicas ou (não) discursivas – é o que tenta atingir o estatuto de ciência e que produz a objetivação do sujeito como o sujeito do discurso, objeto de investigação da gramática, da linguística e da filologia; é a objetivação do sujeito produtivo, do sujeito que trabalha na análise das riquezas e na economia; e a objetivação do fato de estar vivo, na história natural ou biologia (FOUCAULT, 1995).

O segundo modo são as práticas divisoras, que tentam dividir o sujeito em seu interior e em relação ao outro, tais como: o louco e o são; o bom e o mau (FOUCAULT, 1995).

O terceiro modo são as práticas de si, tentativa de Foucault de estudar “o modo pelo qual um ser humano torna-se sujeito”, como nos estudos sobre como o homem se torna sujeito de uma sexualidade, em que o filósofo estuda os modos de subjetivação do ser humano, que “diz respeito às práticas, às técnicas, por meio das quais o sujeito faz a experiência de si mesmo em um jogo de *verdade*” (GREGOLIN, 2008, p. 94, grifos da autora).

Para estas discussões, mobilizaremos os dois primeiros modos de objetivação/subjetivação sobre os quais discorreremos a seguir.

3.2.1 Práticas (não) discursivas

Para fins didáticos, a obra de Foucault tem sido dividida por seus estudiosos em três épocas: arqueologia, genealogia e ética e cuidado de si. Em cada uma dessas épocas ou fases seu foco estava sobre o sujeito.

Na denominada fase arqueológica, a grande questão do projeto foucaultiano é o sujeito, o discurso e a produção de sentidos, voltando-se assim para as práticas (não) discursivas que visam objetivar o sujeito.

Alguns estudiosos vão denominar essa fase de práticas epistêmicas. Discutiremos brevemente a noção de *episteme* e a nossa opção por não a utilizar.

Segundo Revel (2015), o termo *episteme* é o centro das discussões de *As palavras e as coisas* (1969) e gerou numerosos debates na medida em que difere tanto da noção de *sistema* quanto da de *estrutura*. Por *episteme*, Foucault designa “um conjunto de relações que liga tipos de discurso e que corresponde a uma dada época histórica” (REVEL, 2015, p. 33). Acrescenta-se: “são todos esses fenômenos de relações entre as ciências ou entre os diferentes discursos científicos que constituem aquilo que eu denomino a *episteme* de uma época” (FOUCAULT, 1972).

Os debates a que essa noção deu lugar devem-se a dois motivos:

1. A interpretação de *episteme* como um sistema unitário, coerente e fechado, ou seja, como uma coerção histórica, o que implicaria uma sobredeterminação rígida dos discursos;
2. A acusação de um certo relativismo histórico por parte de Foucault. Foi pedido ao filósofo que explicasse a ruptura epistêmica e a descontinuidade que a passagem de uma *episteme* a outra necessariamente implica (REVEL, 2015).

Para o primeiro ponto, Foucault respondeu que a *episteme* de uma época não é

a soma de seus conhecimentos, ou o estilo geral de suas pesquisas, mas o afastamento, as distâncias, as oposições, as diferenças, as relações de seus múltiplos discursos científicos: a *episteme* não é uma espécie de grande teoria subjacente, é um espaço de dispersão, é um campo aberto e, sem dúvida, indefinidamente descritível de relações.” (FOUCAULT, 2010, p. 4, grifos do autor)

Já para o segundo ponto, Revel (2015, p. 34) afirma que

Foucault reivindica, por meio da noção, a substituição da questão abstrata da mudança (particularmente viva, na época, para os historiadores) por aquela dos “diferentes tipos de transformação”: substituir, enfim, o tema do devir (forma geral, elemento abstrato,

causa primeira e efeito universal, mistura confusa do idêntico e do novo) pela na análise das *transformações* em sua especificidade. (grifo da autora)

No prosseguimento de suas discussões, há o abandono dessa noção em prol da de dispositivo e isso ocorre, segundo Revel (2015), porque há um deslocamento do interesse de Foucault de objetos estritamente discursivos a realidades não discursivas, como práticas, estratégias, instituições etc.

Diante disso, em vez de denominarmos de *práticas epistêmicas*, optamos por chamar de práticas (não) discursivas essa primeira fase da empreitada teórica de Foucault.

Nela, o sujeito é delineado pelas práticas discursivas ou não discursivas nas quais ele se inscreve. As práticas discursivas revelam os diferentes lugares ocupados pelos sujeitos nas relações sociais, sendo esses lugares determinantes nas formas de ação e significação das enunciações.

As práticas discursivas não podem ser confundidas com

a operação expressiva sobre a qual o sujeito formula uma ideia, um desejo, nem com a competência do sujeito na construção e organização estrutural da língua, mas é preciso entendê-las como um conjunto de regras que determinam “as condições do exercício da função enunciativa” (CASTRO 2009, p. 337). Esta, por sua vez, determina a relação do enunciado com seu sentido e com as posições dos sujeitos estabelecidas no interior das formações discursivas. (GODOI, 2015, p. 60)

Assim, o conceito de prática discursiva é definido pelo filósofo francês como “o lugar em que é dada ênfase às formas das relações consigo, os procedimentos e técnicas pelas quais são elaborados o exercício em que o próprio sujeito se dá como objeto a conhecer” (GODOI, 2015, p. 60) pois, como pontua Castro (2009), “os modos de subjetivação, os lugares de sujeito são perceptíveis no interior das práticas discursivas, porque só a partir delas é possível compreender as relações do sujeito como um sujeito de um saber, de poder (relações com o outro) e um sujeito da ética (relações consigo mesmo)”.

Tais relações materializam-se tanto na linguagem verbal quanto na não verbal, como imagens, gestos, vestimenta, tatuagens etc. O sujeito foucaultiano é analisado “em relação à” no interior dos discursos. Diante disso, ele se inscreve em práticas (não) discursivas que o mostram inserido em uma situação sócio-histórica, sempre determinada no tempo e no espaço.

3.2.2 Práticas divisoras

No segundo momento de sua trajetória teórica, Foucault investigou a objetivação do sujeito pelas chamadas práticas divisoras, *divisórias*, *divergentes* ou ainda *divisantes*,

cujo resultado são as identidades que se relacionam por divisões entre os sujeitos ou de um mesmo sujeito em seu interior, como as identidades de doente mental e são, de criminoso e socialmente ajustado. Trata-se de estudos da identidade e da diferença

como resultantes de separações estabelecidas historicamente por mecanismo de poder exercidos em variados níveis e de modo desigual (SOUZA, 2020, p. 24).

Para Foucault (1999, p. 4):

todas as práticas pelas quais o sujeito é definido e transformado são acompanhadas pela formação de certos tipos de conhecimento e, no Ocidente, por uma variedade de razões, o conhecimento tende a ser organizado em torno de formas e de normas mais ou menos científicas. Há também uma outra razão talvez mais fundamental e mais específica das nossas sociedades. Reside no facto de que uma das mais importantes obrigações morais, para qualquer sujeito, é o conhecer-se a si próprio.

Foucault entende por práticas divisoras o sujeito sendo dividido no seu interior e em relação aos outros, que os classificam e os determinam numa ou noutra ordem subjetiva: o são e o louco, o normal e o anormal.

Foucault (1984, 1985, 1999, 2004, 2019) mostra como, ao longo da história se produziu um sujeito, seja como objeto do saber, seja como sujeito normalizado pelo poder, seja como sujeito de uma sexualidade.

Ao discorrer sobre o modo pelo qual o ser humano torna-se sujeito a partir do domínio da sexualidade, Foucault (1984, 1985) discorre sobre um conjunto de regras, opiniões, conselhos, aos quais o cidadão deveria recorrer para orientar sua vida cotidiana. Tais princípios são encontrados em textos da Antiguidade Clássica (Aristóteles, Sêneca, Platão) e revelam um conjunto de “práticas de si”, de ordem moral, restritiva – em direção a uma “*arte da existência*” ou “*técnicas de si*”.

Essas práticas de si não são inventadas pelo indivíduo, ao contrário, elas lhes são propostas, sugeridas, impostas por sua cultura, sua sociedade e seu grupo social (GODOI, 2015). Na prática da mulher-esposa, os esquemas apresentados pela sociedade e pelos meios midiáticos estão presentes na positividade de discursos como os da sociedade, da igreja, da medicina, da literatura (VALE; CUTRIM, 2019; 2020).

Em seus estudos sobre a experiência da sexualidade e a história da experiência da sexualidade, Foucault (1993) destaca a existência de vários tipos de técnicas para analisar o sujeito, dentre as quais estão às técnicas de “dominação” e as “tecnologias do eu”. As técnicas de dominação podem ser entendidas como as práticas pelas quais o sujeito é definido e transformado pela formação de certos tipos de conhecimento, enquanto as tecnologias

permitem aos indivíduos efetuarem um certo número de operações sobre os seus corpos, sobre as suas almas, sobre o seu próprio pensamento, sobre a sua própria conduta, e isso de tal maneira a transformarem-se a eles próprios, a modificarem-se, ou a agirem num certo estado de perfeição, de felicidade, de pureza, de poder sobrenatural e assim por diante. (FOUCAULT, 1993, p. 208)

Na análise da genealogia do sujeito nas sociedades ocidentais, é necessário levar em conta não apenas as técnicas de dominação, mas também as técnicas do eu. É preciso que se

considere a interação existente entre estes dois tipos de técnicas, os pontos em que as tecnologias de dominação dos indivíduos uns sobre os outros recorrem a processos pelos quais o indivíduo age sobre si próprio e, em contrapartida, os pontos em que “as técnicas do eu” são integradas em estruturas de coerção (GODOI, 2015).

A partir dessas considerações, entendemos que sujeito-mulher-esposa se constitui por meio de um duplo processo: primeiro, ela se objetiva pelos saberes constituídos como verdades culturais, segundo, ela põe em evidência seu desejo, suas vontades, as histórias que pertencem a si, mas que também estão ligadas às técnicas de dominação.

Ela escolhe o marido, celebra sua união, constitui sua história com o seu parceiro, ou seja, exerce domínio sobre aquilo que escolhe para si, mas ao mesmo tempo segue padrões, valores que são disseminados socialmente como ideais, pois deverá se inserir em uma ordem normalizadora, caso contrário, não estará inserida em uma ordem do discurso.

Como destaca Candiottto (2013, p. 81), o sujeito é sempre efeito de relações de poder. E isso acontece mediante mecanismos disciplinares que o normalizam permanentemente em razão de tecnologias vigentes, como também “quando ele se toma como objeto para si próprio nos diferentes processos de subjetivação a partir do embate agonístico entre forças do querer e as potências de liberdade”. (CANDIOTTO, 2013, p. 81)

No próximo capítulo, apresentamos nossas análises para uma melhor compreensão sobre o lugar do sujeito mulher-esposa pós-moderna no discurso do *Manual da Esposa Pós-Moderna*.

4. MANUAL DA ESPOSA PÓS-MODERNA: constituição do sujeito

Neste capítulo, procedemos com a análise do *corpus*, tecendo, primeiramente, uma breve discussão acerca do movimento feminista; depois destacamos como se dá a constituição do *zine* MEPM. Em seguida, analisamos o discurso que produz o sujeito esposa pós-moderna, seja por meio de práticas objetivadoras ou subjetivadoras e sua relação com outro sujeito enunciado nesse material: o homem feminista. Ademais, buscaremos investigar o sujeito legitimado a enunciar esse discurso.

Conforme dissemos na Introdução deste trabalho, agrupamos o *corpus* em quatro séries enunciativas (FOUCAULT, 2008): Rainha do Lar, Bela e saudável, Sexualmente resolvida e zero ciumenta, Empoderada, conforme as regularidades discursivas.

4.1 Feminismo: uma breve discussão

Antes de prosseguirmos para as páginas do *zine*, abrimos um parêntese para brevemente discutir a noção de *feminismo* tão cara a essa materialidade.

Segundo o dicionário Michaelis, *feminismo* é um “movimento articulado na Europa, no século XIX, com o intuito de conquistar a equiparação dos direitos sociais e políticos de ambos os sexos, por considerar que as mulheres são intrinsecamente iguais aos homens e devem ter acesso irrestrito às mesmas oportunidades destes. (O movimento pressupunha, já de início, uma condição fundamental de desigualdade, tanto em termos de dominação masculina, ou patriarcado, quanto de desigualdade de gênero e dos efeitos sociais decorrentes da diferença sexual.)”.

No livro *Uma breve história do feminismo no contexto euro-americano*, Antje Schrupp e Patu (2019) iniciam sua discussão retomando os personagens bíblicos Eva e Adão para mostrar que em muitas culturas no Ocidente (quicá no Oriente também), *homem* é sinônimo de *ser humano*, tendo algumas línguas, como o francês, por exemplo, só uma palavra para ambos. “Os homens representam, portanto, os ‘seres humanos em si’, enquanto as mulheres são consideradas seres de alguma forma derivados, deficitários, subordinados”. (SCHRUPP, PATU, 2019, p. 2).

Para as autoras, isso mostra “onde está o problema”. Pelo fato de não serem consideradas seres humanos, as mulheres sofrem consequências que variam de acordo com a região do mundo, mas que essencialmente são: “[...] menos direitos, menos dinheiro, podem aparecer em público apenas de forma restrita, têm menos acesso a posições de poder.” (SCHRUPP, PATU, 2019, p. 2).

Em sociedades emancipadas, elas até são, segundo as autoras, “equiparadas” aos homens, mas para isso precisam ter como parâmetro uma norma masculina. Essa ordem que coloca como parâmetro o masculino, é o *patriarcado* (soberania do pai) e existe em muitas formas e variantes diversas.

Sobre esse sistema social as autoras afirmam:

Como exatamente o patriarcado surgiu na história e quais foram as suas causas é um tema controverso. Alguns o veem como consequência de desdobramentos históricos que começaram há cerca de 5.000 anos com a suplantação gradual de culturas anteriores. Outros acreditam que ele seria uma consequência inevitável do fato de que nem todos os seres humanos ficam grávidos e dão à luz filhos. A partir disso teria se formado uma divisão do trabalho baseada no sexo, em prejuízo da mulher. Já outros rejeitam o termo “patriarcado” por completo por ele colocar muitos fenômenos demasiadamente diferentes em uma panela só. (SCHRUPP, PATU, 2019, p. 3).

As autoras seguem sua digressão sobre o patriarcado concordando com a diversidade de sociedades patriarcais e nas diferenças que elas têm entre si. Mas, mesmo em sua diferença, elas têm algo em comum: “[...] em todas as sociedades patriarcais há também feminismo – ou seja, pessoas, na maioria das vezes mais mulheres que homens, que rejeitam a supremacia do masculino sobre o feminino em sua cultura e que defendem a liberdade das mulheres.” (SCHRUPP, PATU, 2019, p. 3).

Sobre feminismo elas pontuam:

não é, portanto, um programa de conteúdo fixo, mas uma atitude: feministas, tanto mulheres quanto homens, consideram a distinção entre os sexos um instrumento de análise importante sem o qual não é possível compreender processos e relações sociais. E, em seu ativismo, eles se orientam pelo critério da liberdade feminina, pois a liberdade das mulheres tem em si um valor que não precisa ser justificado. De resto, diversas feministas defendem pontos de vistas completamente diferentes e, às vezes, até contraditórios, que são sempre influenciados por questões e problemas concretos de sua época – e, é claro, pelas ideias e pelos pontos de vistas subjetivos da pensadora ou ativista em questão. Portanto, quem quer entender as ideias feministas precisa sempre enxergá-las em seu contexto e não deve jamais exigir uma definição inequívoca. Ninguém escapará de formar para si uma opinião e de adotar um ponto de vista próprio. Pois não existe ‘um único feminismo’ apenas novas propostas, resultados de pesquisas e descobertas que surgem o tempo todo. (SCHRUPP, PATU, 2019, p. 3)

Em sua passagem pela história do feminismo na Europa e América, as autoras remontam a Antiguidade, passam pela Idade Média, Idade Moderna, pelos ideais iluministas e do socialismo utópico, até chegarem aos movimentos feministas organizados. Esses movimentos costumam ser denominados *ondas* que são “[...] momentos históricos em que há uma verdadeira onda de movimentos organizados que culminam em avanços na libertação das mulheres” (FRANCHINI, 2017, *on-line*).

Sociólogos identificam três *ondas* principais do feminismo, mas algumas feministas já falam de uma quarta onda que teve início na segunda década do século

XXI. Cada uma dessas ondas teve catalisadores específicos. A primeira onda feminista dominou a agenda nos Estados Unidos e na Europa e se originou “[...] dos mesmos princípios libertários que impulsionaram a abolição da escravidão” (McCANN et al., 2019, p. 14).

As primeiras feministas exigiam direito ao voto – as *suffragettes* –, acesso igualitário à educação e direitos iguais no casamento. A primeira onda vai até os anos 1920, época em que a maioria dos países ocidentais já havia garantido às mulheres o direito ao voto. (McCANN et al., 2019).

Em simultâneo, houve um feminismo de primeira onda que além de lutar por esses direitos políticos, lutou por algo ainda mais básico — a abolição da escravatura. Ressalta-se o nome de Sojourner Truth, uma mulher negra que nasceu escrava, e foi uma abolicionista e ativista dos direitos das mulheres. (FRANCHINI, 2017, *on-line*).

Diante disse, pontua-se que: “Mulheres negras feministas sempre existiram, desde a primeira onda; e, justamente por serem negras, sempre analisaram sua condição enquanto mulheres também sob o prisma do racismo.” (FRANCHINI, 2017, *on-line*).

Segundo McCann et al. (2019, p. 15), só nos anos 1960 que a segunda onda começou a florescer, devido as atenções e esforços estarem voltados para a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Segundo a autora, essa segunda fase foi influenciada por textos que emergiram nesse período de guerra, e ainda segundo ela, o *slogan* “o pessoal é político” sintetizou o pensamento dessa nova onda.

Sobre essa fase, Franchini (2017, *on-line*) afirma:

Foi nessa época que foram iniciados uma série de estudos focados na condição da mulher, onde começou-se a construir uma teoria-base, uma teoria raiz sobre a opressão feminina. Muito por isso, geralmente, quando nos referimos ao feminismo de segunda onda, costumamos querer dizer mais especificamente do que chamamos de feminismo radical (de raiz), um movimento que teve seu início (e sua fase mais ativa) nas décadas de 60 e de 70, pois toda a movimentação feminista daquela época foi pautada na teoria radical que versa sobre a nossa condição de exploradas por conta do nosso sexo e das nossas funções reprodutivas. Isso pautou as discussões da segunda onda que se caracterizou por uma fase de luta por direitos reprodutivos e discussões acerca da sexualidade.

É mais ou menos aqui que começa a distinção entre *sexo* e *gênero*, sendo que aquele passa a ser entendido como uma característica biológica; e este, como uma construção social, um conjunto de características e de papéis imposto à pessoa dependendo de seu sexo. (grifos da autora)

As mulheres, nessa época, perceberam que os direitos legais adquiridos durante a primeira onda não tinham levado a nenhuma melhoria real em suas vidas diárias, assim voltaram sua atenção à redução da desigualdade em áreas que iam do local de trabalho à família, para fala abertamente sobre “normas” sexuais.

Sendo estimuladas pelo clima revolucionário dos anos 1960, a segunda onda se identificou com o “Movimento de Libertação das Mulheres”, que buscava, sobretudo, identificar e acabar com a opressão à mulher. Elas tomaram para si o controle de natalidade, até então nas mãos de uma medicina dominada por homens; lutaram pelo direito ao aborto legal; e denunciaram agressões físicas.

Segundo o McCann (2019, p. 15), foi durante a segunda onda, mais precisamente nos anos 1980, que emergiu o feminismo negro e a ideia de interseccionalidade²⁶ – um reconhecimento das múltiplas barreiras encaradas pelas mulheres negras, que o feminismo, dominado por mulheres brancas de classe média, deixara de abordar.

Já o termo “terceira onda feminista” provém dos Estados Unidos. Ele remonta a um manifesto de Rebecca Walker, filha da famosa escritora Alice Walker. Ela o escreveu em 1992 como reação a uma sentença judicial que absolveu um estuprador:

Eu escrevo isso como um apelo a todas as mulheres, sobretudo às mulheres da minha geração: deixem que essa rejeição da experiência de ser mulher as enfureça. Transformem essa ira em poder político. Não votem neles a não ser que eles trabalhem por nós. Não transem com eles, não dividam o pão com eles, não os alimentem se eles não derem prioridade à nossa liberdade de controlarmos nossos corpos e nossas vidas. Eu não sou uma feminista pós-feminista. Eu sou a Terceira Onda. (SCHRUPP, PATU, 2019, p. 83).

Sobre a origem da terceira onda, Franchini (2017, *on-line*) afirma:

Geralmente associamos o início da terceira onda ao surgimento de movimentos punk femininos, cuja ideologia girava em torno da completa negação a corporativismos e da defesa do “faça você mesmo” (*do it yourself*). São essas mesmas garotas punk que lançaram o termo *riot grrrl* (garota rebelde, em tradução livre) e introduziram a confecção e a estética dos zines ao feminismo. Esses zines tratavam de assuntos como estupro, o patriarcado, a sexualidade, e o empoderamento feminino. (grifos da autora)

A terceira onda abrangeu correntes diversas e, por vezes, conflitantes. Essas correntes incluíam atitudes em relação à “cultura *raunch*” – comportamento abertamente sexual – como uma expressão de liberdade sexual, a inclusão de mulheres trans no movimento e o debate sobre se os objetivos feministas podiam ser alcançados em uma sociedade capitalista.

O denominado feminismo contemporâneo (*cyberativismo* feminista ou ainda quarta onda do feminismo), que surge em 1990, destaca o discurso pela propriedade do corpo e as

²⁶ No final dos anos 1980, a jurista Kimberlé Crenshaw (nascida em 1959) cunhou o termo “interseccionalidade”, ou seja, “cruzamento”. Ele evidencia que diferentes formas de discriminação não podem ser simplesmente somadas no sentido de que uma pessoa possa ser discriminada tanto como mulher quanto como negra ou como lésbica, mas que diferentes níveis de discriminação estão entrelaçados entre si de modo que o caráter especial de cada aspecto também é modificado. Por exemplo: uma mulher negra também é tratada como mulher de uma forma diferente da que uma branca é tratada. (SCHRUPP, PATU, 2019, p. 72).

questões de gênero, violência, racismo, feminicídio, ausência de mulheres em espaços de poder, desigualdade salarial entre outras²⁷. Sobre esse momento, Sousa e Araújo (2018, p. 3) afirmam:

[...] teve como essência a ideia de que as mulheres são diversas, dessa forma as vertentes do feminismo foram mais evidenciadas, formando subgrupos, cada um com suas peculiaridades, Feminismo Negro, Feminismo Liberal, Feminismo Marxista, Feminismo Radical, Feminismo Interseccional, Transfeminismo, Lesnofeminismo e Feminismo Anarquista. Com as vertentes em destaque a terceira onda traz outras pautas para o movimento feminista, além das questões de gênero, traz questões como classe, raça, as diversidades de gênero, sexualidade, violência de gênero, inclusão das mulheres na política entre outras.

Sobre a quarta onda, Franchini (2017, *on-line*) afirma:

Parte da academia já afirma existir uma quarta onda do feminismo, caracterizada principalmente pelo uso maciço das redes sociais para organização, conscientização e propagação dos ideais feministas.

Apesar de não haver uma coesão teórica, são apontadas como pautas frequentes a cultura do estupro, a representação da mulher na mídia, os abusos vivenciados no ambiente de trabalho e nas universidades, e a postura de denúncia e de recusa ao silenciamento. As palavras-chave da quarta onda são “liberdade” e “igualdade”, independentemente do que isso signifique.

É frequente, por outro lado, que as feministas de quarta onda rejeitem o rótulo de “feministas”, por simplesmente rejeitarem rótulos em si, ou, ainda, por considerá-lo excludente (levando em consideração o histórico do movimento): a noção de um feminismo que luta por e para apenas mulheres agora é ultrapassada e negada.

Atualmente, discute-se mais a temática, há maior visibilidade da mesma, desde livros, artigos em portais de notícias, em sites especializados a vídeos e postagens nas redes sociais e até em *fanzines*.

O *fanzine* ou *zine* é um texto sincrético que possui uma materialidade verbal e outra não verbal; a produção de sentidos ocorre justamente no entrelaçamento dessa dupla materialidade.

O termo *fanzine*

vem das palavras em inglês *fanatic* (fanático) + *magazine* (revista). Ele é um veículo de comunicação sem ligações com empresas e feito de modo artesanal, sem uso de grande tecnologia. Geralmente um *fanzine* não tem fins lucrativos, ou seja, não é feito para gerar lucro. Seus temas são produções culturais como música, cinema, histórias em quadrinhos e mangás. Normalmente é elaborado sem muita técnica, por pessoas comuns, e não por profissionais da comunicação. [...] um *fanzine* tem caráter alternativo e, por esse motivo, não segue muitas regras em sua construção. Assim, pode não ter um assunto específico e reunir produções do próprio autor (desenhos, colagens, poemas etc.), passando nesse caso a se chamar simplesmente *zine*. (FTD, 2020, p. 132, grifos dos autores)

Tal definição é semelhante a encontrada em Lourenço (2006, p. 2):

[...] *fanzine* (ou somente *zine*, como é normalmente usado por aqueles que produzem este tipo de revista) é uma publicação impressa que se aproxima de um jornal ou revista, porque utiliza técnicas de edição, editoração, diagramação, impressão, distribuição e, às vezes, até publicidade, embora não trabalhe com a mesma formalidade, nem pretensões editoriais dos grandes meios de comunicação impressa.

²⁷ NSC Total. DC. Reivindicações tão diversas quanto as vivências: o que querem as mulheres que vão às ruas?. 05 ago. 2017 [07 ago. 2017]. Disponível em: <<https://www.nsctotal.com.br/noticias/reivindicacoes-tao-diversas-quanto-as-vivencias-o-que-querem-as-mulheres-que-vao-as-ruas>>. Acesso em: 19 jan. 2022.

A diferença que as duas perspectivas apresentam está em como concebem *zine*. Para a FTD (2020), *zine* seria uma produção semelhante ao *fanzine* que traz produções autorais, enquanto para Lourenço (2006) *zine* é praticamente uma forma diferente (mais próxima/íntima) de se denominar um *fanzine*²⁸.

É possível encontrar *zines* em circulação na Internet, como o MEPM, nosso *corpus* de análise.

Relacionado ao movimento feminista, mais especificamente à sua quarta fase, está o termo *homem feminista*, presente no MEPM. Tal termo, segundo Cruz e Cutrim (2021, p. 66) começa a aparecer com frequência a partir de 2012, com variações como “omi feminista”, inclusive em redes sociais como o *Twitter* e até em trabalhos acadêmicos. Segundo suas análises, o homem feminista é “[...] politicamente correto, que luta por justiça social, que nunca se reconhece machista, que se diz apoiador das mulheres” e que é um homem branco, hetero e, geralmente da classe artística, que age na contramão do que prega. (CRUZ; CUTRIM, 2021, p. 74)

Santos (2017, p. 3 apud CRUZ; CUTRIM, 2021, p. 75) relaciona o homem feminista como uma camuflagem contemporânea do príncipe encantado. Ela afirma que esse homem despido de machismo, sensível e de barba florida irá conduzir a donzela na maneira correta de ser feminista, ou seja, de forma que ela não possa fazer nada que venha deixá-lo desconfortável ou inseguro de si.

Após essa breve contextualização sobre o movimento feminista e sobre o termo *homem feminista*, discutimos, brevemente, a Parte I – Escolhendo seu Homem Feminista (Figura 8) do *zine*, lembrando que o *corpus* de análise desta pesquisa é a Parte II.

Figura 8 – Parte I

²⁸ Para este trabalho, nos apoiaremos na definição proposta pela FTD (2020).



Fonte: Maia (2019)

A esposa pós-moderna (EPM) deve frisar que está muito bem, obrigada, sozinha. Contudo, ela só estará completa quando tiver um HF para chamar de seu. Por isso, escolher bem o HF é de fundamental importância. É preciso levar em consideração não apenas a aparência e o estilo, mas também a personalidade. Nas páginas a seguir, você vai aprender a reconhecer o HF dos seus sonhos. (@estarmorta, 2019, p. 3)

Essa página traz como enunciado não verbal um casal heterossexual com características físicas semelhantes às dos outros casais já mencionados. Os dois estão caminhando na praia. Ela usa um biquini de cintura alta vermelho com bolinhas pretas e ele veste uma bermuda lilás com vermelho. Ele carrega uma sacola azul na mão direita e uma canga ou saída de praia na mão esquerda. Tanto a sacola quanto a canga parecem ser da mulher, já que ele orienta seu corpo como se quisesse devolvê-las.

O enunciado verbal, por sua vez, trata de uma introdução a essa parte do MEPM. Nela tem destaque que uma mulher solteira “está muito bem, obrigada”, mas, em contrapartida, afirma sem se efetivamente dizer que ela é incompleta, uma vez que “ela só estará completa quando tiver um HF para chamar de seu”. Essa ideia de incompletude, de necessitar de um outro para ser completo, dialoga com o mito dos Andróginos, discurso²⁹ proferido por Aristófanes e presente em *O Banquete*, de Platão.

Com esse discurso, o intuito de Aristófanes, segundo Menezes (2018, p. 170), foi “[...] falar de todos os amores possíveis entre os humanos, irá apresentar aquele que seria o primeiro mito sobre gênero”³⁰.

Resumidamente, o mito dos Andróginos narra que antes eram três os gêneros da humanidade: masculino (descendente do sol), feminino (descendente da terra) e andrógino

²⁹ Aqui discurso é tomado como mensagem oral que um orador profere perante uma assistência.

³⁰ MENEZES, L. M. B. da R. O mito do andrógino no banquete de Platão. **REVISTA HÉLADE**, v. 4, n. 3, p. 170-181, 2018.

(descendente da lua). Aristófanes narra que esses seres possuíam as costas e os lados redondos, com quatro pernas, quatro braços e duas cabeças, cada qual olhava para um lado, dessa forma poderiam ver o todo. Podiam andar eretos, mas também podiam rolar entre os braços e pernas, alcançando velocidades imensuráveis. Tais seres possuíam uma força e vigor imensos e também uma grande presunção, tanto que se tornaram ambiciosos e decidiram se rebelar contra os deuses. Zeus e os demais deuses puseram-se a deliberar sobre o que deviam fazer com eles. Depois de uma laboriosa reflexão Zeus disse: “[...] eu os cortarei a cada um em dois, e ao mesmo tempo eles serão mais fracos e também mais úteis para nós, pelo fato de se terem tomado mais numerosos; e andarão eretos, sobre duas pernas.” (PLATÃO, 1999, p. 124-132)

A partir desse momento e daí por diante, cada metade ficou em uma ânsia por encontrar a metade partida e unir-se a ela, completando-se e refazendo a unidade perdida. O amor para Aristófanes é, assim, essencialmente, a busca da metade partida, da totalidade, o restaurador da antiga natureza humana, a tentativa de fazer um só de dois. (CHAVES, 2004, p. 99-100)

Esse enunciado integra uma formação discursiva filosófica, mas também dialoga com expressões comuns que pertencem a uma memória coletiva, tais como alma gêmea e metade da laranja.

Ainda nesse enunciado verbal, chamamos atenção para o fato de que essa mulher que busca por um HF considere “não apenas a aparência e o estilo, mas também a personalidade”. Essa orientação para considerar também a personalidade diverge do que se tem difundido como uma das características da pós-modernidade: o culto a aparência.

A sociedade pós-moderna enfatiza os estilos e aparências, apoiada pelo declínio das grandes metanarrativas (religião, política, ciência, arte), substitui a cultura popular espontânea (com seu movimento divergente, expandindo soluções, tecnologias e conceitos que transformam, retransformam, mastigam, colam com fita adesiva sonhos e cuspe, recriando e retrabalhando influências de outras culturas, envolvendo-se com a construção de seu meio sócio-cultural) por um modelo pronto, testado e aprovado, criando um movimento convergente de produtos já adaptados, copiados, negociados em meio a um espetáculo de efeitos especiais e promoções fabulosas e imitações a R\$ 1,99, ícones da cultura popular de massa. (DUGNANI; CRUZ, 2007, p. 203)

As páginas 4, 5 e 6 do MEPM são usadas para descrever as características físicas e comportamentais do *homem feminista*. Aqui é apresentada uma produção discursiva sobre a subjetividade desse sujeito, sendo que a subjetividade “[...] é o resultado (ainda que movediço e sempre inacabado) de um processo de subjetivação” (BAZZA, 2016, p. 450). Salientamos, ainda, que

Esse processo se dá concomitantemente ao processo de objetivação, o que implica considerar que a subjetividade [...] é construída a partir de uma dispersão de enunciados atravessados por saberes de diversos campos. Essa discursividade pode produzir diferentes subjetividades [...] e oferecer posições diversas para os sujeitos, a depender das relações estabelecidas social e discursivamente. As pessoas respondem a esses agenciamentos quando assumem ou negam determinadas práticas. (BAZZA, 2016, p. 450)

Diante disso, as páginas 4, 5 e 6 do MEPM divide-se em página 4 – dois enunciados verbais e dois enunciados não verbais; páginas 5 – três enunciados verbais e três enunciados não verbais e a página 6 – dois enunciados verbais e dois enunciados não verbais. Para facilitar a descrição e análise, apresentaremos as três figuras e depois as tomaremos separadamente, buscando depois relacioná-los.

Figura 9 – Descrevendo o HF 1



O **HF ideal** usa barba e mantém os cabelos despojados. Nada de gel ou topete. Óculos dão um charme extra, assim como os alargadores. Ele deve evitar camisas polo, optando por camisas com estampas divertidas (como frutas, flores e aves tropicais) ou por camisetas de filmes, bandas ou **referências geek**. Ele não usa sapatênis sob hipótese alguma e prefere *all star* ou sandálias de borracha ou couro orgânico. Muito provavelmente o HF tem algum **dom artístico** – poesia, música, desenho e grafite são os mais comuns. Ele é uma alma sensível e profunda. O amor por animais não é obrigatório, mas é frequente e muitas vezes leva o HF a ser **vegetariano**.

É mais comum encontrar HFs nas profissões de **humanidades, biológicas ou comunicações**. Contudo, há uma oferta limitada deles nos ramos de negócios ou exatas, se for atraída por números, pode tentar a sorte como **programadores** ou **astrofísicos**, no universo *gamer* há alguns HFs entre muitas machistas clássicas. Tenha paciência! (@estarmorta, 2019, p. 4)

Fonte: Maia (2019)

Como dissemos, a página 4 (Figura 9) apresenta dois enunciados verbais e dois não verbais. Os enunciados verbais – reproduzidos na caixa de texto acima – são acompanhados de ilustrações que dialogam com eles. Para o primeiro enunciado dessa página, temos um homem branco, de cabelos castanhos presos em um coque, vestindo uma camiseta branca estampada com flores amarelas, usando uma calça listrada azul e sandálias marrons. Ele também leva uma bolsa atravessada em seu peito, óculos de grau e um violão. Ao seu lado, temos um cachorro e atrás dele temos uma mulher branca, de cabelos rosas, com um vestido, bolsas e sapatilhas também rosas. Ela olha para o homem à frente com uma expressão que denota interesse, já que tem a mão na boca como que surpreendida. Nessa objetivação do HF, há uma subjetivação da EPM da mesma forma como havia outrora; busca-se um príncipe encantado (ainda que com um visual diferente). Há assim uma repetição de um enunciado histórico-literário.

Já o segundo enunciado não verbal dessa página apresenta um homem negro, com barba e cabelos pretos. Ele usa óculos de grau e veste uma camisa roxa com os dizeres “try not do or do not therf is” (*tente não fazer ou não fazer isso*, tradução literal), ele está sentado lendo um livro no que se supõe ser uma biblioteca.

Nessa página, é possível observarmos uma tentativa de objetivação desse sujeito, pois há práticas discursivas que transformam esse homem no sujeito homem feminista: como ele deve ser, que roupas deve vestir, que corte de cabelo deve usar, que passatempos e hábitos devem ter, como deve se alimentar, que faculdade deve cursar etc. e práticas de subjetivação que o levam a se reconhecer nesse papel.

Salientamos as palavras e expressões que a autora destaca nessa página: “HF ideal”, “referências geek”, “dom artístico”, “amor por animais” e “vegetariano” que são a base da objetivação desse sujeito homem feminista, já que é em torno delas que os sentidos do que é ser feminista se constroem. Para objetivá-lo, a autora compara esse homem feminista com seus pares, sempre que escreve “ele é” em oposição a “ele não (é)”.

Figura 10 – Descrevendo o HF 2



O HF em geral não tem carro – prefere **bicicleta** – e frequenta **botequins informais** e baladas com **cerveja barata** e entrada gratuita em que toca **música brasileira** ou **black music**.

Ele suporta todas as causas corretas – como meio ambiente, distribuição de renda e feminismo. A **liberdade sexual feminina** é uma das suas bandeiras preferidas. **Manifestações** são um bom lugar para conhecer o HF da sua vida.

A desconstrução do HF está em processo e ele tenta “**dividir**” as **tarefas domésticas**. Ele não leva muito jeito pra isso, contudo. Não é recomendável deixar seu conjunto de pratos favorito nas mãos dele. (@estarmorta, 2019, p. 5)

Fonte: Maia (2019)

Assim como na página 4, a página 5 (Figura 10) apresenta enunciados não verbais que se relacionam aos enunciados verbais. Para o primeiro enunciado dessa página, temos um casal heterossexual branco em um bar, sentados a uma mesa. Às costas dela, um homem também branco se encontra atrás do balcão do bar. Ainda relacionada ao primeiro enunciado da página 4, há a ilustração de uma bicicleta azul.

O segundo enunciado não verbal dessa página apresenta três pessoas – duas mulheres e um homem – brancas. Eles estão em uma manifestação. O homem segura uma placa com os dizeres “SOMOS TODXS FEMINISTAS” e uma das mulheres segura uma placa com o pictograma usado para representar o gênero sexo/feminino: ♀. As duas mulheres têm a parte superior de seus corpos descobertas. Nesse enunciado, o HF é novamente objeto de discurso, mas as mulheres ao seu lado que estão sendo subjetivadas. Aqui a memória do protesto feminista “Queima de Sutiãs”³¹, ocorrido em 7 de setembro de 1968, nos Estados Unidos, quando as mulheres queimaram seus sutiãs, peça essa de opressão de seu corpo.

Já o terceiro enunciado não verbal apresenta um homem branco, barbudo, de cabelo médio, vestindo uma camisa verde com flores vermelhas. Ele está lavando louça, mas quebra um prato (*Crack*, onomatopeia usada para representar o som de algo de quebrando). Aqui há novamente uma subjetivação da mulher. Ao falar que ele, o HF, “não leva muito jeito” para tarefas domésticas, repete-se o enunciado de que quem está apta a isso é a mulher. Tem destaque um discurso irônico que retoma esse arquivo segundo o qual “a cozinha é lugar de mulher”, mas não é lugar de homem.

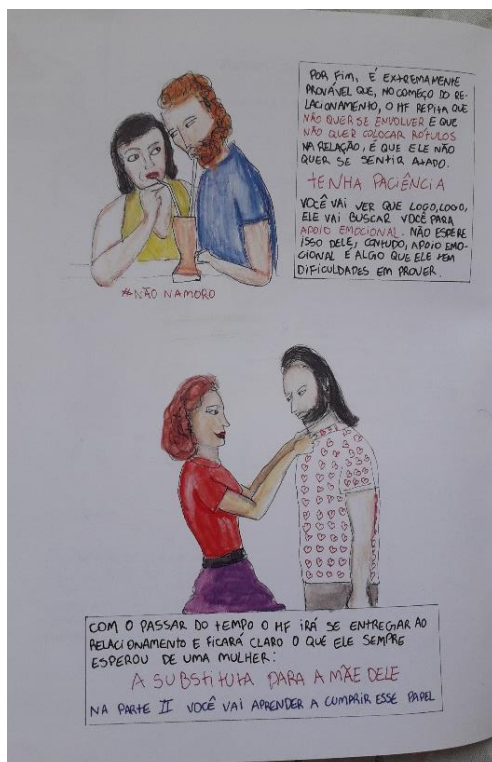
A página 5 (Figura 10) descreve o meio de transporte que o HF deve utilizar (bicicleta), os lugares que deve frequentar (botecos informais e baladas), o que deve beber (cerveja barata) as causas pelas quais ele deve lutar (liberdade sexual feminina) e como ele deve se portar dentro de casa: dividindo tarefas.

Ressalta-se que a única causa pela qual ele luta, pelo menos a única causa exemplificada/ironizada pela autora, é uma em que ele seria “beneficiado”, pois na ilustração ele segura cartazes ao lado de mulheres com seios expostos que lutam por sua liberdade sexual³², ao passo que ele segura uma placa, completamente vestido e diz “Somos todxs feministas”. Ele vai à luta, mas desde que permaneça vestido, e desde que essa “liberdade” seja usufruída ao lado dele.

Figura 11 – Descrevendo o HF 3

³¹ “Queima de sutiãs” (em inglês, “*Miss America protest*”, ou simplesmente “*bra-burning*”) faz referência há um protesto público, com a participação de cerca de 400 ativistas do “*Women’s Liberation Movement*” (WLM) ocorrido em razão da realização do concurso de “*Miss America*”, em 7 de setembro de 1968, em Atlantic City, nos Estados Unidos.

³² “A liberdade sexual diz respeito à possibilidade dos indivíduos em expressar seu potencial sexual. No entanto, aqui se excluem todas as formas de coerção, exploração e abuso em qualquer época ou situação da vida”. (LIMA, A. P.; RANGEL, T. L. V. Sexualidade, direito e dignidade da pessoa humana: o reconhecimento da liberdade sexual como integrante do mínimo existencial. *Âmbito Jurídico*, 2017. Disponível em: <<https://ambitojuridico.com.br/edicoes/revista-162/sexualidade-direito-e-dignidade-da-pessoa-humana-o-reconhecimento-da-liberdade-sexual-como-integrante-do-minimo-existencial/>>. Acesso em: 10 fev. 2022.)



Fonte: Maia (2019)

Por fim, é extremamente provável que, no começo do relacionamento, o HF repita que **não quer se envolver** e que **não quer colocar rótulos** na relação, é que ele não quer se sentir atado.

Tenha paciência.

Você vai ver que logo, logo ele vai buscar você para **apoio emocional**. Não espere isso dele, contudo, apoio emocional é algo que ele tem dificuldades em prover.

Com o passar do tempo o HF irá se entregar ao relacionamento e ficará claro o que ele sempre esperou de uma mulher:

A substituta para a mãe dele.

Na Parte II você vai aprender a cumprir esse papel (@estarmorta, 2019, p. 6)

A página 6 (Figura 11), que finaliza a Parte I do MEPM, apresenta dois enunciados não verbais que, assim como os anteriores, se relacionam com os enunciados verbais. O primeiro mostra um casal heterossexual branco (ele com barba e cabelos ondulados e castanhos e ela com os cabelos pretos). Ela usa uma camiseta amarela e ele uma camisa azul. Eles bebem algo de uma única taça usando dois canudos.

O segundo enunciado não verbal, por sua vez, apresenta outro casal heterossexual branco (ele com barba e cabelo preto e ela com cabelos ruivos). Ela veste uma camiseta vermelha e uma saia roxa e ele veste uma camisa branca estampada com corações vermelhos e na parte inferior do corpo veste uma peça marrom. Ela está arrumando a camisa dele.

Nessa página os ares pós-modernos dos relacionamentos se mostram: ele não quer envolvimento, não quer rótulos. O que é próprio da pós-modernidade e do sujeito descentralizado que nela surge, onde

A pluralidade coloca o indivíduo de frente a uma multiplicidade de identidades, valores, ideais, costumes e estilos de vida, a qual se por um lado pode fazer com que ele se sinta desorientado, por outro, lhe dá a sensação de ser livre, de ter uma enorme gama de opções a serem escolhidas. Neste contexto plural e flexível, diversas trocas simbólicas podem vir a ser feitas e facilitar a construção de novas expectativas e práticas amorosas. (CHAVES, 2003, p. 4).

Na materialidade verbal dessa página, a autora destaca duas expressões, são elas: “apoio emocional” e “a substituta para a mãe dele”.

Diante desses enunciados verbais e não verbais, damos prosseguimentos à nossa análise.

Na esteira de Bazza (2016, p. 451), concebemos que a análise do enunciado “[...] deve observá-lo no interior de uma série. Desse modo, a descrição dos modos de relação entre enunciados indica, entre outras coisas, os princípios das práticas que caracterizam um determinado discurso.” Dessa maneira, as práticas discursivas formam saberes que a análise arqueológica permite-nos rastrear.

Além da produção de saberes, as práticas discursivas também produzem regimes de verdade – ou os *jogos de verdade*, isto é, as regras segundo as quais um discurso é verdadeiro ou falso –, nelas eles “[...] ganham *status*, geram interdições e são colocados a partir das verdades construídas e absolvidas em cada época pela sociedade, mas que estão associadas a fissuras pelas quais o sujeito pode-se movimentar” (GODOI, 2015, p. 73). Assim, conforme Menezes (2011, p. 36), “o processo de subjetivação relaciona-se com a dinâmica da produção de saber, poder e verdade.”

A prática discursiva que produz esse sujeito homem feminista (o MEPM), como condição de acontecimento verdadeiro de uma época, é formada por um conjunto de regras que coloca em circulação determinados enunciados em um tempo e espaço históricos e evidencia o exercício da função enunciativa e as condições em que aparecem os discursos e os sujeitos homens feministas. (GODOI, 2015). Assim, “o processo discursivo de constituição de uma subjetividade se dá na imbricação entre as relações de saber-poder, que formam seus objetos, e o processo de subjetivação, que permite aos indivíduos se constituírem como sujeitos de discurso” (BAZZA, 2016, p. 453).

Na Figura 11 observamos um processo de objetivação que produz inúmeras práticas às quais o homem deve se submeter para ser considerado homem feminista. Esse sujeito homem feminista, para ser *ideal* para a EPM, precisa possuir uma série de atributos físicos, comportamentais e ter optado por determinadas carreiras profissionais para que alcance a *perfeição*.

4.2 A esposa pós-moderna no *zine* MEPM

As práticas discursivas que objetivam/subjetivam a esposa pós-moderna, no *fanzine*, se constroem segundo práticas divisoras que perfazem o homem feminista, em contraposição ao homem não feminista.

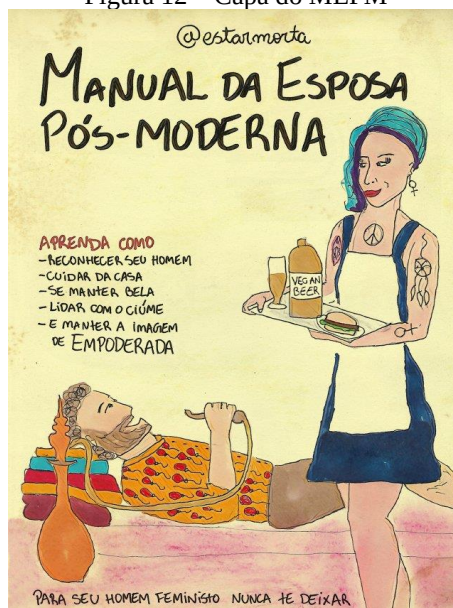
Segundo Maia, em entrevista concedida à Calache (2019), seu manual foi inspirado nos “manuais das esposas da década de 1950”, mas teria “toques pós-modernos, como tatuagens”. Ela afirma que “buscou promover a autoconsciência feminina sobre determinados padrões ainda reproduzidos pelas próprias mulheres em anos de patriarcado nas relações

heterossexuais” (CALACHE, 2019, online). Não é nosso objetivo empreender esforços para analisar se Maia alcança seu objetivo de promover uma autoconsciência feminina.

O título do zine, “Manual da *esposa* pós-moderna”, pode ser compreendido como um recurso de ironia utilizado pelo sujeito enunciatador que modaliza a mulher como *esposa* para chamar atenção a esse papel que ainda é objeto de discurso na pós-modernidade.

Além do título, e do que ele visa ensinar/instruir, o MEPM apresenta em sua capa (Figura 12) a personagem principal, uma jovem mulher branca, com o corpo tatuado, cujos cabelos são coloridos, servindo um homem branco, deitado confortavelmente.

Figura 12 – Capa do MEPM



Fonte: @estarmorta, 2019.

A mulher³³ de corpo tatuado, cabelos coloridos e com um leve sorriso, veste um minivestido e sobre ele um avental, serve uma cerveja vegana e um sanduíche a um homem barbudo, relaxadamente deitado, com a cabeça apoiada em almofadas enquanto fuma um cachimbo d’água, também conhecido como narguilé.

O corpo feminino tatuado, malhado, os cabelos coloridos, assim como a cerveja vegana, o narguilé são elementos que compõem um quadro pós-moderno, na medida em que fazem parte de uma época que atualiza nossas referências quanto às novas formas de ser e viver.

Ainda na capa, os enunciados verbais do manual empregam o verbo *aprender* no imperativo afirmativo³⁴:

1. Aprenda *como reconhecer seu homem*;

³³ O MEPM é todo ilustrado com figuras de homens e mulheres brancos.

³⁴ O imperativo afirmativo é um modo verbal em que o verbo expressa ordem, proibição, convite, conselho, pedido ou súplica.

2. Aprenda *como cuidar da casa*;
3. Aprenda *como se manter bela*;
4. Aprenda *como lidar com o ciúme*; e
5. Aprenda *como manter a imagem de empoderada*.

Esses ensinamentos, instruções ou dicas, comuns ao gênero manual de instruções, são direcionados à mulher para que ela nunca seja abandonada por seu “homem feminista”.

O *zine* é organizado em duas partes: Parte I – Escolhendo seu Homem Feminista (HF), com quatro páginas; Parte II – Tornando-se a esposa pós-moderna (EPM) perfeita para seu homem feminista (HF)³⁵. A Parte II conta ainda com nove subdivisões, são elas: Da Psiquê; Da Beleza; Do Lar e Sua Manutenção; Das Contas e Da Comida; Do Papo e da Interação Social; Do Sexo e da Liberdade Afetiva; Das Redes Sociais; Do Término e Palavras Finais, com dez páginas.

Cada uma dessas partes e subdivisões se relaciona com uma das *dicas* que o MEPM visa ensinar. Assim, temos:

Quadro 7 – A organização do MEPM

Aprendizado	Parte/ Subdivisão
Aprenda <i>como reconhecer seu homem</i>	Parte I – Escolhendo seu Homem Feminista (HF), com quatro páginas
Aprenda <i>como cuidar da casa</i>	Parte II – Tornando-se a esposa pós-moderna perfeita para o seu homem feminista. Do Lar e Sua Manutenção Das Contas e da Comida
Aprenda <i>como se manter bela</i>	Da Beleza Da Psiquê
Aprenda <i>como lidar com o ciúme</i>	Das Redes Sociais Do Sexo e da Liberdade Afetiva
Aprenda <i>como manter a imagem de empoderada</i>	Do Papo e da Interação Social Do Término Palavras finais

Fonte: A autora (2021)

As superfícies de emergência que colaboram na produção do objeto sujeito esposa pós-moderna se localizam no âmbito doméstico, da beleza/saúde, da pós-modernidade/sexualidade e da autoimagem. Tais superfícies dialogam com as aprendizagens que o manual visa ensinar

³⁵ Frisamos que buscamos repetir a grafia tal qual apresentada no *zine*, por isso enquanto a parte I do *zine* tem, com exceção do pronome possessivo “seu”, todas as palavras com inicial maiúscula, enquanto a parte II só tem a primeira palavra (“Tornando-se”) e as abreviações de “esposa pós-moderna” e “homem feminista”.

em suas partes e subdivisões. Será a partir dessas superfícies de emergência que procederemos com as análises. Adotamos a seleção de temas que consideramos mecanismos de disciplinamento do sujeito, que agrupamos em quatro séries enunciativas, selecionadas segundo as dicas, que chamaremos de Aprendizado, apresentadas na capa, direcionadas à Parte II, do *zine*, a saber: rainha do lar; bela e saudável; sexualmente resolvida e zero ciumenta; empoderada.

Essas séries enunciativas, recortadas da Parte II – Tornando-se a esposa pós-moderna perfeita para o seu homem feminista, apresenta-se conforme detalhado abaixo:

Quadro 8 – Séries enunciativas no MEPM

Aprendizado	Série enunciativa	Parte II – Tornando-se a esposa pós-moderna perfeita para o seu homem feminista.
<i>Aprenda como cuidar da casa</i>	Rainha do lar	Do Lar e Sua Manutenção Das Contas e da Comida
<i>Aprenda como se manter bela</i>	Bela e saudável	Da Beleza Da Psiquê
<i>Aprenda como lidar com o ciúme</i>	Sexualmente resolvida e zero ciumenta	Das Redes Sociais Do Sexo e da Liberdade Afetiva
<i>Aprenda como manter a imagem de empoderada</i>	Empoderada	Do Papo e da Interação Social Do Término Palavras finais

Fonte: A autora (2021)

4.3 Rainha do lar: Do Lar e sua Manutenção, Das Contas e da Comida

À série enunciativa *Rainha do lar* estão agrupadas as Figuras 13, 14 e 15 com suas materialidades verbais e não verbais.

Na Figura 13, a ilustração mostra um casal em um ambiente doméstico. Compõem esse ambiente um gato (Nestor, conforme escrito na tigela) e um quadro na parede com a frase *Love is all you need* (Amor é tudo que você precisa, em tradução). O homem está sentado à mesa, com o corpo e a cabeça levemente inclinados para frente, com um guardanapo apoiado na camisa, aguardando ser servido pela mulher que está de pé, ao seu lado, observando-o com um olhar meigo, e com um pano de copa segura um recipiente com a comida pronta para ser servida.

Figura 13 – A esposa pós-moderna perfeita



Fonte: Maia (2019)

Após as dicas de como escolher o homem feminista (Parte I do MEPM), a primeira orientação da Parte II do Manual será “explorar as principais maneiras de mantê-lo no seu ninho”, ou seja, como manter o relacionamento com esse homem após sua conquista, pois não basta só conquistar. O sujeito enunciativo se apresenta com a autoridade de quem vai dar as melhores dicas. Para isso, recorre a um arquivo sobre ser esposa. Culturalmente, ela é subjetivada como um sujeito que já nasce com um instinto feminino: “o [instinto] do cuidado”, que se estende a todas as suas relações sociais e isso lhe trará mais oportunidades de relacionamento com o HF. Ter o seu objeto de conquista sob “seu ninho” requer dessa esposa que o mantenha em seu aconchego, em sua casa, em seu lar, em seu relacionamento, em seu ninho de amor.

Nesse sentido, e em se tratando do *zine* MEPM, esse arquivo vai sendo retomado, ironicamente, por meio de uma relação que associa o sujeito esposa a uma norma. A instauração de uma normatividade sobre o ser esposa lhe garante condição de possibilidade e existência. Os saberes que constituem esse sujeito serão (re)produzidos e reiterados segundo um caráter normativo que orienta sobre como ele deve compreender-se, ver-se e dizer-se (ao mesmo tempo orienta como ele deve ser compreendido, visto e dito), ou seja, esse sujeito é um efeito de constituição e não uma instância fundadora.

Segundo Foucault (2006), ocorre uma normalização disciplinar quando há uma tentativa de moldar as pessoas – seus gestos e ações – a um modelo geral aceito como norma. É

Agora que você já sabe reconhecer o HF que chamará de seu, passaremos a explorar as principais maneiras de **MANTÊ-LO NO SEU NINHO**. Para começar devemos frisar que a EPM traz arraigado dentro de si esse **INSTINTO** feminino: o do **CUIDADO**. Ela cultiva essas características em todas as suas relações: com parentes, colegas, amigos etc. – para estar bem afiada na hora que o HF pintar na sua vida. (@estarmorta, 2019, p. 7)

considerado normal aquele que é capaz de moldar-se ao modelo e anormal aquele que não se adequa ao modelo.

Adequar-se ao modelo seria, de acordo com o sujeito que enuncia no *zine*, deixar fluir seu instinto feminino, que seria o de cuidar.

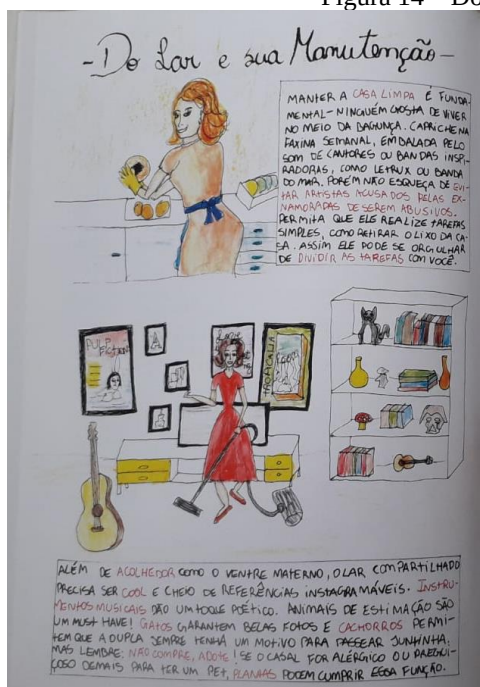
Os papéis sociais designados a homens e mulheres foram legitimados, ao longo da história, por vários discursos. Para a mulher, em particular, o discurso biológico lhe atribui instintos naturais como o de cuidadora (BADINTER, 1985). Esse procedimento de objetivação do sujeito mulher está intimamente relacionado ao dispositivo de maternidade, no qual a mulher passa por um processo de subjetivação e se vê como cuidadora nata. Segundo Zanello (2016, p. 113-114),

O dispositivo materno diz respeito, assim, a um lugar de subjetivação no qual as mulheres são constituídas como cuidadoras “natas”. [...] esse dispositivo se construiu historicamente, sobretudo a partir do século XVIII, momento esse no qual a capacidade de maternagem foi compreendida como desdobramento da capacidade de procriação (ZANELLO, 2016, p. 113-114)

O dispositivo materno atua como uma norma. E sua força de atuação não se exerce somente sobre as mulheres mães, como também sobre todas as mulheres, para que estejam prezando sempre pelo cuidado com o outro (parentes, colegas, amigos).

A segunda imagem que compõe a série enunciativa Rainha do Lar é a Figura 14:

Figura 14 – Do lar e sua manutenção



Manter a **casa limpa** é fundamental – ninguém gosta de viver no meio de uma bagunça. Capriche na faxina semanal, embalada pelo som de cantores ou bandas inspiradoras, como Letrux ou Banda do Mar. Porém, não esqueça de **evitar artistas acusados pelas ex-namoradas de serem abusivos**. Permita que ele realize tarefas simples, como retirar o lixo da casa. Assim ele pode se orgulhar de **dividir as tarefas** com você.

Além de **acolhedor** como o ventre materno, o lar compartilhado precisa ser **cool** e cheio de referências instagramáveis. **Instrumentos musicais** dão um toque poético. Animais de estimação são um **must have**! **Gatos** garantem belas fotos e **cachorros** permitem que a dupla sempre tenha um motivo para passear juntinha. Mas lembre: **não compre, adote**! Se o casal for alérgico ou preguiçoso demais para ter um pet, **plantas** podem cumprir essa função. (@estarmorta, 2019, p. 10)

Fonte: Maia (2019)

A Figura 14 (página 10 do *zine*) apresenta, na parte superior da página, uma mulher ruiva que executa a tarefa doméstica de lavar pratos. Já na parte inferior, uma mulher de cabelos

castanhos, vestido e sapatilhas vermelhos aspira a sala que aparenta, pela decoração, ser de pessoas de classe média.

Vale destacar que a figura que ilustra a mulher no MEPM estabelece um domínio de memória com os manuais tradicionais em que a mulher está sempre bem-vestida, com os cabelos sempre alinhados como se estivesse acabado de passar por um tratamento de beleza. A tarefa doméstica executada por essa mulher não parece ser exaustiva e ela aparenta sempre boa disposição como se estivesse preparada para, a qualquer momento, receber o marido em casa.

Os elementos decorativos da casa devem refletir, conforme o texto verbal à direita da ilustração, um “ambiente acolhedor” e “instagramável”, ou seja, algo pronto para ser publicado na rede social *Instagram*. Nesse sentido, a TV de tela plana, a estante com vários livros e objetos decorativos, como um gato, um cogumelo e um violão em miniatura, os pôsteres do filme *Pulp Fiction* – filme de 1995, dirigido por Quentin Tarantino – e do *Tropicália* – movimento cultural brasileiro da segunda metade da década de 1960 – são elementos que estabelecem um equilíbrio com a proposta de limpeza, de organização, de decoração do lar, ou seja, um ambiente *cult*³⁶, *cool*³⁷ e *geek*³⁸, e, em simultâneo, refletem o contexto pós-moderno no qual o *zine* se insere.

Uma das maneiras de configuração do campo enunciativo, conforme destaca Foucault (1986), compreende formas de coexistência, que delineiam um campo de presença, formado por enunciados já formulados e retomados como verdade suprema, discutidos, julgados, rejeitados ou excluídos. As maneiras de dizer como o sujeito esposa deve manter o lar – limpo, organizado, bem decorado, acolhedor – sempre funcionaram em coexistência com outros discursos, como o da mulher dependente a família, como um recurso de verdade na manutenção de uma ideia segundo a qual um dos critérios para uma relação duradoura seria a dedicação ao lar.

O casal, conforme o MEPM, precisa ter (*must have*) um animal de estimação, gato ou cachorro, tanto faz, cada um tem uma finalidade, mas nada de comprá-lo em *pet shop*³⁹, ele precisa ser adotado. Porém, na eventualidade de uma alergia do casal uma “plantinha” pode cumprir essa função. Nota-se que é necessário que o casal cuide de algo junto, de algo vivo: um animal ou uma planta. Mas é válido ressaltar que um filho biológico não é nem sugerido, fato característico da *atualidade*, como já discutia Hintz (2001):

Atualmente, encontramos a estrutura familiar constituída por **casais sem filhos por opção**. Cada vez mais, os indivíduos avaliam suas necessidades individuais,

³⁶ Tradução literal: culto.

³⁷ Tradução literal: legal.

³⁸ Geek é um anglicismo e uma gíria inglesa que se refere a pessoas peculiares ou excêntricas, fãs de tecnologia, eletrônica, jogos eletrônicos ou de tabuleiro, histórias em quadrinhos, mangás, animes, livros, filmes e séries.

³⁹ Tradução literal: loja de animais.

priorizando sua vontade de satisfação pessoal. Há indivíduos que optam por uma maior ascensão profissional, uma maior independência social e financeira, não abrindo espaço para a vinda de filhos. (HINTZ, 2001, p. 16, grifo do autor)

O campo enunciativo permite definir os procedimentos de intervenção os quais podem ser aplicados aos enunciados e que não são os mesmos para todas as formações discursivas. Segundo Foucault (1986), os procedimentos podem estar presentes nas técnicas de reescrita; em métodos de transcrição dos enunciados; nos modos de tradução dos enunciados quantitativos em formulações qualitativas e vice-versa; nos meios utilizados para aumentar a aproximação dos enunciados e refinar sua exatidão; na maneira pela qual se delimita novamente o domínio de validade dos enunciados; na maneira pela qual se transfere um tipo de enunciado de um campo de aplicação a outro; nos métodos de sistematização de proposições que já existem por terem sido formuladas anteriormente, mas em separado; ou, ainda, nos métodos de redistribuição de enunciados já ligados uns aos outros, mas que são recompostos em um novo conjunto sistemático.

Entendermos que nesses processos a ironia pode ser considerada “na maneira pela qual se transfere um tipo de enunciado de um campo de aplicação a outro”, ou seja, a transferência ocorre para um campo de aplicação no domínio do irônico, que se situa no contrário daquilo que se quer expressar. As instruções sobre como agir para ter uma vida a dois equilibrada, no âmbito doméstico e instagramável, é uma crítica aos modelos presentes na sociedade. A proposta do MEPM não é de retomar velhos conceitos, mas sim de provocar a sociedade para uma reflexão sobre antigos conceitos que insistem em manter a mulher em um lugar de submissão.

Nessa página também a autora, mais uma vez, relaciona o lar do casal à maternidade – “Além de acolhedor como o ventre materno [...]”. Há, nesse enunciado, uma regularidade ao longo das páginas, o que evidencia que nessa pós-modernidade apresentada no *zine*, o HF encontra na EPM e no lar que construíram juntos uma substituta para sua mãe.

Figura 15 – Das contas e da comida



Fonte: Maia (2019)

Na Figura 15, a materialidade não verbal na parte superior traz novamente uma mulher branca, de cabelos ruivos, vestindo uma camisa de manga longa branca e uma saia preta. Ela segura uma conta de energia elétrica. Já na parte inferior, temos do lado esquerdo outra mulher branca ruiva, vestindo um short azul e um *cropped* vermelho que segura uma sacola com os dizeres “I’m not a plastic bag” (*Eu não sou uma sacola de plástico*, na tradução), ao lado dela encontra-se uma bicicleta vermelha com uma cestinha com flores vermelhas e uma caixa na parte de trás com alguns pacotes verdes. Do lado direito, há mais uma mulher branca ruiva, vestindo uma camisa roxa e uma saia marrom. Ela carrega um recipiente amarelo contendo o que parece ser salada de alface e tomate.

Chamamos a atenção para as palavras destacadas no enunciado verbal: “dinheiro”, “administrar”, “artista”, “saudável”, “ecologicamente correta”, “orgânicos”, “sacola de pano” e “bicicleta”. A terceira palavra (artista) retoma a objetivação do sujeito homem feminista, mas as demais são sobre a esposa pós-moderna: como ela deve ser e agir. No processo de discursivização desse sujeito, a enunciação retoma um padrão de mulher que sempre existiu: a que cuidava da casa e do marido. Ao dizer “ele não tem tempo para se preocupar com as coisas mundanas, como dinheiro. Fique responsável por administrar os bens do casal, fazer as compras, pagar os boletos etc.”, “Afinal essa coisa de homem sustentar a casa é muito demodê”, o sujeito enunciativo produz uma atualização do que seria o modelo de mulher “pós-moderna”, ou seja, aquela que assume o lugar que costumava ser do homem: de ter domínio sobre o dinheiro e sobre as contas.

Antes apresentada como um ser frágil, que precisava da figura do pai e, em seguida, do marido para cuidar das contas, a mulher pós-moderna é aquela que assume os compromissos sozinha. Nessa nova modalização, não se fala em parceria, mas em autonomia da mulher. Modalizar a mulher como pós-moderna é objetivá-la como independente, mas é, também, (re)colocá-la no lugar de protetora do homem. O HF é apresentado como alguém que não precisa se preocupar com qualquer tarefa doméstica, nem mesmo em assumir as contas. O discurso do MEPM põe em pauta um posicionamento que costuma ser demonstrado pelos que se opõem às conquistas das mulheres. Algo como: “se as mulheres lutaram tanto por igualdade, então não devem reclamar de assumir o lugar do homem”.

São vários os discursos que integram esse domínio de memória e que se inserem no arquivo que tem sido constituído sobre o ser esposa. Até meados do século XIX, a educação destinada à mulher da elite – aquela que podia pagar por sua educação – baseava-se na “dicotomia entre educação e instrução” (ABRANTES, 2003 apud CRUZ, 2019). Segundo Abrantes, aos homens a instrução objetivava o desenvolvimento da inteligência, já às mulheres a educação era voltada ao desenvolvimento do caráter, pautada em prepará-la para o casamento e para a maternidade, por isso o currículo escolar possuía disciplinas como “Ciências Domésticas”, “Prendas Domésticas” e “Corte e Costura”.

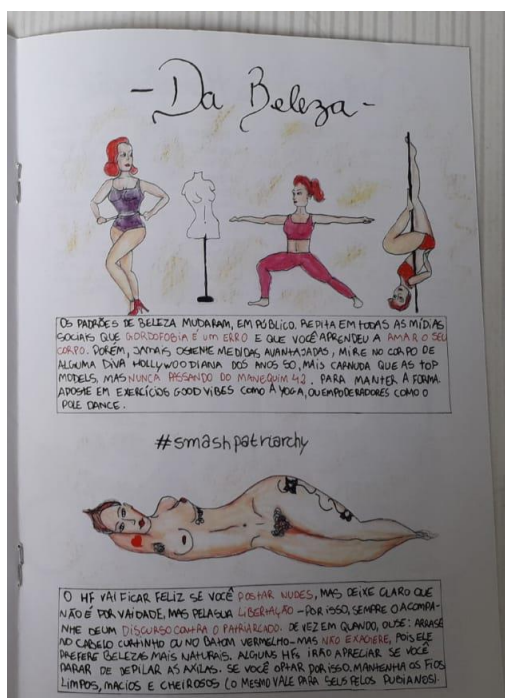
Assim, ainda que tenha um verniz pós-moderno, em que ser saudável e ter atitudes sustentáveis estejam na moda, esses “novos” hábitos, tais como comer alimentos orgânicos, utilizar sacola de pano em substituição às de plástico, nada mais são do que uma retomada de antigas práticas. O que esse discurso do ecologicamente correto sugere sobre o lugar do sujeito mulher esposa da pós-modernidade é o mesmo que se esperava da esposa de outrora: ter um lar e um marido.

4.4 Bela e saudável: Da Beleza e Da Psiquê

A segunda série enunciativa *Bela e saudável* é ilustrada pelas Figuras 16 e 17 do zine e abrangem os elementos da beleza e da psiquê.

A Figura 16 trata do que fazer para alcançar a beleza na pós-modernidade.

Figura 16 – Da beleza



Fonte: Maia (2019)

Esse enunciado, apresenta, em sua materialidade não verbal, a EPM em três ilustrações dispostas uma ao lado da outra. Na primeira, ela usa um *body* lilás sem mangas e um sapato de salto alto vermelho. Ela mede sua cintura com uma fita métrica; na segunda, ela está de top e *legging* cor-de-rosa e realiza uma posição de *yoga* e na terceira, ela está de ponta cabeça em uma barra de *pole dance*, usando um top e *shorts* vermelho.

Atrelada a essa materialidade está o enunciado verbal que afirma que houve mudança nos padrões de beleza, mas *em público*. O que ela diz, faz e posta nas mídias sociais (outro aspecto pós-moderno) precisa estar de acordo com essa mudança, assim “gordofobia é um erro”, amar o seu corpo são o discurso da vez. Porém, no privado, jamais se deve *ostentar* medidas avantajadas; a inspiração deve vir de divas de Hollywood da década de 50 que eram mais carnudas do que as *top models*, mas jamais a mulher deve passar do manequim 42. E para manter esse número, ela deve fazer exercícios *good vibes*, como *yoga* ou que sejam empoderadores⁴⁰ como o *pole dance*.

Tais enunciados mostram que mesmo na pós-modernidade, a mulher tem seu corpo sendo controlado pelos padrões que são impostos a ela, que lhe objetificam e no qual ela se vê.

O discurso da beleza, que impõe normas para que a mulher cumpra a fim de manter-se bela, se reatualiza na sociedade. Vale lembrar os elementos que caracterizam a formação discursiva e dão unidade ao discurso. O primeiro deles, a regra de formação dos objetos, refere-

⁴⁰ Discutiremos melhor esse termo no subitem 4.4

se à existência de um determinado objeto no discurso. Para encontrá-la, é preciso, inicialmente, delimitar as suas superfícies de emergência (FOUCAULT, 1986). As superfícies de emergência do discurso da beleza são as mídias em geral, presentes em programas de tv, revistas, blogs, o próprio cinema e suas divas, tutoriais. As instâncias de delimitação – segundo elemento que auxiliam as superfícies de emergência – estão em regras sociais presentes no discurso de profissionais de academias, médicos, nutricionistas, dentre outros.

No caso específico do discurso da beleza presente do MEPM, as grades que o especificam são as medidas do corpo das divas hollywoodianas dos anos 50, os exercícios físicos, que passam não só pelo crivo do que melhor agrada a sociedade como, principalmente, pelo que agrada o homem feminista. O objeto *beleza* vai sendo separado, classificado em várias instâncias que dele falam, e o lugar “público”, instagramável o reagrupa adequando-o aos olhos de todos e, de modo particular, aos olhos do HF para quem a mulher deve estar bela. De um modo geral, vê-se nessa página: mulher com sapatos vermelho de salto, a prática do *pole dance* e a nudez como uma certa erotização do corpo feminino, que se repete principalmente no não verbal.

Figura 17 – Da psiquê



Como substituta da figura materna, a EPM terá que lidar com um problema que as mães conhecem bem: a **transferência de culpa**. Com frequência, o seu HF irá culpá-la por questões emocionais dele. Não cobre que ele elabore tais sentimentos, pois ele não tem tempo nem dinheiro para gastar na análise.

Lide você com as suas emoções e as do HF. Se precisar desabafar, **procure suas amigas ou pague um analista**, ou, se for mais mística, um terapeuta de florais. Acupuntura e shiatsu ajudam a relaxar a tensão acumulada por causa dos problemas dos dois. (@estarmorta, 2019, p. 8)

Fonte: Maia (2019)

A Figura 17, Da Psiquê, traz duas ilustrações: uma na parte superior da página e uma na parte inferior. Na superior, um casal heterossexual branco: um homem, de barba, usa camisa de botão branca com detalhes ovais em sua estampa; já a mulher, de cabelos vermelhos e batom

também vermelho, usa uma blusa azul. O homem olha para a mulher e ela desvia o olhar, aparentando impaciência ou desinteresse.

Associada a esse enunciado não verbal, a materialidade verbal dialoga com outro enunciado (Figura 11) que se refere ao sujeito homem feminista que vê nessa mulher pós-moderna não uma companheira, mas uma substituta para a sua mãe. E como ele espera que ela haja como sua mãe, essa mulher terá que lidar com os problemas emocionais dele e com a transferência de culpa (ou projeção, como denomina a psicologia).

Tal materialidade, além de reforçar a memória de mães que fazem tudo por seus filhos, e de filhos que são muito apegados às suas mães, retoma a caracterização desse HF como um homem que “não tem tempo nem dinheiro para gastar na análise”.

A outra materialidade não verbal dessa página traz duas mulheres conversando em uma sala de estar: a EPM e a amiga ou terapeuta com quem a EPM poderá desabafar, já que ela precisa lidar não só com suas emoções, mas com as do HF também. Caso ela possa, pagar um analista é uma opção, ou se ela for mais “mística”, um terapeuta de florais. E se precisar relaxar, acupuntura e *shiatsu* são sugeridos.

Vemos aqui alguns contornos pós-modernos nessa dinâmica, já que essa mulher que outrora só podia contar com os seus familiares (mãe e/ou irmãs), ou uma amiga para conversar sobre o que se passava entre as quatro paredes de seu lar, tem agora à sua disposição especialistas e tratamentos que podem lhe auxiliar a enfrentar qualquer eventual problema que a vida a dois possa trazer.

A mulher é objetivada como forte o suficiente para resolver suas crises de modo a não incomodar o HF, seja porque ele não pode sofrer com ela, seja porque ele não tem a capacidade de ajudá-la emocionalmente, já que ele também é dependente dela.

Na perspectiva da regra de formação das modalidades enunciativas, segundo a qual é possível encontrar o lugar de onde vêm as formas de enunciados, o *status* do sujeito que enuncia, os lugares institucionais de onde o sujeito obtém o seu discurso e onde se legitima e encontra seu ponto de aplicação, podemos afirmar que, pelo fato de o discurso feminista sofrer interpretações equivocadas (uma delas é de que as mulheres querem ser *iguais* aos homens), o sujeito, ao enunciar “uma mulher tem que lidar com as suas emoções e as do HF” fala – e ironiza – desse lugar social desconstruidor das reivindicações por igualdade de direito do movimento feminista. O sujeito ironiza esse “novo” papel da mulher que precisa se virar para cuidar de suas emoções poupando o HF.

4.5 Sexualmente resolvida e zero ciumenta: Do sexo e da liberdade afetiva, Das redes sociais

A terceira série enunciativa, intitulada Sexualmente resolvida e zero ciumenta estão agrupadas as Figuras 18 (Do sexo e da liberdade afetiva) e 19 (Das redes sociais).

Figura 18 – Do sexo e da liberdade afetiva



É possível que seu HF ache a **monogamia ultrapassada**. Se for esse o caso, quebre mais essa narrativa social e se jogue em um **relacionamento aberto**. Se você não for bissexual, faça um esforcinho: ele vai ficar louco de tesão com a possibilidade de um ménage – desde que seja com outra mulher, pois apesar de moderno, o HF tem um longo caminho a percorrer na sua jornada de desconstrução.

LEMBRETE

Topar um relacionamento aberto pode significar lidar com **outra EPM**. Não compita com ela! **Sororidade** acima de tudo! Além de uma amiga, ela pode **dividir as contas**.

DICA DE OURO

Saber que a EPM teve **prazer** é fundamental para a autoestima do seu HF! Busque uma **terapeuta tântrica** para lhe ensinar os truques para os **orgasmos múltiplos**. (@estarmorta, 2019, p. 13)

Fonte: Maia (2019)

A Figura 18 traz três materialidades não verbais atreladas a três verbais. A primeira traz três pessoas deitadas nuas em uma cama, sendo duas mulheres e um homem, todos eles brancos. Já a materialidade verbal enuncia sobre monogamia, relacionamento aberto, bissexualidade e ménage. Ademais, reforça que o HF está “na sua jornada de desconstrução”, logo que a EPM precisa fazer “um esforcinho” para entendê-lo.

Nessa jornada de desconstrução, o HF busca distanciar-se do estereótipo do homem tradicional em vários aspectos. Ele não tem uma aparência ou um comportamento dito “tradicional”. Os modos de subjetividade que são construídos/produzidos historicamente pelos mais variados mecanismos de poder e que o fazem sujeito homem no discurso mais conservador/tradicional são desconstruídos, já que uma outra possibilidade, ou outros modos de subjetivação lhe são apresentados, propostos ou impostos.

Os modos de subjetivação se dão mediante uma série de recursos reflexivos sobre o que somos e o que queremos ser, bem como por meio de práticas discursivizadas socialmente (em

manuals, revistas, livros, propagandas etc.) que propõem modos de ser para os sujeitos, pois as práticas adquirem mais poder quando este é acompanhado de um meio que o torne dirigível.

Segundo Foucault (1995), o homem tem acesso a si mesmo por meio de saberes. Para ele, é o próprio homem que cria técnicas simbólicas para comunicar-se, técnicas para voltar-se a si mesmo (tecnologias do eu), ele governa a si e os outros por meio de relações de saberes e poderes. Deste modo, compreendemos que são as práticas discursivas de uma época e suas relações com o saber/poder que vão, discursivamente, objetivando os sujeitos. Esse processo ocorre mediante as já mencionadas “práticas divisoras”, em que o sujeito é dividido no seu interior e em relação aos outros, que os classificam e os determinam numa ou noutra ordem subjetiva: o são e o louco, o normal e o anormal, e, por associação o homem não feminista e o homem feminista *em desconstrução*, a mulher esposa e a mulher esposa pós-moderna.

O MEPM salienta a possibilidade do HF achar a “monogamia ultrapassada”, assim apresenta várias alternativas para a esposa pós-moderna “fugir” desse comportamento não tão-pós-moderno (ainda que ele não tenha sido exatamente um *prisioneiro* desse), dessa “narrativa social”, mas todas alternativas para ela, já que é ela que tem quer fazer “um esforcinho” para ser bissexual, caso não seja, é ela que tem que “se jogar” em um relacionamento aberto e é ela que tem que aceitar um participar de um *ménage* com outra mulher, porque outro homem com ela e o HF está fora de questão porque ele tem “[...] tem um longo caminho a percorrer na sua jornada de desconstrução.”

O discurso de memória da “monogamia ultrapassada” insere-se em um domínio de memória de enunciados acerca da poligamia, de relacionamentos extraconjugais, da infidelidade etc.

A poligamia, segundo Cerqueira (2020, *on-line*), está profundamente conectada com a própria origem da humanidade. A autora define tal prática como:

[...] relações sexuais e afetivas praticadas pelo homem, aonde, geralmente, existem mulheres submissas e complacentes, cujo comportamento pode ser derivado de uma situação que foi imposta de maneira violenta em razão da cultura vivenciada pelo espectro familiar.

Esse “sistema familiar” é geralmente encontrado em núcleos familiares dotados de grandes riquezas, como a praticada por sheiks no Oriente Médio. O oposto a esse sistema, a poliandria – estado de uma mulher casada simultaneamente com vários homens – costuma se estabelecer em regiões pobres com terras desprovidas de grandes riquezas, como em regiões do Himalaia. (CERQUEIRA, 2020)

A irrupção do acontecimento da monogamia está altamente atrelada ao surgimento do capitalismo – com sua opressão e controle ao núcleo familiar. No Velho Mundo, é a pecuária a

responsável por incutir no homem a ideia de riqueza e propriedade, fato que exige uma instituição familiar que fosse compatível com esse novo cenário.

Uma vez descobertas as riquezas que a propriedade poderia gerar através da comercialização de rebanhos, entendeu-se que seria necessário uma instituição familiar que fosse compatível com o novo comércio, vez que conferia ao homem uma posição mais favorável socialmente em comparação com a mulher, e por um outro lado, também era responsável por gerar ao homem o desejo de derrubar a sucessão hereditária em favor de sua prole, (ENGELS, 1884, p. 59), dando início, desta forma, à família monogâmica, cuja união era baseada na ideia de conveniência, tendo em vista que eram os parceiros escolhidos um para o outro pela sua família, sendo irrelevante se há ali o amor ou não, afinal, a monogamia possui fins meramente econômicos a fim de ampliar e perpetuar as riquezas familiares. (CERQUEIRA, 2020, *on-line*)

Nesse cenário, a mulher não possuía “vez ou voz”, sendo entregue de uma figura masculina a outra de forma que as duas saíssem beneficiadas.

Num momento pré-capitalista, percebeu-se que uma instituição familiar poligâmica traria mais prejuízo do que benefícios.

É bem verdade que a poligamia oferecia ao homem inúmeros herdeiros para gerir seus bens e continuar a acumulá-los num círculo sem fim, mas com o passar do tempo se percebeu que este sistema familiar, numa sociedade pré-capitalista, ocasionaria prejuízo para os homens, ao passo que teriam estes a obrigação de sustentar mais de uma família, o que, conseqüentemente, acabaria por reduzir seu patrimônio, frustrando, assim, a expectativa de acúmulo de riquezas. (CERQUEIRA, 2020, *on-line*)

Outro acontecimento discursivizado que se insere nesse domínio de memória acerca da monogamia são o cristianismo – a prática da poligamia era vista como “pecado”, como algo “contra a vontade de Deus” –, o fundamentalismo e também a Antiga Grécia

cuja organização familiar se baseava no sistema patriarcal, onde o exercício se dava exclusivamente pelo homem, o qual possuía o papel de chefiar e controlar a casa, sua mulher e seus filhos, cabendo à mulher o papel de uma mera reprodutora e responsável por fornecer a felicidade e bem estar de sua prole e seu marido. (CERQUEIRA, 2020, *on-line*)

Essa organização deriva de uma anterior: a família *de um par*, na qual um homem e uma mulher conviviam, sendo, no entanto, permitida a poligamia e infidelidade ocasional por parte dele, mas mantendo a mulher numa posição em que era exigida a mais absoluta fidelidade.

Essa prática evidencia a (des)continuidade desse discurso, pois mostra semelhanças com a família monogâmica e com muitas famílias dos tempos atuais, sobretudo quando se sabe que, na família *de um par*, as mulheres poderiam cortar o laço matrimonial facilmente e que os filhos lhes pertenceriam com exclusividade.

Na pós-modernidade, é sabido que nem sempre os laços matrimoniais e/ou conjugais são facilmente desfeitos. Muitas mulheres continuam casadas após casos de traição e/ ou abuso

por uma série de motivos que vão desde o amor, o apego emocional, a falta de recursos – a mulher talvez não tenha um emprego, ou não ganhe o suficiente para se sustentar sozinha, o que se agrava no caso de filhos –, falta de apoio, medo do cônjuge etc. E mesmo quando não há situações extremas como as citadas, a instituição casamento sofre interferência do Estado na “figura” do Direito da Família que pode ser definido como

o complexo de normas que regulam a celebração do casamento, sua validade e os efeitos que dele resultam, as relações pessoais e econômicas do matrimônio, a dissolução deste, a união estável, as relações entre pais e filhos, o vínculo do parentesco e os institutos complementares da tutela, curatela e tomada de decisão apoiada. (DINIZ, 2019, p. 17 *apud* CERQUEIRA, 2020, on-line).

Desde o Código Civil de 1916, o ordenamento jurídico brasileiro deixa evidente que preza pela valorização da família *monogâmica* ao não permitir o divórcio e não permitir o reconhecimento de filhos fora do casamento. Isso porque as famílias eram uma fonte de produção econômica que consumiam produtos e serviços ofertados por empresas, que, por sua vez, estão a serviço do capitalismo que tem como objetivo gerar lucro através do consumo em massa, consumo este que não seria possível ou seria imensamente reduzido caso os filhos ilegítimos fossem reconhecidos, pois estes teriam os mesmos direitos dos legítimos, fazendo com que

o capital disponível para ser aplicado no meio capitalista seja reduzido, e consequentemente, acaba por afetar o Estado, afinal, este está profundamente ligado com o sistema capitalista, vez que este último fornece ao Estado os aparatos necessários para ter sua renda impulsionada, seja através de impostos recolhidos, ou seja através de privatizações de serviços estatais. (CERQUEIRA, 2020, on-line)

A não legalidade do divórcio⁴¹ seguia a mesma lógica

Afinal, a proliferação de diversos núcleos familiares que não fossem legítimos de acordo com os ditames da época era um verdadeiro pavor, haja vista o fato de impedir, também, a acumulação de riquezas a serem transferidas para a prole, vez que ao impedir o divórcio, pensava-se em impedir, de uma certa forma, que novas famílias fossem constituídas, fazendo com que em uma eventual sucessão os bens não fossem divididos diversas vezes, ensejando em uma diminuição no capital dos futuros herdeiros. (CERQUEIRA, 2020, on-line)

O Código de 1916, também conhecido como Beviláqua, sustentou os princípios conservadores que mantinham o homem como chefe da sociedade conjugal limitando a capacidade da mulher a determinados atos, em caso de discordância entre os cônjuges prevaleceria a vontade paterna. Quase trinta anos depois, com a chegada da Lei 4.121 de 1962, Estatuto da Mulher Casada, que o Código Civil sofreu expressivas mudanças. Com o Estatuto, ocorreu o primeiro advento histórico que foi a libertação da mulher no Brasil, sendo o maior

⁴¹ O divórcio é o rompimento legal e definitivo do vínculo do casamento civil, só foi instituído oficialmente no Brasil com a aprovação da Emenda Constitucional nº 9, de 28 de junho de 1977.

mérito dessa Lei banir a incapacidade feminina, anulando muitas normas consideradas discriminadoras. (MIRANDA, 2013)

Assim foi consagrado o princípio do livre exercício de profissão da mulher casada, permitindo-lhe que ingressasse livremente no mercado de trabalho, tornando-se ativamente produtiva, ampliando sua importância como mulher nas relações de decisão e no convívio familiar. Somente em 1962 com o Estatuto da Mulher Casada, ela foi liberada para o trabalho, mas não do autoritarismo masculino, a partir de então uma série de sucessivas leis que culminou com a promulgação da Constituição Federal de 1988, buscaram efetivar as conquistas que foram precedidas de grande luta pelas mulheres brasileiras. (MIRANDA, 2013)

No que tange à infidelidade conjugal, essa prática era extremamente condenada quando praticada pela mulher, sendo que ao homem era assegurado o direito a ela, fato que era inclusive tutelado juridicamente pelo *Code Napoleón*. No entanto, havia uma única ressalva: podia-se praticar a infidelidade desde que não se trouxesse a amante para a residência familiar. Já a mulher se cometesse adultério na Roma Antiga, era apedrejada – punição presente até no Novo Testamento do livro sagrado do cristianismo.

A punição não se limitou à Antiguidade, pois o ordenamento jurídico até 2005 previa que quem cometesse adultério teria restrita à sua liberdade. E às mulheres a punição se estendia ao aspecto econômico: seus rendimentos particulares eram tomados de si no caso dela abandonar o lar conjugal.

Sobre as punições dadas à mulher, Cerqueira (2020, *on-line*) reflete

independentemente da época, a punição moral e social recaía – ou melhor, ainda recai – sobre a mulher em razão do fato desta ser a responsável por manter a harmonia familiar através dos trabalhos domésticos e assistência afetiva de sua prole, mas mais que isso, a sua condenação, tanto literal como social, deriva do fato de que é a mulher responsável pela reprodução de vidas, fato este que irá gerar mais cidadãos para o Estado, mantendo, com isto, sua máquina financeira em constante funcionamento.

A Figura 18 permite entrever diversas formações discursivas, dentre elas: a histórica, a jurídica, a religiosa, a social etc. Mas nessa figura, é possível ver também que o sujeito se inscreve numa formação discursiva do preconceito, da homofobia. Isso fica marcado especialmente no trecho: “Se você não for bissexual, faça um esforcinho: ele vai ficar louco de tesão com a possibilidade de um ménage – desde que seja com outra mulher, pois apesar de moderno, o HF tem um longo caminho a percorrer na sua jornada de desconstrução.” (MAIA, 2019, p. 13) Estas formações discursivas operaram por relações de saber-poder que instituem vontades de verdade acerca dos sujeitos esposa pós-moderna e homem feminista. No caso da EPM, ela é tomada como alguém aberta e livre sexualmente, desapegada, nada ciumenta, *moderna*, enquanto o HF é *moderno* só até certo ponto: ele se alegra com a possibilidade do relacionamento sexual com três pessoas, mas desde que ele seja o único homem nessa contagem.

A emergência deste enunciado se dá numa conjuntura sócio-histórica instaurada desde à Antiguidade, como vimos, quando era assegurada por lei a infidelidade masculina. Com o passar do tempo, os modos pelos quais essa infidelidade acontece foram transformando-se e adaptando-se ao contemporâneo, sem, no entanto, deixar de existir.

Esses acontecimentos discursivos enquanto enunciados nos faz pensar na famosa indagação de Foucault (2008, p. 30): “como apareceu um determinado enunciado, e não outro em seu lugar?” Essa interrogação nos direciona à singularidade de existência de um enunciado, que o fez ser formulado em determinado momento da história, em determinado lugar e não em outro. Essa singularidade liga o enunciado à história: ele é único, mas aberto à repetição, liga-se a enunciados que o precedem e que o seguem, como vimos no caso do enunciado “monogamia”. Por isso, sua análise requer a análise de suas relações com outros enunciados e com diferentes acontecimentos.

A segunda materialidade não verbal, traz duas mulheres brancas (uma ruiva e a outra com cabelos azuis, vestindo, respectivamente, uma camisa azul e uma camisa rosa) com seus rostos encostados e que se olham com um olhar cúmplice. As duas são EPM que não têm que competir, que tem que praticar a *sororidade* e dividir as contas, como enuncia a materialidade verbal atrelada à essa ilustração.

Ao enunciar sobre “relacionamento aberto” – prática discursiva pós-moderna –, novamente com uma outra mulher – “outra EPM” – o *zine* recorre à “sororidade” – conceito ligado ao feminismo – e também sobre dividir as contas. Esse segundo enunciado da Figura 18 emerge como um acontecimento amarrado às dinâmicas relações de saber-poder próprias da pós-modernidade, funciona, assim, a partir da relação que mantém com outros enunciados.

A última materialidade não verbal da página 13 (Figura 18) traz uma mulher branca e ruiva nua deitada em uma cama, ela tem a mão direita cobrindo sua genitália. O enunciado verbal ligado a essa materialidade traz uma “dica de ouro” que é a instrução de que a EPM deve buscar uma terapeuta tântrica⁴² que lhe ensine truques para os orgasmos múltiplos, já que saber que a EPM teve prazer é fundamental para a autoestima do HF.

Esse enunciado retoma um domínio de memória que diz que as mulheres têm dificuldade para ter um orgasmo – discurso que se insere, inclusive, em uma formação

⁴² Essa terapia usa, além da massagem tântrica, a meditação e a respiração para “redirecionar a energia sexual” da paciente. A energia sexual é a mais poderosa que temos e a mais subestimada. Justamente porque as pessoas, em geral, ignoram o alcance que ela tem, considerando-a algo menor, que deve usado apenas para o sexo. Durante a terapia, conduz a energia pelos chakras (os pontos de energia do organismo). Com isso, a pessoa desperta regiões do corpo “adormecidas” para novas sensações. Além do impacto físico, as sessões fazem com que a paciente entre em contato com emoções adormecidas e até traumas esquecidos. (WOS, 2020, on-line)

discursiva médica e científica – e que os homens têm um “ego frágil”, daí a prática do fingir orgasmo. Para que isso não ocorra e que a autoestima do HF não seja afetada, cabe a mulher buscar outra mulher para lhe ajudar com isso – “uma terapeuta tântrica”.

O enunciado *Do sexo e da liberdade afetiva* marca uma singularidade em relação aos Manuais da década de 50, por exemplo. A singularidade desse enunciado é marcada por uma coordenada de espaço – o MEPM que é o lugar onde ele se realiza – e tempo – 2019, ano de sua publicação. Suas condições de possibilidade são, assim, marcadas por uma materialidade que se propõe a criticar o lugar de submissão da mulher em uma época em que essa crítica é possível.

Figura 19 – Das redes sociais



É o espírito do tempo: mantenha seu **relacionamento exposto** nas mídias sociais mais badaladas do momento. Jamais passe uma noite sem postar um stories mostrando o **casal feliz e alegre** no lar limpo ou mais feliz ainda em um bar descolado. Só não espere que o HF poste fotos com você ou marque nas publicações, pois, além de tudo, ele é muito **discreto**.

Em textos no facebook, destaque como você está feliz e que todos os seus **ex-namorados eram machistas**, mas ele não. Você deve repetir em longos textões que você não cozinha bem, paga as contas da casa, se mantém gostosa e cheirosa e arrasa na cama para manter esse **homem incrível** do teu lado, mas sim porque **te faz bem**. (@estarmorta, 2019, p. 14)

Fonte: Maia (2019)

A segunda página agrupada nessa série enunciativa é a Figura 19 que se trata do uso de redes sociais por parte da EPM. Tal página possui duas materialidades não verbais e duas verbais. A primeira das materialidades não verbais representa três *stories* (um formato visual em tela cheia, que desaparece após 24 horas e não aparece no *feed* de notícias da plataforma/rede social). O primeiro dos *stories* traz a EPM com seu homem feminista. Ela segura uma taça nas mãos e de olhos fechados tem a cabeça encostada no ombro esquerdo dele, seu semblante é tranquilo. Ele sorri para a câmera. Ressalta-se a estampa de sua camisa, que traz o enunciado “We are the 99%” (“Nós somos os 99%, em tradução literal”). O segundo *stories* traz dois pares de joelhos encostados, e uma televisão que exibe algo a frente com o enunciado “Love (Amor,

em inglês)” acima da TV. Já o terceiro *story* apresenta uma mesa, com três velas acesas e duas taças de vinho; acima há um coração e um *emoji*.

Dialogando com essa sequência de *stories*, está a materialidade verbal que enuncia que expor o relacionamento nas mídias sociais é o “espírito do tempo”, assim a EPM precisa postar um *stories* todas as noites mostrando “o casal feliz e alegre”, mas num lar limpo ou num bar descolado. Mas esse comportamento não deve ser esperado do HF, já que “ele é muito discreto”.

Tais *stories* evidenciam como o sujeito esposa vai se adaptado ao contexto em que vive, “ao espírito do tempo” em que se insere. Na sociedade atual e pós-moderna, é ela quem publica (e projeta) nas redes sociais o relacionamento dos dois, sempre numa ótica positiva. A mulher é responsável, segundo o MEPM e porque o HF é “muito discreto”, por mostrar que eles estão bem, que eles existem, para validar o *status* do relacionamento deles, como forma de expressão amorosa própria da pós-modernidade, pois “O ser humano não apenas é representante de sua subjetividade, mas também, como produtor-reprodutor da cultura que o cerca, transforma e legitima as ordens e imposições sociais” (KESSLER, 2013, p. 365).

O *Instagram* – rede ilustrada na Figura 19 – não possui, até então, uma forma especificamente criada para mostrar que duas (ou mais) pessoas estão em um relacionamento, como tem o *Facebook* (Figura 20)⁴³, mas as pessoas costumam utilizar a BIO – espaço de 150 caracteres, localizado abaixo do nome do usuário, destinada a resumir quem aquela pessoa é – para marcar o @ do seu parceiro ou usam uma frase combinando⁴⁴.

Figura 20 – Status de relacionamento



Fonte: TECWHITE.NET, 2018

⁴³ Se você iniciou um novo relacionamento sério, pode colocar esse status em sua conta do Facebook. A Rede social oferece aos usuários a opção para mudar ou configurar em seu perfil que tipo de relacionamento você está no momento. Ao todo, são 11 opções de relacionamento disponíveis na rede social e uma neutra. Ao configurá-la, esse status será exibido na linha do tempo de sua conta e, dependendo de como foi escolhida as opções de privacidade, aparecerá para todos, apenas para seus amigos ou ficará em modo privado, sendo exibido apenas para você. (TECWHITE.NET, 2018, *on-line*) Disponível em: <<https://www.tecwhite.net/2018/06/como-colocar-relacionamento-serio-no-facebook.html>>. Acesso em: 21 fev. 2023.

⁴⁴ Disponível em <<https://blog.malupires.com.br/bio-do-instagram-combinando-com-namorado-veja-65-opcoes/>>. Acesso em: 21 fev. 2022=3.

Sobre essas práticas, Santos (2016, p. 1) comenta que não é de se estranhar o jeito com que a nossa experiência de uso das plataformas virtuais está incidindo nas práticas que desenvolvemos no contexto de diversos tipos de relações, dentre elas, as romântico-afetivas são particularmente interessantes quando se trata de publicizar o amor.

Essa publicização do amor não se dá de forma arbitrária, descuidada ou ingênua, pois como ressalta Santos (2016), existem marcadores de escolhas que estão a todo momento fazendo os indivíduos avaliarem até que ponto eles desejam se expor para a esfera pública virtual, quais aspectos de suas privacidades eles querem deixar visíveis para seus contatos *on-line*. Mas ele tem que ser publicizado, porque se o for, “então ele existe e é valorizado”. (SANTOS, 2016, p. 11).

Tal enunciado tem sido associado a um domínio de memória dos enunciados que reverberam a frase *Cogito ergo sum*, ou “Penso, logo existo”, de René Descartes. Vejamos a Figura 21, abaixo:

Figura 21 – Existir nas redes sociais



FONTE: FILOSOFIA Pós-Contemporânea. Instagram: artesdepressao.⁴⁵

Existem marcadores de escolha que estão constantemente fazendo o indivíduo avaliar até que ponto deseja se expor para a esfera pública virtual e quais os aspectos da sua privacidade que quer deixar visíveis para os seus contatos online.

[...] os atores sociais têm, em grande medida, controle sobre os materiais que optam por deixar visíveis nos SRSs, não se tratando, portanto, de uma hiperexposição aleatória do eu, uma vez que eles jogam com o que desejam deixar a mostra e o que desejam ocultar, performatizando discursiva e materialmente suas identidades nos sites. (POLIVANOV, 2014, p. 53 apud SANTOS, 2016, p. 3)

Pensando no arquivo sobre o sujeito esposa, no qual o MEPM se inscreve, e na noção de (des)continuidade foucaultiana, temos nessa exposição uma retomada de uma prática de outrora que consistia na mulher casada falando sobre sua vida doméstica com uma amiga ou

⁴⁵ Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/Ca903TEOGvp/>>. Acesso em: 21 fev. 2023

mais amigas ou dos casais dos séculos XVIII e XIX que participavam de bailes ou davam bailes em suas próprias residências para mostrarem a solidez de seus relacionamentos.

4.6 Empoderada: Do papo e da interação social, Do término, Palavras Finais

Intitulamos a quarta série enunciativa de “Empoderada” e nela agrupamos as Figuras 22, 24 e 24.

Figura 22 – Do papo e da interação social



Já faz muito tempo que os homens não querem mulheres alienadas. O HF precisa mostrar para os amigos que você, além de **bela e empoderada**, é **inteligente**. Esteja bem-informada, leia as notícias, mas se lembre de evitar a mídia tradicional – no máximo, *El País* e *BBC*, ok? Boicote tudo que for da *Globo* e foque em **veículos mais isentos** como a *Mídia Ninja*.

Assista filmes sofisticados – além de **clássicos de Hollywood** e do **cinema europeu**, você precisa ter na ponta da língua os últimos documentários bombados do Netflix na **mesa do bar**. Mas tome cuidado para não **contestar** seu amor e os bróders dele com muita firmeza. Evite também o **sarcasmo** excessivo, pois ele faz você parecer amarga, a EPM ideal é capaz de pequenas ironias, mas sempre **doce**. (@estarmorta, 2019, p. 12)

Fonte: Maia (2019)

A Figura 22 traz duas materialidades verbais e duas não verbais. A primeira das materialidades não verbais traz a EPM de vestido vermelho e sapatos preto de salto alto sentada em um sofá lendo. Junto a essa ilustração, a materialidade verbal enuncia características que a EPM precisa ter: não ser “alienada”, já que os homens há tempos não querem mulheres assim; ser, além de “bela, empoderada e inteligente”; e “bem informada”, buscando sempre evitar a mídia tradicional, optado no máximo por veículos como *El País* e *BBC*, boicotando sempre a *Globo* e focando em “veículos mais isentos”, como a *Mídia Ninja*.

Tais dizeres, já ditos em outros momentos e sob outras condições, aparecem sob uma nova roupagem e se integram à rede de memória que envolve a formação discursiva que constitui o sujeito EPM. O enunciado “bela, empoderada e inteligente” é atravessado pela memória de outro enunciado muito similar que foi objeto de discussão nas redes sociais em 2016: “bela, recatada e ‘do lar’”, que foi título de uma reportagem da revista *Veja*

apresentando Marcela Temer, mulher do então vice-presidente, Michel Temer – e "quase primeira-dama" nas palavras da publicação. No entanto, por ser o enunciado “um certo objeto produzido, manipulado, utilizado, transformado, composto, decomposto, destrutível” (ARAÚJO, 2001, p. 191 *apud* MARQUES, 2018, p. 120), o adjetivo “recatada” e a locução adjetiva “do lar” são substituídos pelos adjetivos “empoderada” e “inteligente”, sendo eles complementados pelas subjetivações de “bem informada”, “não tradicional” e “isenta”.

O discurso de que a mulher deve ser bela é aqui retomado tanto de forma verbal quanto não verbal. A EPM, na ilustração da parte superior da página, aparenta estar em casa, ainda assim, usa um vestido elegante e salto alto – que é a maneira como ela é representada na maioria das vezes no *zine* –, como faziam as esposas da década de 50. Nessa ilustração, ela não está realizando uma tarefa doméstica, ela lê para estar “bem informada” e não ser “alienada”.

Esses enunciados inserem-se em um domínio de memória sobre a mulher instruída, assim como este trecho de *Orgulho e preconceito*, de Jane Austen, publicado em originalmente 1813, retratando a sociedade inglesa do início do século XIX:

— Nenhuma mulher pode ser considerada prendada se não superar em muito o que se costuma fazer. Deve ter um conhecimento profundo da música, do canto, do desenho, da dança e dos idiomas modernos para merecer a qualificação; e, além de tudo isso, deve possuir algo no modo de ser e na maneira de caminhar, no tom de voz, no trato e nas expressões, para que a palavra não seja merecida senão em parte.
— Tudo isso ela deve ter — acrescentou Darcy —, e a tudo isso ela deve acrescentar algo mais essencial: o cultivo da inteligência pelas amplas leituras. (AUSTEN, 2020, p. 44)

Outra característica que a EPM precisa ter é ser “empoderada”, termo advindo do substantivo “empoderamento”, cuja definição pode ser encontrada nos trabalhos de Paulo Freire, bell hooks, Patricia Hill Collins, Angela Davis e Srilatha Batliwala. Dentre elas, citamos a desta última, a intelectual indiana Batliwala, encontrada em “Conceituando ‘empoderamento’ na perspectiva feminista”, de Cecília M. B. Sardenberg:

O termo empoderamento se refere a uma gama de atividades, da assertividade individual até a resistência, protesto e mobilização coletivas, que questionam as bases das relações de poder. No caso de indivíduos e grupos cujo acesso aos recursos e poder são determinados por classe, casta, etnicidade e gênero, o empoderamento começa quando eles não apenas reconhecem as forças sistêmicas que os oprimem, como também atuam no sentido de mudar as relações de poder existentes. Portanto, o empoderamento é um processo dirigido para a transformação da natureza e direção das forças sistêmicas que marginalizam as mulheres e outros setores excluídos em determinados contextos. (BERTH, 2019, p. 19-20)

Ao tomarmos o ato de empoderar-se como “[...] antes de mais nada, pensar em caminhos de reconstrução das bases sociopolíticas, rompendo concomitantemente com o que está posto” (BERTH, 2018, p. 16), acreditamos que essa noção se aproxima do conceito de resistência em Foucault (2006), pois também se estabelece por meio de jogos de verdade e relações de poder,

que são igualmente relações de forças a partir das quais os sujeitos desenvolvem estratégias para se oporem às opressões – como o ato de não ser uma esposa nos “moldes tracionais”. (OLIVEIRA, 2022)

Acerca da noção de resistência, Revel (2005) pontua que esta é inseparável das relações de poder, de modo que tanto as funda, como, por vezes, dela resulta, apresentando-se como “a possibilidade de criar espaços de lutas e agenciar possibilidades de transformação em toda parte (REVEL, 2005, p. 74). Nesse sentido, poder e resistência não se excluíam, e sim o oposto, pois “[...] para compreender o que são as relações de poder, talvez devêssemos investigar as formas de resistência e as tentativas de dissociar essas relações” (FOUCAULT, 2010, p. 234).

A segunda materialidade não verbal traz dois casais heterossexuais sentados em uma mesa de bar, tomando cerveja. Todos são brancos. Os homens têm cabelo e barba pretos e as mulheres (EPMs) são ruivas. Ao lado da mesa, um cachorro caramelo e atrás dele um homem branco aborrecido. O enunciado que acompanha essa ilustração, trata de como se deve dar a interação entre o casal e entre a EPM e os amigos do HF (seus “bróders”). Essa mulher, para ter um bom “papo”, precisa ver filmes sofisticados, como clássicos de *Hollywood* (filmes como *Pulp Fiction*, cujo pôster como vimos, decora uma das paredes da casa da EPM) e do cinema europeu, além de “documentários bombados do *Netflix*”. Ela precisa assisti-los, mas não pode contestar seu HF e os amigos dele com muita firmeza, caso suas opiniões sejam divergentes. E ela não deve ser sarcástica em excesso, pois faria ela parecer amarga, e “a EPM ideal é capaz de pequenas ironias, mas sempre *doce*”.

A segunda materialidade dessa página (Figura 22) salienta modos de subjetivação do sujeito EPM que “diz respeito às práticas, às técnicas, por meio das quais o sujeito faz a experiência de si mesmo em um jogo de *verdade*. Esses processos de subjetivação são diferentes e diversos nas diferentes épocas” (GREGOLIN, 2008, p. 94 apud SOUSA, 2015, p. 35, grifos da autora). A subjetivação diz respeito às práticas pelas quais o ser humano se transforma em sujeito de si para si.

A título de exemplificação de como variam esses processos de subjetivação, trazemos o artigo intitulado *Usos e costumes*, voltado para as leitoras do jornal “Diário do Maranhão”, de 26 de outubro de 1899⁴⁶, que trata das visitas e do comportamento que uma mulher deve adotar ao receber uma visita em sua casa, dizia o seguinte:

⁴⁶ SILVA, C. F. S. **A MULHER DEVE SER BELA, DEVE TER GRAÇAS E ENCANTOS**: educação de salão na São Luís republicana (1890-1920). 2011. 159 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2011. Disponível em: < <https://tede.ufma.br/jspui/handle/tede/208>>. Acesso em: 22 fev. 2023.

Uma dona de casa entendida logo que recebe as suas visitas, deve entabolar conversa com as pessoas que a visitam, de modo que as possa entreter agradavelmente. Deve ter tacto de approximar umas das outras as pessoas cujo espírito e gosto tem uma analogia.

O seu talento consiste em fazer sobressahir o espírito e a amabilidade de seus amigos, conduzindo assim a conversação de maneira a tornar sua sala agradável a todos aquelles que a freqüentarem.

Com um pouco de intelligencia saberá conversar com cada um a propósito do assumpto favorito; aos poetas, por exemplo, deve se fallar sobre as ultimas obras apparecidas; ao medico, das novas descobertas da sciencia; ao militar, da organização do exercito; ao advogado, do processo celebre do momento, a um artista, da sua arte, e a uma senhora, de penteados e mais frivolidades.

O que, porém deve evitar com cuidado escrupuloso são as intrigas e as calumnias que alimentam tão frequentemente as conversações mundanas.

Segundo propõe Foucault (2008), para encontrarmos as regularidades do enunciado precisamos descrever o funcionamento de quatro elementos que caracterizam a formação discursiva e dão unidade ao discurso. O primeiro é a regra de formação dos objetos, que diz respeito à existência de um determinado objeto no discurso. Para encontrá-la, é preciso: delimitar as suas superfícies de emergência: onde surge para depois ser diferenciado; descrever as instâncias de delimitação, ou seja, as instâncias sociais autorizadas a falar dele e por fim analisar as grades de especificação, os sistemas pelos quais um mesmo objeto é separado, reagrupado, e classificado nas diferentes instâncias que falam dele.

Estamos considerando o *zine* como superfície de emergência desses enunciados, onde há um discurso que sugere ao sujeito esposa (Figura 22) formas de cuidar da mente, de convívio social. Nelas, há diferentes grades de especificação do sujeito esposa que são as características que a tornam, no caso do MEPM, a esposa pós-moderna perfeita. As instâncias de delimitação desse objeto são a história, o social, as mídias, entre outros.

O segundo elemento é a regra de formação das modalidades enunciativas, que permite encontrar o lugar de onde vêm as formas de enunciados, o *status* do sujeito que enuncia, os lugares institucionais de onde o sujeito obtém o seu discurso e onde se legitima e encontra seu ponto de aplicação. Pensando na formação das modalidades enunciativas, estamos considerando que uma série de acontecimentos discursivos, dentre eles o feminismo, precisaram irromper possibilitando a emergência do discurso irônico sobre a esposa pós-moderna. Assim, é a mulher que tem o *status* para falar sobre si, a partir do lugar que outras mulheres estabeleceram para ela.

A regra de formação dos conceitos, terceiro elemento que caracteriza uma FD, permite investigar as relações entre as famílias de conceitos. Particularmente em relação às formas de coexistências dos enunciados sobre o intelecto feminino e seu acesso ao conhecimento, sua interação entre pares, no seu campo de presença temos enunciados que investem na divulgação

de aspectos positivos ligados à inteligência da mulher e sua interação social com outras mulheres e homens, e também enunciados que mostram se não um lado negativo, pelo menos depreciativo. Enquanto os primeiros são tomados como verdade, os segundos não são aceitos ou estimulados na atualidade. Havendo, assim, um campo de concomitância entre ambos.

O quarto elemento que caracteriza uma FD é a regra de formação de estratégias que leva em consideração, como vimos no capítulo 2, três pontos: pontos de difração (incompatibilidade), pontos de equivalência (alternância) e pontos de ligação (aparecimento). Levando em conta esses três pontos, não podemos colocar enunciados que valorizem, estimulem a inteligência, o intelecto feminino na mesma série que os enunciados misóginos, preconceituosos e depreciativos. Tais enunciados estão inseridos em um domínio de memória ao qual o discurso misógeno e depreciativo (seu lado B) estabelece um deslocamento.

Figura 23 – Do término



Apesar desse manual ter o intento de fazer o seu amor durar pra sempre, muitas vezes as **relações terminam**. Nesse caso, faça um longo texto nas redes sociais, revelando em detalhes a **falta de responsabilidade afetiva** dele, pois só mesmo um **boy lixo** para largar uma mulher **maravilhosa** como você. Cite Zygmunt Bauman para reclamar dos **amores líquidos** e descartáveis de hoje em dia.

Contudo, deixe claro que **não está sofrendo** e que ele te fez um grande favor ao ir embora. Faça uma **viagem bafo** – ou vá em uma balada divertida, se a grana estiver curta.

Poste todas as fotos das suas farras e aventuras mostrando que **solteira e livre** você está melhor do que nunca. Se você estalqueá-lo nas redes, o faça com discrição e finja surpresa quando alguém vier lhe contar novidades sobre ele. (@estarmorta, 2019, p. 15)

Fonte: Maia (2019)

A Figura 23 apresenta uma materialidade verbal e duas não verbais. A primeira das materialidades não verbais retrata a EPM sentada de pernas abertas no chão de uma cozinha, vestida com – o que parece ser – uma camisola vermelha. Ela segura uma taça de vinho com sua mão direita e com a esquerda cobre parcialmente o rosto. À sua frente há duas garrafas da bebida e do seu lado direito há um gato alaranjado. Vinculado à essa ilustração, temos um enunciado que caracteriza como deve se dar o comportamento dela caso haja um término, pois

“Apesar desse manual ter o intento de fazer seu amor durar para sempre, muitas vezes as *relações terminam*” (MAIA, 2019, p. 13, grifo da autora).

Como seu relacionamento se deu – no passado, pois a instrução agora é sobre que fazer no pós-término – na pós-modernidade, a EPM tem que fazer “um longo texto nas redes sociais” mostrando que o HF ideal não era tão ideal assim. Ela precisa “revelar em detalhes” a “falta de responsabilidade afetiva” do HF, como ele é um “boy lixo” por ter largado uma “mulher maravilhosa” como ela. E por ela ser essa mulher pós-moderna, citar Zygmunt Bauman é uma das orientações, isso para “reclamar dos amores líquidos e descartáveis de hoje em dia”.

No entanto, ela deve fazer essa postagem deixando claro que “não está sofrendo”. Ademais, orienta-se que a EPM faça uma “viagem bafo” ou vá em uma “balada divertida”, caso esteja em um mau momento financeiro. E cada uma dessas “farras e aventuras” devem ser fotografadas e postadas, para mostrar que ela está “solteira e livre” e melhor do que nunca.

O MEPM também diz o que fazer caso a EPM venha a “estalquear” o HF: fazer com discrição; e fingir surpresa quando alguém contar a ela algo sobre ele.

Ainda nessa página, o *zine* dá dicas de como deveria ser, nessa fase, um *post* no *Instagram* da EPM: uma mulher sentada de costas para a câmera, ela usa um de biquíni cor de rosa e óculos escuros e olha para uma praia da Grécia. A legenda do post – curtido por 43 pessoas – traz as *hashtags*: #plena e #poloponeso.

O enunciado “[...] fazer o seu amor durar pra sempre” presente na Figura 12, evidencia como a posição sujeito pode variar entre um enunciado e outro, e até mesmo em um único enunciado. Tal afirmativa se dá, pois assim que enuncia uma ideia de amor eterno, a posição sujeito muda para um pontua que “muitas vezes as relações terminam”. Esses sujeitos discursivos, apesar da ilusão de estarem falando de si/outrem, na verdade têm suas falas recortadas pelo sistema da língua e pela História, que impõem coerções no modo de fabricar os conceitos de amor e relacionamento.

Consideramos, em consonância ao pensamento de Foucault (2004), que esposa pós-moderna se apresenta como uma produção. Cada singular enunciação no interior da descontinuidade histórica é traço na constituição desse sujeito. Dessa forma, se o discurso é apreendido como grupos de enunciados que se apoiam no mesmo sistema de formação, é por meio deles que os sujeitos são desenhados nos dispositivos históricos que regem a proliferação dos saberes. São os poderes que autorizam os saberes. Nas imbricadas tramas entre discursos/saberes/poderes, percebemos que a constituição dos sujeitos ocorre nos movimentos dessas teias; qualquer análise que se proponha a identificar a produção discursiva do que é ser um sujeito deve passar por esses três polos sobre os quais os postulados de Foucault recaem.

Pensando na ideia de “sujeito fabricação”, um produto histórico nas tramas discursivas, compreendemos que as orientações dadas, para o caso do término do relacionamento, se inscrevem, assim como ele, na descontinuidade histórica. Assim as orientações – lembrando que o suporte desse(s) enunciado(s) é um manual – dadas às mulheres pós-modernas de como agir após um término são diferentes das que recebiam as mulheres de outrora. Salientando o tempo – inclusive citando um teórico que estuda a pós-modernidade –, as orientações focam em como ela deve ser portar nas redes sociais. Assim ela projeta uma versão de si que “não está sofrendo”, que “está melhor do que nunca”.

Figura 24 – Palavras finais



Lembre-se de seguir essas regras mesmo quando estiver solteira, pois é importante não perder a prática e estar afiada quando aquele macho incrível bater na sua porta. Ser uma EPM não é apenas um estado civil. **É um estado de espírito.** (@estarmorta, 2019, p. 16)

Fonte: Maia (2019)

A última página do *zine* traz três materialidades não verbais, três representações da EPM: uma mulher negra – a única retratada no manual –, vestindo uma camisa branca com um avental azul por cima, carrega uma bandeja com um bule e uma xícara; uma ruiva, vestindo camisa cor de rosa que aparenta ter acabado de lavar louça e se mira no reflexo de uma frigideira, e uma morena, usando um vestido branco estampado com bolinhas pretas, sapatilhas vermelhas e luvas amarelas, ela está passando esfregão no que parece ser a sala de estar.

Vinculado a essas materialidades, está o enunciado que dialoga com elas e que afirma que ser uma EPM “não é apenas um estado civil. *É um estado de espírito.*” (MAIA, 2019, p. 16), logo ela precisa seguir as regras enunciadas anteriormente mesmo quando estiver solteira, para “não perder a prática e estar afiada quando aquele macho incrível bater a sua porta”

(MAIA, 2019, p. 16). Aqui a ironia se desfecha: a objetivação do homem ideal na subjetivação da esposa pós-moderna, aquela que não quer o HF, e sim o macho, o provedor, o super-homem.

Como já afirmamos, a concretude material das séries enunciativas e dos enunciados que as integram, é o *zine*. Os enunciados não verbais presentes nessa última página do manual atestam que eles estão na ordem do repetível. As EPMS retratadas nessas ilustrações correlacionam-se com as que ilustravam os manuais das esposas da década de 1950 e que, como afirma Maia, serviram de inspiração para criação do MEPM.

Ainda a respeito da questão da materialidade, também consideramos pertinente o pensamento de Navarro (2004, p. 111 apud MARQUES, 2018, p. 39): A materialidade do enunciado remete, portanto, às condições de possibilidade – um mesmo espaço de distribuição, a mesma repartição de singularidades, a mesma ordem de lugares e locais e a mesma relação com o meio instituído – que o tornam repetível”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma das epígrafes que utilizamos neste trabalho é um trecho da canção *Irônico*, da cantora brasileira Clarice Falcão. Nela, Falcão versa sobre todas as vezes e de todas as formas que foi irônica com a pessoa com quem se relacionava, fingindo gostar dela ou comparando seu gostar com coisas que as pessoas geralmente não gostam. A ironia também se faz presente em nosso material de análise, pois, assim como na música, o enunciado se transfere de um campo de aplicação ao outro, no caso um irônico, no intuito de expressar o contrário daquilo que *de fato* se expressa.

A nosso ver, o sujeito que enuncia o *zine* retoma enunciados sobre o papel da esposa, como deve cuidar da casa e das contas, e sobre o comportamento feminino de modo geral, orientando como a mulher casada deve cuidar da mente (psiquê) e do corpo (beleza, sexo e liberdade afetiva). Além de orientá-la como deve lidar com seu parceiro e como deve se portar com amigos dele e também, já que o contexto sócio-histórico é a pós-modernidade, nas redes sociais, tanto durante, quanto após o relacionamento.

A construção do sujeito esposa pós-moderna de uma experiência de sua existência, uma prática de si, ocorre com e nos variados discursos e nas distintas formações discursivas que formam saberes sobre ela. Tais discursos se inscrevem na produção de uma verdade sobre si, ou seja, constituem-se em uma prática de subjetivação.

Temos acesso a essas práticas de subjetivação por uma prática de significação, que nos possibilita analisar as tecnologias de poder que objetivam o sujeito esposa pós-moderna e as técnicas de si com as quais eles efetuam ações sobre si, seja sozinho ou com o auxílio de outros sujeitos. É pela análise da produção, circulação e funcionamento dos enunciados sobre ser esposa em contrapontos com que se fazem presentes no *zine*, sendo esse apenas um suporte de mídia, que podemos compreender a maneira como esse dispositivo (a mídia) agencia discursos que promovem diferentes formas de governo dos sujeitos.

Assim, a mídia é aqui considerada como dispositivo normalizador que inclui/exclui o sujeito esposa pós-moderna ao adotar uma positividade que se liga a práticas sociais que se dão enquanto verdades de uma época. A mídia como reprodutora de práticas sociais, toma esses discursos e propõe aos sujeitos EPM modos de expor seu relacionamento que normatizam as construções identitárias das esposas e modificam os processos de subjetivação desses sujeitos.

Entretanto, isso não significa que, em sua essência, as propostas da mídia sejam todas negativas, pois a norma não tem por função excluir, rejeitar. Ela está sempre ligada a uma

técnica positiva de intervenção e de transformação, uma espécie de poder normativo, que interfere na produção de identidades.

Os discursos agenciados pela mídia integram um arquivo que define a lei da enunciabilidade e da visibilidade, ou seja, o que pode ser dito e visto, assim como quem pode falar e ser visto, o que implica seleções e exclusões de enunciados e enunciadoreis.

Antes de começarmos a perseguir nosso objeto, apresentamos no primeiro capítulo, intitulado **Estudos discursivos foucaultianos: teoria e método**, uma breve discussão sobre a trajetória do filósofo Michel Foucault, do seu encontro com a Análise do Discurso e de seu método arqueogenealógico, mobilizando as noções teórico-analíticas: enunciado, discurso, formação discursiva e arquivo.

No capítulo dois, intitulado **O sujeito pós-moderno**, discutimos a noção de pós-modernidade para buscar entender como se dão os relacionamentos nesse contexto sócio-histórico. Ainda nesse capítulo, mobilizamos a noção foucaultiana de modos de objetivação/subjetivação para discutir a constituição do sujeito esposa pós-moderna, nosso objeto de estudo.

Em seguida, no capítulo três, intitulado **Manual da esposa pós-moderna: constituição do sujeito**, apresentamos uma breve discussão acerca do movimento feminista, tão caro ao nosso *corpus*; posteriormente apresentamos uma breve discussão da Parte I do *zine*, onde o sujeito Homem Feminista é discursivizado e objetivado e depois discutimos como se dá a organização do MEPM. Nesse capítulo, apresentamos as análises de nossas quatro séries enunciativas – Rainha do Lar, Bela e saudável, Sexualmente resolvida e zero ciumenta, Empoderada, conforme as regularidades discursivas –, mobilizando as noções de enunciado, discurso formação discursiva e arquivo discutidas no capítulo 1, além das discussões acerca da dos relacionamentos na pós-modernidade e dos modos objetivação/subjetivação realizadas no capítulo 2.

Ao nos lançarmos nessa empreitada, buscamos responder ao questionamento “Como o sujeito esposa pós-moderna é discursivizado no *zine Manual da esposa pós-moderna*?”. Concluimos que o sujeito esposa pós-moderna é constituído numa relação intrínseca entre sujeito, história e sociedade, isso porque, em uma perspectiva discursiva, não dá para dissociar o sujeito dos fatores internos e externos que os constituem, ou seja, não dá para pensar o processo de formação do sujeito esposa pós-moderna, inscrito no *zine*, sem levar em conta a prática e o *lôcus* que sustentam as discursividades que o produz. Nessa materialidade, a ironia é um procedimento discursivo que movimenta a produção de sentidos e memórias no gênero discursivo *zine*.

A ironia se perfaz em um jogo de (des)continuidade de memórias no interior de um arquivo sobre a mulher esposa pós-moderna. Ao dar dicas sobre o que é ser uma esposa pós-moderna, o *zine* mostra os entornos do sujeito esposa nas relações líquidas (os amores não duram para sempre), nos discursos que constroem essas relações (como as esposas devem ser para agradar o seu homem).

REFERÊNCIAS

ALVES, G. R. A; BECKER, E. L. S. Manuais de etiqueta e sua importância na formação das mulheres. **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**, v. 41, n. 3, p. e48937, 26 nov. 2019.

AUSTEN, J. **Orgulho e preconceito**. São Paulo: Martin Claret, 2020.

BADINTER, Elisabeth. **Um Amor conquistado**: o mito do amor materno. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Tradução Plínio Dentzen. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BAZZA, A. B. A constituição da subjetividade no discurso do idoso sobre si. *Linguagem em (Dis)curso* [online]. 2016, v. 16, n. 03, p. 449-464. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1982-4017-160305-1416>>. Acesso em: 02 out. 2021.

BERTH, J. **Empoderamento**. São Paulo: Pólen, 2019.

BERTH, J. **O que é empoderamento?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

BORSA, J.; FEIL, C. O papel da mulher no contexto familiar: uma breve reflexão. **Psicologia.com.pt**, v. 185, p. 1-12, 2008.

BROWN JR., H. J. **Pequeno manual de instruções para vida**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2010.

CALACHE, B. Amor ou cilada? Cartunista lança manual de como lidar com homem "feminista". In: **Universa. UOL**. 23 out. 2019. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2019/10/23/amor-ou-cilada-cartunista-lanca-manual-de-como-lidar-com-homem-feminista.htm>>. Acesso em: 13 ago. 2020.

CARVALHO, C. M. B de. **A genealogia do patrimônio em São Luís**: da Atenas à capital da diversidade. 2009. 150f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa), Programa Linguística e Língua Portuguesa – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2009.

CERQUEIRA, J. F. O. Da poligamia à monogamia: como a propriedade privada e o estado moldaram a proteção conferida ao âmbito familiar pelo ordenamento jurídico através dos códigos civis brasileiros. **Instituto Brasileiro de Direito de Família (IBDFAM)**, 2020.

CHAVES, J. C. **Contextuais e pragmáticos: os relacionamentos amorosos na pós-modernidade**, 2004. 212 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social e da Personalidade) - Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004.

CRUZ, M. F. **Mulher e moda – nos entremeios do dispositivo midiático na São Luís de meados do século XIX**. 2019. 73f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Universidade Federal do Maranhão, 2019.

CRUZ, M. F.; CUTRIM, I. G. O sujeito “homem feminista” discursivizado no site superela.com. In: CUTRIM, I. G.; CRUZ, M. S.; FARIA, M.G. S. **Práticas discursivas em espaço digital**. São Luís: EDUFMA, 2021. p. 54-78.

DELEUZE, G. **Michel Foucault: formações históricas**. Trad. Claudio Medeiros e Mário Marino. São Paulo: n-1 edições e editora filosófica Politeia, 2017.

DELEUZE, G. O que é um dispositivo? In: DELEUZE, G. **O mistério de Ariana**. Lisboa: Ed. Veja/Passagens, 1996.

DELEUZE, G. Um novo arquivista. In: **Foucault**; tradução de Claudia Sant’Anna Martins. São Paulo: Brasiliense, 2005, p. 13-32.

DUGNANI, P.; CRUZ, L. A. Mitologia e pós-modernidade: Proteu, Argos e Narciso, os mitos e seus reflexos na sociedade. **Anuário de Produção Acadêmica Docente, Sistema Anhanguera de Revistas Eletrônicas – SARE**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 201-206, out. 2007.

EAGLETON, T. **As Ilusões do Pós-Modernismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

ESPERANDIO, M. R. G. **Para entender pós-modernidade**. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

FERNANDES, C A. Discurso e produção de subjetividade em Michel Foucault. **Laboratório de Estudos Discursivos Foucaultianos**, Uberlândia-MG, Ano 2, p. 1-16, 2011. Disponível em: <<http://www.foucault.ileel.ufu.br/ledif/publicacoes/discurso-e-producao-de-subjetividade-em-michel-foucault>>. Acesso em: 18 abr. 2021.

FOUCAULT, M. “Eu Sou Um Pirotécnico”. In: POL-DROIT, R.; FOUCAULT, M. **Entrevistas**. São Paulo: Graal, 2006, p. 67-100.

FOUCAULT, M. **A Arqueologia do Saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1986. Contracapa e p. 89-99.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**; tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 8ed [Reimpr.]. Rio de Janeiro: Forense, 2020.

FOUCAULT, M. **A Hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

FOUCAULT, M. **História da loucura na Idade Clássica**. 11 ed. Editora: Perspectiva, 2019.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade 2: o uso dos prazeres**. Tradução Maria Theresa da Costa. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade 3: o cuidado de si**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 7 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert L. e RABINOW, Paul. **Michel Foucault. Uma trajetória filosófica**. 2ed., rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. 231-249.

FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert L. RABINOW, Paul. **Michel Foucault. Uma Trajetória Filosófica**. Para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 273-295.

FOUCAULT, M. Resposta a uma questão. **Ditos & Escritos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, vol. VI, 2010, p. 1-24.

FRANCHINI, B. S. O que são as ondas do feminismo? In: **Revista QG Feminista. Medium**. 2017. Disponível em: <https://medium.com/qg-feminista/o-que-s%C3%A3o-as-ondas-do-feminismoeeed092dae3a>. Acesso em: 16 jan. 2022.

GIDDENS, A. **A transformação da intimidade: sexo, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: Editora UNESP, 1993.

GLENS, M. V. Por que chamamos o homem de marido e a mulher de mulher?. In: **Psicanálise e Política**. Disponível em: < <https://psibr.com.br/colunas/mathias-glens/por-que-chamamos-o-homem-de-marido-e-a-mulher-de-mulher>>. Acesso em: 09 mar. 2022.

GODOI, M. R. L. **Produção de identidade e modos de objetivação/subjetivação do sujeito tatuado na revista Inked**. 2015. 302 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

GONÇALVES, S. C. O método arqueológico de análise discursiva: o percurso metodológico de Michel Foucault. **Revista História e-história**. Campinas (SP); Unicamp, p.1-21, 2009.

GREGOLIN, M do R. **Foucault e Pêcheux na análise do discurso: diálogos e duelos**. 2 ed. São Carlos: Editora Claraluz, 2006.

GREGOLIN, M do R. O enunciado e o arquivo: Foucault (entre)vistas. In: SARGENTINI, V; NAVARRO, P. **Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade**. São Carlos: Claraluz; 2004. pp. 23-44

GREGOLIN, M. do R.; BARONAS, R. **Análise do Discurso: materialidades do sentido**. São Carlos: Claraluz, 2003.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva; Guaracira Lopes Louro 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HINTZ, H. C. Novos tempos, novas famílias? Da modernidade à pós-modernidade. **Pensando famílias**, v. 3, n. 1, p. 8-19, 2001.

KESSLER, C. S. Novas formas de relacionamento: fim do amor romântico ou um novo amor-consumo?. Sociedade e Cultura [on-line]. 2013, 16(2), 363-374. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=70332866012>>. Acesso em: 21 fev. 2023.

LAGO, G. de C. P. **Conectividade: um estudo sobre o amor pós-moderno**. 2009. 88f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

LEAL, Tatiane. O sentimento que nos faz irmãs: construções discursivas da sororidade em mídias sociais. **Revista ECO-Pós**, v. 23, n. 3, p. 139-164, 2020.

LOURENÇO, D. **Fanzine: procedimentos construtivos em mídia táctica impressa**. 2006. Tese de Doutorado. Dissertação de Mestrado (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo–PUC/SP). São Paulo: PUC.

MAIA, B/ @ESTARMORTA. **Manual da esposa pós-moderna**. [S.l.]. La Tosca, 2019.

MARQUES, M. S. **De funcionário a servidor, nas tramas dos saberes: práticas discursivas na fabricação do funcionário público estadual maranhense**. 2018. 144 folhas. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Letras/CCH) - Universidade Federal do Maranhão, São Luís.

MAZZOLA, R. B. **Análise do discurso e ciberespaço: heterotopias contemporâneas**. 2010. 135 p. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2010.

MIRANDA, M. G. G. P. **O Estatuto da Mulher Casada de 1962**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2013. Disponível em: < <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/90299> > Acesso em: 21 fev. 2023.

NAVARRO, P. Estudos discursivos foucaultianos: questões de método para análise de discursos. **MOARA – Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras**, [S.l.], v. 1, n. 57, p. 08-33, dez. 2020.

NEVES, I. dos S. GREGOLIN, M. do R. A Arqueogenealogia Foucaultiana como lente para a análise do Governo da Língua Portuguesa no Brasil: continuidades e disrupções. **Revista Moara**. Belém, Edição 57, Vol. 2/jan -jul 2021, p. 8-32. Disponível em: <<https://periodicos.ufpa.br/index.pnh.moara/article/view/2633>>. Acesso em: 22 ago. 2022.

OKSALA, J. Da arqueologia à genealogia. In: _____. **Como ler Foucault**. Tradução de Maria Luiza X. de Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. cap. 5, p. 59-70.

OLIVEIRA, P. R. R. D. **A constituição de youtubers negras em videografias de si: descoberta da negritude, pertencimento étnico-racial e empoderamento feminino**. 2022. Tese (Doutorado) – Curso de Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pau de Ferros, 2022. Disponível em: < <https://propeg.uern.br/ppgl/default.asp?item=tesesDefendidasem2022> >. Acesso em: 23 fev. 2023.

PRADO, G. **No mundo das aparências: uma análise do discurso publicitário da moda**. 2009. 136 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e ensino) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

REVEL, Judith. **Michel Foucault: conceitos essenciais**. Tradução: Carlos Piovezani Filho e Nilton Milanez. São Carlos: Claraluz, 2005.

RIBEIRO, D. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RODRIGUES, Y. Por que ainda falamos “marido e mulher”? In: **Além do roteiro**. 30 ag. 205. Disponível em: <<https://alemdoroteiro.com/2015/08/30/marido-e-mulher/>>. Acesso em: 09 mar. 2022.

SANTOS, D. O amor nos tempos de Facebook. Narrativas amorosas e performances de si em sites de redes sociais¹. In: XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Intercom-Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, **Anais...** São Paulo, 2016. Disponível em: <<https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-1928-1.pdf>>. Acesso em: 21 fev. 2023.

SANTOS, D. O amor nos tempos de Facebook. Narrativas amorosas e performances de si em sites de redes sociais. In: XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Intercom-Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, **Anais...** São Paulo, 2016. Disponível em: <<https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-1928-1.pdf>>. Acesso em: 21 fev. 2023.

SCHRUPP, A.; PATU. **Uma breve história do feminismo no contexto euro-americano**. Tradução de Eline Alves Kraus; ilustrações de Patu. São Paulo: Blucher, 2019.

SCOTT, A. S. Família. O caleidoscópio dos arranjos familiares. In: PINSKY, C. B; PEDRO, J. M. **Nova História das mulheres no Brasil**. 1. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.

SILVA JUNIOR, F. C. da; CRUZ, M. da S. Uma leitura arqueogenealógica do racismo estrutural em instituições do sistema de justiça do Maranhão. **MOARA – Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras**, [S.l.], v. 1, n. 57, p. 110-125, dez. 2020.

SILVA, C. F. S. “**A mulher deve ser bela, deve ter graças e encantos**”: educação de salão na São Luís republicana (1890-1920). 2011. 156f. Dissertação (Mestrado em educação), Programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2011.

SIQUEIRA, V. **As formações discursivas – A Arqueologia do Saber**. Colunas Tortas. Disponível em: <<https://colunastortas.com.br/as-formacoes-discursivas-arqueologia-do-saber/>> Acesso em: 12 jul. 2022.

SOUSA, C. **Governamentalidade, corpo e imagem: a constituição do sujeito fumante em companhias antitabagistas nas embalagens de cigarro**. 2015. 138 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

SOUSA, C. **DISCURSO, MÍDIA E IDENTIDADE**: uma arqueogenealogia do sujeito quilombola nas páginas do Jornal O Estado do Maranhão. 2020. 345 f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2020. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/191978>>. Acesso em: 21 fev. 2021.

SOUSA, C.; CUTRIM, I. G. Práticas discursivas e função enunciativa na constituição do sujeito quilombola. **MOARA - Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras**, v. 2, n. 40, p. 47-56, 2016.

TOST, S. P. El nuevo (e indignante) manual de la esposa perfecta, según la ciência. In: **El País**. 14 fev. 2018. Disponível em: <https://elpais.com/elpais/2018/02/09/album/1518194290_245090.html>. Acesso em: 11 mar. 2022.

TURAMBAR, P. Por que Marido & “Mulher”? In: **Medium.com**. 26 fev. 2018. Disponível em: <<https://medium.com/cr%C3%B4nicas-do-cotidiano/por-que-marido-mulher-c67d5472f083>>. Acesso em: 09 mar. 2022.

VALE, L. M. do.; CUTRIM, I. G. **Nas malhas do discurso**: a mulher empresária na revista de colonismo social Deluxe. 2020. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Letras. Universidade Federal do Maranhão, 2020.

VALE, L. M. do.; CUTRIM, I. G. O dispositivo mídia como prática de objetivação do sujeito mulher empresária. **Revista Letras Raras**, v. 8, n. 4, dez, 2019. Disponível em: <<http://revistas.ufcg.edu.br/ch/index.php/RLR/article/view/1497>> Acesso: 12 set. 2022.

VOSS, J.; NAVARRO, P. A noção de enunciado Reitor de Michel Foucault e a análise de objetos discursivos midiáticos. **Linguagem em (Dis)curso**, [S.l.], v. 13, n. 1, p. 95-116, jun. 2013.

WOS, A. Terapia Tântrica pode ajudar a tratar traumas emocionais. In: **Instituto Gr(i)s**. 1 jun. 2020. Disponível em: <<https://institutogris.com.br/2020/06/01/terapia-tantrica-pode-ajudar-a-tratar-traumas-emocionais/#:~:text=A%20terapia%20t%C3%A2ntrica%20n%C3%A3o%20%C3%A9,a%20capacidade%20de%20ter%20prazer.>>. Acesso em: 9 maio. 2022.

YALOM, M. **A história da esposa**: da Virgem Maria a Madonna – o papel da mulher casada dos tempos bíblicos até hoje. Tradução Priscilla Coutinho. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

ZANELLO, Valeska. Dispositivo materno e processos de subjetivação: desafios para a psicologia. In: ZANELLO, Valeska; PORTO, Madge (Org.). **Aborto e (não) desejo de maternidade(s)**: questões para a psicologia. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2016. p. 103-122.

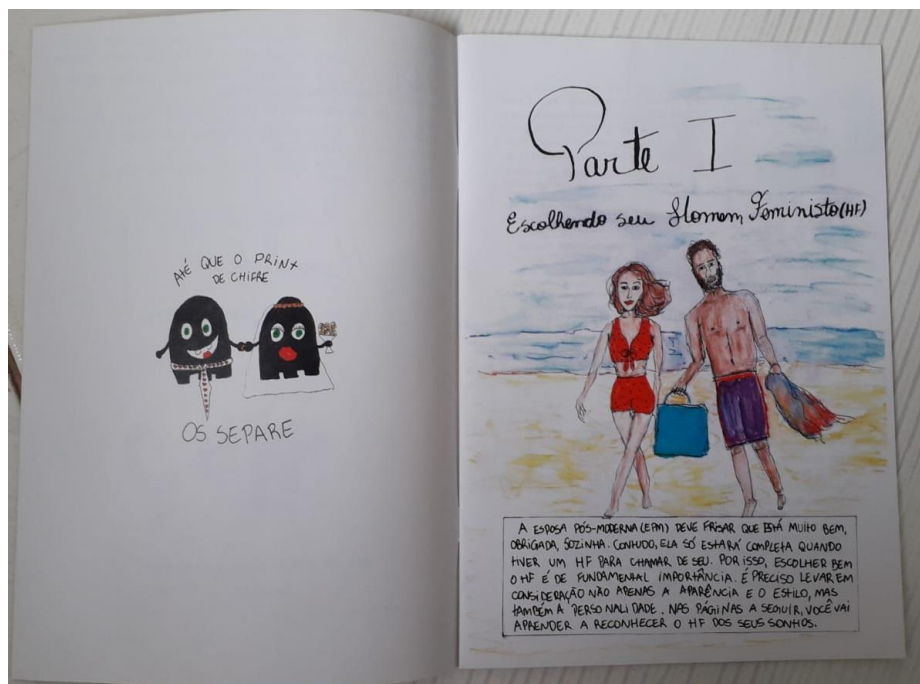
ANEXOS 1 – MEPM



Fonte: Maia (2019)



Fonte: Maia (2019)



Fonte: Maia (2019)



Fonte: Maia (2019)



Fonte: Maia (2019)



Fonte: Maia (2019)



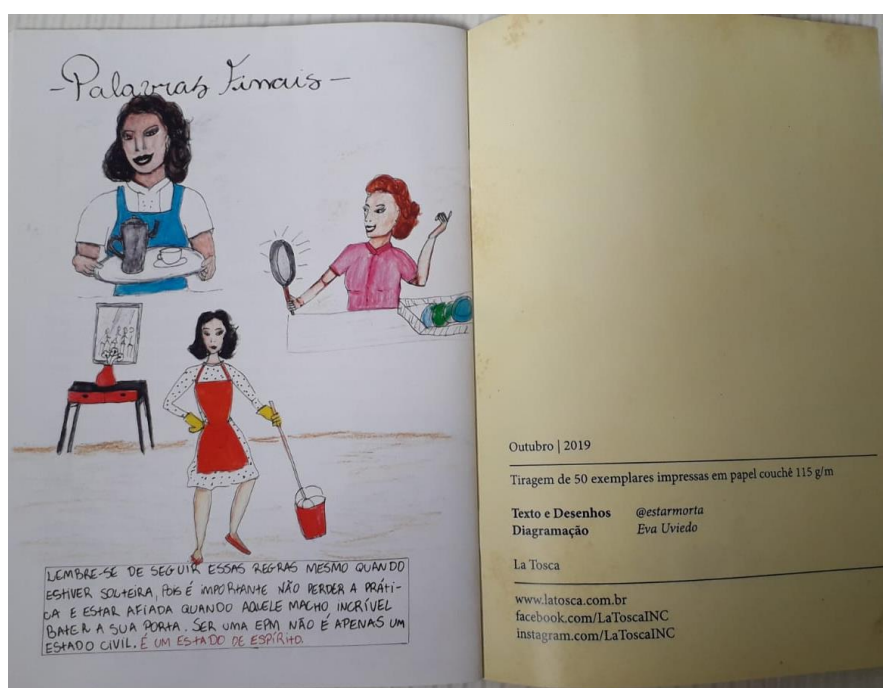
Fonte: Maia (2019)



Fonte: Maia (2019)



Fonte: Maia (2019)



Fonte: Maia (2019)